ELOGIOS HISTORICOS
DOS
SENHORES REIS
DE PORTUGAL,

ESCRITOS

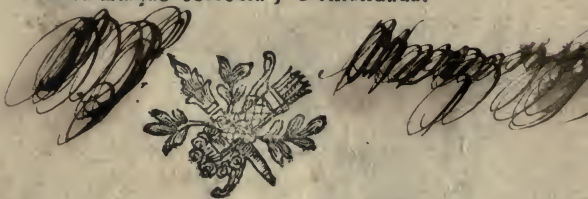
POR Fr. BERNARDO DE BRITO,

Chronista Geral, e Monge da Ordem de S. Bernardo,

E MODERNAMENTE ADDICIONADOS

PELO PADRE D. JOSÉ BARBOSA,

Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Casa de Bragança,

Nova Ediçaõ correcta, e emendada.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1786.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Fr. B.do de Brito morreo em 1617

PROLOGO
DO EDITOR.

QUASI todas as Nações tem o costume de reimprimir aquellas Obras de que se possa tirar fructo, e utilidade. Animado deste zelo intentei reimprimir estes *Elogios Historicos dos Senhores Reis de Portugal*; porque em taõ pequeno Volume se acha em resumo quasi toda a nossa Historia Portugueza; serve este *Compendio* de muita utilidade; porque quem naõ póde abranger toda a nossa Historia pelos numerosos Volumes em que está escrita, (posto que modernamente se acha mais methodica na de Mr. la Clede *, e na do nosso incansavel Portuguez Damiaõ Antonio de Lemos Faria, e Cas-

(*) A Historia Geral de Portugal, escrita em Francez por Mr. la Clede, e traduzida em Portuguez, em 8. grande, 16 Volumes: *Já ha oito impressos, e brevemente publicarei os mais.*

tro **) achará neſte Livro com que poſſa conhecer o que nós fomos, e poderemos ſer, ſe imitarmos as Virtudes, e Façanhas, que nos ditos *Elogios* ſe louvaõ, e narraõ.

Creio que terá toda a aceitaçaõ, lembrando-ſe o Público de que em nada mais cuido, do que em lhe fazer vulgares todos aquelles Livros em que ſe poſſaõ inſtruir, e desebuſar. Pois da frequente liçaõ he que os Homens podem adquirir conhecimentos proveitoſos, emenda dos vicios, obediencia aos Soberanos, e ſuperiores; reſpeito á Religiaõ, uniaõ, e amor aos outros ſeus concidadãos; mórmente da Hiſtoria', que he a Eſcóla do Mundo, a Meſtra da vida, e a Teſtemunha dos tempos.

ELO-

(**) A Hiſtoria Geral de Portugal, e ſuas Conquiſtas, deſde o ſeu principio até agora, compoſta, e dedicada á Rainha Noſſa Senhora D. Maria I. por Damiaõ Antonio de Lemos Faria e Caſtro, em 8. 20 Volumes : *Já ha dous impreſſos, e os mais eſtaõ-ſe imprimindo.*

Vendem-ſe ambas eſtas Hiſtorias em Caſa de Franciſco Rolland, *Impreſſor-Livreiro em Lisboa, ao Bairro alto, na eſquina da rua do Nórte.*

ELOGIO

Do Conde D. Henrique.

HENRIQUE Conde de Portugal, e tronco dos Reis que depois o ſenhoreáraõ, foi natural de Beſançon filho de Guido Conde de Vernol, e de Joanna filha de Geroldo Duque de Borgonha (ſegundo a melhor opiniaõ) o qual com zelo da exaltaçaõ da Fé Catholica, e deſejo de alcançar fama pelas armas, ouvindo as continuas guerras que el Rei D. Affonſo VI. de Caſtella trazia com os Mouros, e a fama que em França, e nas mais partes de Europa, corria das conquiſtas de Ruy Dias de Bivar chamado por excellencia o Cide: ſe veio a Heſpanha em companhia de ſeu primo Raimundo de Borgonha, e de Raimundo Conde de Tholoſa, e de S. Gil, a quem el Rei D. Affonſo eſtimou como merecia o eſtado, e qualidade de taes peſſoas, e vendo nas batalhas, e recontros o extremo de valentia de cada hum delles em particular no cerco de Lisboa que el Rei ganhou aos Mouros, deixando-os por ſeus tributarios, no qual o Conde

de D. Henrique fez obras maravilhosas : lhe quiz satisfazer seu bom soccorro casando-os a todos com tres filhas suas , a primeira das quaes chamada D. Urraca , deo a Raimundo de Borgonha , e as terras de Galiza em dote, com titulo de Condado ; ao Conde de Tholosa casou com D. Elvira , e a D. Henrique com D. Theresa , que houve em D. Ximena Nunes de Gusmaõ , dona de sangue taõ illustre , que fez crer a muitos Authores , que el Rei a receberia por mulher , e seriaõ legitimos os filhos que della teve , contra o parecer dos mais antigos.

Deraõ-se em dote a D. Henrique ás terras que em Portugal eraõ ganhadas aos Mouros (algumas das quaes saõ hoje do Reino de Galiza) com titulo de Condado , e a conquista das que ainda tinhaõ usurpadas , que era a maior parte do que hoje he Reino de Portugal , sobre a libertaçaõ das quaes o Conde fez tantas obras valerosas , que rompendo em batalha a el Rei de Lamego , ao de Viseu , e a outros senhores de menos conta , que havia pela Beira (os quaes vendo-se vassallos de hum senhor particular , tomáraõ as armas com esperança de liberdade) desoccupou as terras que ha entre os rios Douro , e Mondego , que entaõ servia de raia entre Mouros, e Christãos : e como o seu animo era cheio de piedade naõ se descuidou na guerra do que

con-

convinha ao bom governo da paz, e ao culto Divino, porque fez reſtituir a dignidade Epiſcopal ás Cidades de Viſeu, e Lamego, e augmentou as rendas ao Arcebiſpo de Braga, e Biſpo de Coimbra, e á ſua propria cuſta levantou de novo as Igrejas Cathedraes, algumas das quaes permanecem em noſſos tempos.

Suſtentou dous cercos em Coimbra. Rompeo os Mouros em dezaſete batalhas, ganhoulhe duas Cidades, e muitas Villas, e Caſtellos fortes; e reſuſcitou o nome Portuguez com a Cidade do Porto que engrandeceo, e fortificou no lugar onde ora eſtá, e fez nella Igreja Cathedral, que a Rainha D. Thereſa ſua mulher depois ennobreceo com rendas, que deo ao Biſpo D. Hugo, e aos Conegos no anno de mil e cento e vinte, e como neſte meio tempo ſuccedeſſe a conquiſta da Terra Santa, e correſſe a fama de Gofredo de Bulhon primeiro Rei de Hieruſalem, cheio o Conde de ſanta enveja, e levado mais da piedade Chriſtã, que de bom governo de eſtado, fez pazes com os inimigos de caſa por inquietar os que viviaõ em Suria, deixando ſuas terras arriſcadas por dar ſoccorro ás alheas, e com o numero de gente conveniente á ſua reputaçaõ, e eſtado, partio da Cidade do Porto, de volta com Hugo de Luſignhano ſeu parente, e outros Principes Eſtrangeiros das partes do Norte que hiaõ na meſma derrota,

to-

todos os quaes foraõ nas aparencias exteriores mui bem recebidos em Conſtantinopla pelo Imperador Alexio Conneno, e no particular vendidos aos Turcos, a quem o enganoſo Imperador deo aviſo do tempo, e modo com que poderiaõ desbaratar os Latinos, que por ſeu conſelho caminhavaõ divididos em varios eſquadrões, e cahiraõ tarde na falſidade do Grego, a enveja do qual lhe foi mais danoſa que as armas Turqueſcas, pelo meio das quaes, e de muitos trabalhos, e contraſtes chegou o Conde D. Henrique com alguma parte dos ſeus á Cidade de Anthioquia, e dahi em companhia de ſeu cunhado D. Raimundo Conde de Tholoſa, que já lá eſtava, poz cerco a huma Cidade maritima chamada Tortoſa, que ganharaõ depois de varios recontros, e deraõ o ſenhorio della ao Conde de Tholoſa pelas grandes couſas em armas que fez em ſua conquiſta.

Paſſando depois diſto o Conde D. Henrique em Paleſtina andou viſitando aquelles Santos lugares, onde Chriſto obrou nóſſa redempçaõ, e peleijando com os inimigos da Fé, com animo igual ao zelo, que o movera a partir de ſuas terras, para as quaes ſe tornou, naõ a deſcançar, mas a emprender novas conquiſtas contra os Mouros, e contra os Lionenſes, que ſem cauſa lhe inquietaraõ ſeus vaſſallos no tempo de ſua auſencia: aos

quaes

quaes ganhou muitas terras, e de caminho (dissimulando com seus aggravos) visitou o Imperador de Constantinopla de quem houve muitas reliquias, em particular hum braço de S. Lucas Evangelista, que poz na Sé da Cidade de Braga, onde hoje se conserva por irrefragavel testemunha desta santa viagem, que hum Historiador moderno se atreveo a negar.

Andando na força de suas conquistas, e tendo apertada com duro cerco a Cidade de Astorga lhe sobreveio a ultima infirmidade, sendo o Conde já de setenta e sete annos, havendo vinte e hum que tinha o senhorio de Portugal, e deixando seu filho D. Affonso em idade de dezoito, a quem primeiro de espirar deo grandes conselhos, tanto para o governo da paz como da guerra, e tomados todos os Sacramentos, deo sua alma ao Senhor no anno de mil e cento e doze.

Foi o Conde homem grande de corpo, de presença alegre, e veneravel, teve o cabello louro, e os olhos azuis, como diz sua Historia, e o mostra hum retrato de illuminaçaõ antiga, que temos em huma Biblia de maõ antiquissima, onde na primeira folha do Prologo está a figura do Conde armado de armas brancas, e ordinariamente o pintaõ com a coroa de louro, que por naõ ser Rei, e ser taõ victorioso o fazem assim.

As

As terras de que o Conde deixou por abſoluto Senhor a ſeu filho D. Affonſo, foraõ todo Entre-Douro e Minho, e por dentro de Galliza até o Caſtello de Lobeyra, e muito mais a dentro contra as Aſturias. A terra de Tras-os-Montes, e a Beira até o Mondego, de todas as quaes terras era a Cidade de Braga cabeça no eſpiritual, e Coimbra no temporal.

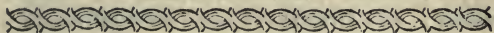
Pagavaõ-lhe tributo os Alcaides de Leiria, e Torres-Novas, que depois de ſua morte ſe rebelláraõ, e cuſtáraõ muito a domar.

Foi ſepultado na Sé de Braga em huma Capella particular, donde o trasladou o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa para a Capella Mór no anno de Chriſto de mil e quinhentos e treze.

Os filhos que o Conde D. Henrique teve da Rainha D. Thereſa ſua mulher, foraõ D. Affonſo Henriques, que depois foi Rei de Portugal; D. Urraca, que caſou com D. Bermudes Paes, Conde de Traſtamara; D. Thereſa mulher de D. Fernaõ Mendes, Grande Senhor em Galliza.

D. Pedro Affonſo, que houve em huma Dona de nobre geraçaõ, o qual ſendo moço ſeguio as armas com grande applauſo do mundo, e depois a vida Monaſtica no inſigne Moſteiro de Santa Maria de Alcobaça, onde com mortificaçaõ, e penitencia cremos que conquiſtou a gloria, como já contei em ſua vida,

na

na primeira parte da Chronica de Cifter, e contarei na terceira parte da Monarquia Lufitana, para onde fica tambem a relaçaõ diffufa das grandezas defte famofo Conde, tronco, e primeira origem dos Reis de Portugal, &c.

ELOGIO

Del Rei D. Affonfo Henriques, primeiro de Portugal.

NASCEO el Rei D. Affonfo Henriques na Villa de Guimarães no mez de Julho do anno de Chrifto de mil e noventa e quatro. Foi entregue a Egas Moniz, Fidalgo nobilliffimo, e de geraçaõ antiga, e mui abalifada em Portugal, e ainda que no principio cuidáraõ todos que o menino naõ viveffe, ou vivendo naõ foffe util para governo, por fer notavelmente aleijado das pernas, feu Ayo com romarias, e devoções impetrou na Ermida de Noffa Senhora de Carquere (que depois foi Mofteiro de Conegos Regrantes, e hoje tem a renda delle os Padres da Companhia de Jefus) faude para o Infante, e contentamento univerfal para o Povo.

Criou-

Criou-ſe até idade de doze annos em poder de ſeu Ayo, e dahi em diante começou a ſeguir as armas em que ſahio eſtremado, e como por fallecimento do Conde D. Henrique ſeu pai, ficaſſe embaraçado em diverſas guerras, aſſim com os Mouros, como com Lionezes, houve quem deſconfiaſſe do ſeu Governo, e ſe atreveo o Conde de Traſtamara a querer caſar com a Rainha D. Thereſa ſua mãi, e fazer-lhe guerra ſobre eſte caſo, a que o Infante acodio com a preſſa que requeria o caſo, e dando-lhe batalha junto a Guimarães (dado que no primeiro recontro ficaſſe desbaratado) chegou-lhe ſeu Ayo Egas Moniz com ſoccorro, o rompeo, ficando o Conde preſo em ſeu poder, e por concerto (dizem alguns) que o caſou depois com ſua irmã D. Urraca: dado que alguns affirmaõ ſucceder o caſo em outra fórma, e ſer a vinda do Conde, e batalha de Guimarães por culpa da propria Rainha, que depois da morte do Conde D. Henrique ſeu marido celebrou ſegundas bodas.

E ainda que na Chronica de Ciſter tive outra opiniaõ acoſtado aos fundamentos que alli apontei; todavia a ſegunda he certa, e quaſi infallivel, como ſe verá por Eſcripturas da meſma Rainha, feitas eſtando caſada ſegunda vez, que refiro na terceira parte da Monarquia Luſitana.

Al-

Alcançou o Infante D. Affonſo no principio de ſeu Governo grandes victorias, como foi a dos Arcos de Valdevez contra el Rei de Caſtella ſeu primo, onde lhe prendeo a melhor, e mais nobre gente de ſeu campo, e a elle ferio de algumas lançadas; e de Capitães ſeus teve muitas victorias com varios recontros.

Suſtentou o cerco de Guimarães que o proprio Rei lhe veio pôr, onde Egas Moniz fez aquella promeſſa de bom vaſſallo, que deſempenhou como bom cavalleiro, offerecendo ſua vida a troco da palavra mal cumprida. Venceo a Albucazan Rei de Badajoz na batalha de Trancoſo, onde foi ſoccorrido das orações de Fr. Aldeberto Prior do Moſteiro de S. Joaõ de Tarouca.

Suſtentou o cerco de Coimbra contra el Rei Eujuni que trazia trezentos mil homens de guerra. Ganhou Leiria duas vezes, Torres Novas, e outros muitos lugares.

Desbaratou el Rei Iſmario nos Campos de Ourique, onde vio a Chriſto Crucificado que lhe deo o eſcudo de Armas, que uſaõ os Reis de Portugal, e lhe mandou tomar titulo de Rei como fez no ſeguinte dia, á petiçaõ de ſeus vaſſallos.

Conquiſtou Santarem ſoccorrido das orações de noſſo Padre S. Bernardo, a quem deo por eſte favor os Coutos de Alcobaça, e fundou

dou com ſingular magnificencia aquella grande Abbadia.

Ganhou Lisboa com favor de huma Armada Eſtrangeira, e eſtando ſobre ella rompeo huma grande batalha de Mouros que vinhaõ em ſoccorro dos cercados, junto a Sacavem, onde ſe fundou huma Ermida de Noſſa Senhora, e em noſſos dias hum Moſteiro de Freiras deſcalças.

Conquiſtou depois Sintra, Torres Vedras, Obidos, e Alenquer, e todas as mais terras de Alem-Tejo: e da outra parte, ſe ganharaõ Evora, Beja, Moura, Serpa, e Cezimbra, onde desbaratou o poder del Rei de Badajoz ſó com ſeſſenta de cavallo.

Junto a Santarem rompeo a Albaraque Rei de Sevilha em batalha campal, com favor de S. Miguel, e do ſeu Anjo da guarda em cuja lembrança inſtituio a Cavallaria da Alla, na fórma que já contei na Chronica de Ciſter, e ſendo já de muita idade porque entrava em noventa annos, desbaratou o Miramolim de Marrocos Aben Jacob, e outros treze Reis Mouros que tinhaõ cercado em Santarem ao Infante D. Sancho ſeu filho.

Eſta foi a ultima batalha de que temos noticia em que el Rei D. Affonſo ſe achaſſe, tendo por ſeus Capitães vencidas muitas outras, como foi em Porto de Mós a el Rei Gami por maõ de D. Fuas Roupinho, e o proprio

prio lhe alcançou no mar huma infigne victoria de Galés inimigas, que foi a primeira que os Portuguezes deraõ fobre mar.

D. Gonfalo Mendes da Maia que chamaraõ o Lidador, genro de Egas Moniz foi hum dos valerofos homens do mundo, e que venceo batalhas de muita importancia em tempo defte gloriofo Rei, cujo Adiantado foi nas fronteiras dos Mouros, e com fer el Rei D. Affonfo taõ guerreiro, naõ foi menos piedofo porque todo o tempo que lhe reftava das batalhas gaftava em fundar Mofteiros, e reparar Igrejas, como foraõ os de Alcobaça, S. Joaõ de Tarouca, Santa Cruz de Coimbra, e S. Vicente de fóra, e outros a que fez grandes doações, e enriqueceo com efmolas.

Foi cafado com a Rainha D. Mafalda filha de Amadeu Conde de Mauriana, e Saboia, de quem houve o Infante D. Henrique que falleceo de pouca idade; D. Sancho que lhe fuccedeo no Reino; a Rainha D. Urraca, que cafou com el Rei de Leaõ; D. Therefa, mulher de Felippe primeiro do nome Conde de Flandes.

Teve mais hum filho natural chamado D. Affonfo, que foi Meftre de Rodes, e homem de coraçaõ altivo, e de penfamentos foberanos, e por algumas occafiões deixou o Meftrado, e fe tornou ao Reino, jaz fepultado em Santarem em a Igreja de S. Joaõ, falle-

leceo no anno de Chriſto mil e duzentos e ſe-
te , ao primeiro de Março.

Alguns chamaõ a eſte Infante D. Pedro Affonſo , mas ſem cauſa , e outros cuidaõ , que eſte Meſtre foi filho del Rei D. Affonſo o terceiro naõ advertindo ao tempo em que viveo , e morreo.

Teve mais huma filha baſtarda chamada D. Thereſa Affonſo , que caſou com D. Sancho Nunes , Avô do Conde D. Mendo o Souſaõ.

Foi el Rei D. Affonſo homem grande de corpo , e quaſi agigantado , teve o cabello caſtanho , e mui comprido , a boca groſſa , o roſto , e nariz comprido , os olhos caſtanhos, claros , e grandes , ſendo velho foi calvo na frente , e todas as ſuas couſas foraõ cheias de Mageſtade , e grandeza de animo ; ſeu retrato ficou do tempo del Rei D. Manoel , que o mandou tirar quando trasladou ſeu corpo do primeiro lugar a outro em que agora eſtá , e de pedra o mandou eſculpir ſobre a meſma ſepultura : differe o pintado do eſculpido em ter o cabello da barba com algumas voltas , que naõ tem o de vulgo , e na boca , que no de pincel he mais repreſentadora do vivo.

Foi eſte Rei naõ menos aſſinalado nas armas , que na piedade , e zelo Chriſtaõ , por onde cheio de honra dos triunfos , e muitos dias falleceo com opiniaõ de Santo na ſua Cidade de Coimbra no anno de Chriſto mil

cen-

cento e oitenta e cinco, ſendo de noventa e hum annos.

Foi ſepultado no Moſteiro de Santa Cruz em huma Capella particular, donde o traſladou el Rei D. Manoel para a formoſa ſepultura onde ora eſtá, e onde por revelações, apparecimentos, e alguns milagres, e por outros ſinaes que o Senhor tem moſtrado, o veneraõ as gentes como a Santo, em particular por hum em que appareceo armado no meio do Coro de Santa Cruz de Coimbra eſtando os Religioſos ás Matinas a noite em que ſe ganhou Ceuta aos Mouros, e fallando claramente diſſe (como por Divina permiſſaõ) foraõ elle, e ſeu filho D. Sancho ajudar a el Rei D. Joaõ naquella empreza, e favoreceraõ os Soldados Portuguezes na conquiſta da Cidade de Ceuta, que entaõ ſe acabára de ganhar: dito iſto ſe foi diante do Altar mór, e feita huma profunda inclinaçaõ ſe recolheo para a parte do Evangelho, e deſappareceo da viſta dos Religioſos, que attonitos do que viraõ eſtavaõ todos ſuſpenſos.

Havia no Moſteiro de Santa Cruz huma ſobrepeliz com que o ſanto Rei coſtumava aſſiſtir no Coro em companhia dos Conegos ao Officio Divino, que poſta ſobre peſſoas doentes de varias enfermidades cobravaõ ſaude, e concorria a gente á ſua ſepultura como de homem ſanto, e eu vi em livros antigos huma commemora-

çaõ ſua como de bemaventurado, que porei na terceira parte da Monarquia Luſitana.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ELOGIO

Del Rei D. Sancho, primeiro do nome, e ſegundo de Portugal.

EL REI D. Sancho naſceo na Cidade de Coimbra em onze de Novembro, quinta feira dia de S. Martinho, do anno de Chriſto mil e cento e cincoenta e quatro, onde ſe criou até idade de quatorze annos enſinado em todas as artes de Cavallaria pelos mais experimentados Meſtres que havia no Reino, e ſahio taõ bom diſcipulo, que igualou aos melhores do mundo, porque aſſim em companhia del Rei ſeu pai como ſem elle, alcançou ſendo Infante algumas victorias ſinaladas, como foi aquella que chamaõ do Enxarafe de Sevilha, em que desbaratou o Rei da propria Cidade, matandolhe tanta gente, que o Rio Guadalquibir correo por grande eſpaço tinto no ſangue dos mortos, e de volta ſabendo que eſtava Béja cercada por dous Mouros principaes chamados Halicamaſi, e Alboazil com grande poder

der de Barbaros, a veio ſoccorrer com grande preſſa, e rompeo os inimigos em campo aberto.

Teve depois diſto outro recontro com gentes del Rei de Leaõ nos campos de Arganhal, donde ſe partíraõ os exercitos depois de grande peleja ſem haver melhoria de parre a parte. Suſtentou em Santarem os grandes combates que lhe deo o Miramolim de Marrocos, ſem perder terra, nem reputaçaõ, até que ſoccorrido del Rei D. Affonſo ſeu pai, e juntos ambos o desbaratáraõ, ſendo o Infante hum dos que lhe puzeraõ a lança, e o feríraõ taõ mal que veio a morrer poucos dias depois da batalha.

Aos tres dias depois do fallecimento del Rei D. Affonſo Henriques, que foraõ nove de Dezembro do anno de mil e cento e oitenta e cinco, foi o Infante levantado por Rei na Cidade de Coimbra em idade de trinta e dous annos, e a primeira couſa em que entendeo foi em reedificar lugares, e fortalezas damnificadas do tempo, e povoar outras de novo, com que ennobreceo ſeu Reino em fórma, que lhe déraõ ſobrenome de Povoador, e porque as terras eſtavaõ cobertas de mato, e havia poucos mantimentos pela falta de cultivadores, elle deo privilegios aos lavradores, e ordenou as Réſpublicas de maneira, que em poucos annos ſe vio

em Portugal huma fertilidade nunca imaginada.

Enriqueceo muito as Ordens de Cavallaria do Reino,como eraõ Avís, San-Tiago, S.Joaõ, e Templo, a todas as quaes fez doaçaõ de muitas Villas, e Lugares, e outras rendas Ecclesiasticas para sustentaçaõ dos Cavalleiros.

Cobrou de Mouros a Cidade de Sylves no Algarve soccorrido com huma Armada de gente do Norte em que por salvaçaõ de suas almas hiaõ muitos Catholicos em soccorro da Terra Santa.

Mas atraz destas bonanças veio huma terrivel calamidade a Portugal de guerra, que lhe fez Abem Jucef Miramolim de Marrocos filho do que o Infante matára junto a Santarem, com o qual vieraõ os Reis de Cordova, e Sevilha, e fizeraõ no Reino grandes males, sem as poucas forças del Rei D. Sancho, serem bastantes para lhe atalhar o curso de suas victorias: vieraõ traz o mal da guerra os dous de peste, e fome, que acabaraõ de arruinar tudo.

Em este estado o tomou a entrada del Rei de Sevilha que veio assolando quanto os dous males deixaraõ vivo, e ganhando muitas forças a que senaõ póde dar soccorro, pelo que lhe conveio assentar tregoas por cinco annos com os inimigos, e dar neste meio tempo algum allivio a seus vassallos.

Con-

Concluio-ſe a paz no anno de mil e cento e noventa e nove, em que ſuccedeo hum dos maiores eclypſes que houve no mundo, a quę ſe ſeguiraõ grandes chuvas, tremores de terra, tempeſtades no mar, que duraraõ por alguns oito annos, e ceſſando eſtes caſtigos do Ceo quiz el Rei D. Sancho, gratificar a Deos o beneficio de ſoccorrer a ſeu povo com lhe ganhar para o gremio da Igreja a Cidade de Elvas, que foi a ultima empreza que fez em ſua vida.

Foi el Rei D. Sancho caſado com D. Dulce, ou Aldonça filha de D. Ramon Berenguer Conde de Barcelona, muito tempo antes da morte del Rei D. Affonſo Henriques ſeu pai, ainda que outros dizem que ſó quatro annos, e della houve o Infante D. Affonſo, que depois reinou, D. Fernando que caſou com Madama Joanna Condeça de Flandes, e ſendo preſo por el Rei de França em certa batalha, veio depois a cobrar a liberdade, e morrer quieto em ſeus Eſtados.

Teve o Infante D. Pedro, Conde que foi de Urgel, ſenhor de Malhorca, e depois de Segorbe, que morreo ſem deixar filhos. Teve o Infante D. Henriques que morreo em vida do pai, e jaz em Santa Cruz de Coimbra. Houve a ſanta Rainha D. Thereſa, que caſou com el Rei D. Affonſo de Leaõ ſeu primo, e por ſer ſem diſpenſaçaõ foraõ aparta-

tados tendo já tres filhos : reformou Lorvaõ; morreo nelle Santa , e jaz sepultada em hum sepulchro de pedra onde o Senhor faz por ella grandes milagres.

Houve a Infanta D. Mafalda mulher del Rei Henrique de Castella o primeiro do nome, de quem foi apartada por sentença , e morreo no habito da Cister no Mosteiro de Arouca com opiniaõ de Santa, A Infante D. Sancha senhora de Alenquer fundadora do Mosteiro de Cellas de Coimbra , que depois de passar ao Senhor santamente foi sepultada no Mosteiro de Lorvaõ.

A Infante D. Branca senhora de Gadalajara que jaz em Santa Cruz de Coimbra. A Infante D. Berengela que morreo moça. De huma mulher formosa , e nobre chamada D. Maria Annes de Fornelos teve el Rei depois de viuvo D. Martim Sanches , e D. Urraca Sanches. Teve mais el Rei de D. Maria Paes de Ribeira , a D. Tareja Sanches , que casou com D. Affonso Tello o velho , Gil Sanches que naõ casou , D. Constança Sanches que fez o Mosteiro de S. Francisco de Coimbra , junto ao rio Mondego , donde em nossos tempos se mudou por causa das enchentes. Rui Sanches que morreo em hum recontro junto á Cidade do Porto.

Foi el Rei D. Sancho homem de meã estatura , refeito , e mui dobrado de membros,

o rosto grande, a boca grossa, e grande, os olhos pretos grandes, mas carregados algum tanto, a cor do cabello castanha escura, e mui tirante a preto; o seu retrato se imitou do que el Rei D. Manoel fez tirar do natural, e como o de seu pai differe alguma cousa da imagem de vulgo que está sobre a sepultura, em particular no modo das armas, e em algumas feições de vivo que se representaõ melhor na figura de pincel que a de pedra.

Teve este Rei grande ventura em batalhas, e foi mui victorioso contra Mouros, mas tambem sentio em seu Reino alguns reveses da fortuna, como foraõ pestes, fomes, destruições, e ruinas de lugares com força de terremotos, que lhe debilitáraõ muito as forças de seu Estado, e tanto que chegou a termo de lhe faltar gente com que resistir a inimigos que lhe vieraõ assolar o Reino, tudo o que se attribuia a ter sua filha D. Theresa casada com el Rei D. Affonso de Leaõ seu primo contra a determinaçaõ do Papa sem dar muito pelas censuras que se fulminavaõ contra elle, e o genro, nem pelo interdicto que havia em ambos os Reinos, que durou por muitos annos perseverando Deos em seus castigos, e os Reis em sua dureza.

Viveo 57 annos de que Reinou 26, e falleceo no de Christo de mil e duzentos e doze, jaz sepultado em Santa Cruz de Coimbra·

12..

bra·

bra dentro na Capella mór á parte da Epiſtola em huma ſepultura ſemelhante á del Rei D. Affonſo ſeu pai, para onde o trasladou el Rei D. Manoel.

Foi hum dos valeroſos, e bons Reis que teve Portugal, mas pouco venturoſo nas calamidades de ſeu tempo.

Em algumas revelações, e apparecimentos, que houve del Rei D. Affonſo ſeu pai, ſempre o viraõ, e teve nellas parte como foi naquella que já referi da tomada de Ceuta, e outras algumas que ſe diráõ em ſua Hiſtoria, ſinaes certos da gloria de ſua alma, merecida nas continuas guerras, e trabalhos padecidos pela honra da Igreja, e deſtruiçaõ dos inimigos da Lei Evangelica.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Affonſo o Gordo ſegundo do nome, e terceiro de Portugal.

Dom Affonſo, que chamáraõ o Gordo, naſceo em Coimbra aos vinte e tres de Abril dia de S. Jorge, do anno de Chriſto de mil e cento e oitenta e cinco. Foi homem de condiçaõ, algum tanto auſtéra, em particular para ſeus irmãos, a qual inclinaçaõ que ſeu pai lhe entendeo vivendo, foi cauſa de deixar os filhos taõ bem herdados, que naõ dependeſſem do irmaõ em couſa alguma, e repartio entre elles (além de Villas, e Lugares) perto de quinhentos mil cruzados em moeda; e grande cópia de marcos de prata lavrada; mas nem eſta prevençaõ foi baſtante para atalhar a má condiçaõ deſte Principe, porque no ponto que ſeu pai falleceo, quiz logo desherdar os irmãos, em particular a Rainha D. Thereſa a quem o pai deixára a Villa de Monte Mór o Velho, e Iſgueira, e D. Sancha a quem ficára Alenquer, dizendo que eraõ bens da Coroa, que ſeu pai naõ podia alienar, e chegou a diſcordia a termos, que com as ar-

armas na maõ foi cometter eſtas Villas, onde as irmãs eſtavaõ, e donde foi rebatido com pouco credito de ſua peſſoa, e depois de grandes trabalhos, e ſentenças de excommunhaõ, com que o Papa o conſtrangeo a ſe pôr em direito com as irmãs, vendo ſua pouca juſtiça ſe compôz com ellas, e alguma quietaçaõ ao Reino que pór ſua cauſa andava perſeguido com interdictos.

Em ſeu tempo aportou em Lisboa huma grande Armada do Nórte, que hia em ſoccorro da Terra Santa, e como lhe naõ ſerviſſe o tempo para ſua navegaçaõ, D. Mattheus que entaõ era Biſpo daquella Cidade, os perſuadio a empregarem aquelles dias de repouſo em alguma obra meritoria, offerecendoſe a os acompanhar com gente, e mantimentos ſe quizeſſem conquiſtar a Villa de Alcacere do Sal, que eſtava em poder de Mouros. o que elles acceitáraõ, e de maõ commum lhe puzeraõ cerco, e a vieraõ a render depois de muitos combates, e algumas rotas, que deraõ á gente que lhe vinha de ſoccorro.

Entrou-ſe a Villa dia de S. Lucas Evangeliſta; a dezoito de Outubro do anno de Chriſto mil e duzentos e dezaſete. Venceo el Rei em batalha aos Reis de Jaem, e Sevilha, que tinhaõ cercada Elvas, e correo-lhe as terras com maõ armada, onde fez muitos damnos, e ſe recolheo triunfante para ſeu Reino.

1217

En-

Entrando el Rei em idade, engordou de maneira que todo o exercicio lhe era penoſo, e querendo ſoccorrer as Villas de Moura, e Serpa, que os Mouros vieraõ cercar, o tiráraõ os ſeus do meio do combate quaſi abafado, e morto com o pezo das armas, e cólera de peleijar.

Caſou el Rei D. Affonſo com D. Urraca filha del Rei D. Affonſo oitavo de Caſtella, e de D. Leonor filha del Rei Joaõ de Inglaterra, de que houve o Infante D. Sancho que lhe ſuccedeo no Reino; D. Affonſo, que foi Conde de Bolonha em França, e depois Rei de Portugal, D. Fernando que chamáraõ o Infante de Serpa, que caſou com D. Sancha Fernandes, filha do Conde D. Fernando de Lara, dos quaes naſceo D. Leonor, que foi Rainha de Dacia; o Infante D. Vicente, que morreo menino; a Infante D. Leonor que caſou com el Rei de Dacia. Teve mais hum filho baſtardo, chamado D. Affonſo de cujà deſcendencia naõ ſabemos; jaz ſepultado em Alcobaça na parede do Capitulo da parte de fóra.

Foi el Rei D. Affonſo homem de formoſa preſença, eſtatura, groſſo em demaſia, mas mui formoſo de roſto, porque tinha a téſta grande, os olhos formoſos, e caſtanhos, à barba, e cabello caſtanho, a bocca grande, mas groſſa, e de boa graça, o nariz grande al-

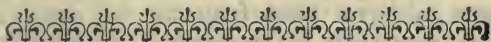
algum tanto levantado no meio, mui amigo de criar curiofamente o cabello da cabeça, e barba, que trouxe muito comprida até engordar, mas depois a coftumava cortar muito rente: o feu retrato ficou de quando el Rei D. Sebaftiaõ abrio fua fepultura.

Viveo efte Rei quarenta e oito annos, dos quaes reinou vinte e hum, e falleceo no de Chrifto de mil e duzentos e trinta e tres. Foi fepultado em Alcobaça com a Rainha D. Urraca fua mulher, e alguns Infantes feus filhos, e mudada fua fepultura da Capella dos Reis, onde primeiro efteve, para a Capella que chamaõ de S. Vicente, onde eftá ao prefente em hum fepulchro grande feito ao modo antigo, de huma pedra chã fem obra nem curiofidade alguma, e abrindo-o el Rei D. Sebaftiaõ de laftimofa memoria achou feu corpo inteiro, e com as feições perfeitas.

Foi de corpo quafi agigantado como fe entaõ vio, e gordo em tanta demafia, que confumindo o balfamo, e mais confeições aromaticas a groffura, que havia entre a pelle, e carne magra, fe via por todo o corpo a pelle folta, e dividida em fórma que fe movia como coufa poftiça.

Mandou-fe entaõ tirar feu retrato ao vivo de illuminaçaõ, imitando a feiçaõ do rofto, e proporçaõ de cada parte na melhor fórma poffivel, que em fim, naõ he taõ pouco feme-

lhan-

lhante, que deixe de ser mais ao proprio que se fora tirado de alguma escultura de bronze, ou marmore, donde hoje temos as medalhas dos Imperadores antigos, que acceitamos por mui semelhantes ao natural.

ELOGIO

Del Rei D. Sancho Capello, segundo do nome, e quarto de Portugal.

El Rei D. Sancho segundo do nome, nasceo em Coimbra aos oito de Setembro do anno de mil e duzentos e sete. Foi no principio de sua idade mui enfermo, em tanto que ninguem cuidou que chegasse a tempo de reinar, e sendo a Rainha sua mãi mui triste por suas indisposições, vendo que naõ valiaõ remedios humanos se soccorreo aos Divinos, tomando por medianeiro com Deos o glorioso Doutor Santo Agostinho, a que fez voto de trazer o Infante vestido em seu habito até idade de doze annos, como com effeito trouxe, com sobrepeliz, e murça de Conego Regrante do modo que andavaõ, e andaõ no tempo de agora os Conegos de Santa Cruz de Coimbra, donde lhe deraõ o apellido de Ca-

12

Capello ; e naõ pelas cauſas que commummente ſe eſcrevem.

Quando começou a reinar era de vinte e ſeis annos , gaſtos mais em cura de ſuas enfermidades , que nos exercicios de ſeus antepaſſados , com o qual , e com ſua inclinaçaõ propria , deo em huma frouxidaõ taõ remiſſa , que os privados ſe começáraõ a ſenhorear de ſua Peſſoa , e Reino , e a governar tudo conforme a ſeus particulares reſpeitos.

Quiz a Rainha D. Berengeira de Caſtella como tia ſua , irmã de ſua mãi , ſoccorrello com admoeſtações , e conſelhos , e dar-lhe mulher , nobreza , e governo conveniente ao eſtado , e condiçaõ de ſuas couſas ; mas ſeus conſelheiros que ſe temêraõ de perder a privança , havendo Rainha de authoridade , e grandeza de animo , o caſáraõ com D. Mecia Lopes de Haro , filha de D. Lopo Dias de Haro, Senhor de Biſcaya , e de D. Urraca Affonſo , filha natural del Rei D. Affonſo o nono de Leaõ , havida em huma mulher nobre ; chamada D. Ignez de Mendoça.

Era D. Mecia moça na idade , e de grande formoſura , mas menos na geraçaõ (poſto que mui nobre) do que pediaõ as eſperanças dos Portuguezes , havendo de por meio ſer já viuva de D. Alvaro Pires de Caſtro , homem nobre , e deſcendente de Reis , mas todavia mui deſigual para lhe ſucceder no matrimonio hum

Rei, que entre os de Hespanha era grande naquelle tempo: e assim foi a Rainha mal recebida no Reino de toda a outra gente que naõ foraõ os authores do casamento, a quem ella em reconhecimento deste beneficio consentia tyranizarem o Povo em publico, e secreto, sendo taes os excessos, que alguns Senhores compadecidos da opressaõ dos pobres se vieraõ queixar a el Rei, representando-lhe a perdiçaõ de seus vassallos, e os gritos com que os pobres pediaõ a Deos vingança de taes tyrannias: do que elle se mostrou sentido como homem de sua condiçaõ compassivel, e determinou emendar estas faltas, como fizera naõ havendo de por meio as branduras da Rainha que por sustentar seus valedores fez crer a el Rei serem tudo invençóes nascidas da grande enveja de seus privados.

Queixaraõ-se alguns Prelados do Reino ao Papa, tanto do descuido del Rei, e invençóes da Rainha, como de casarem sem dispensaçaõ sendo parentes em gráo prohibido, sobre o que lhe mandou o Papa Gregorio IX. hum Breve de admoestaçóes, com tempo limitado á sua emenda, e logo o Bispo Sabinense com titulo de Legado, nas mãos do qual prometteo el Rei emenda de seus excessos, que guardou em quanto o Legado senaõ partio do Reino, e logo a Rainha com suas branduras (que alguns attribuiaõ mais a con-

fei-

feições amorofas, que dera a el Rei para o trazer a feu gofto que a outra coufa), e feus validos tornaraõ com mais efficacia ao modo de governo que antes tinhaõ, e a gente a fer taõ vexada, que ajuntando-fe muita entre Douro, e Minho, e tomando por Capitaõ a hum Raimon Viegas Porto Carreiro, que vivia no eftremo de Galiza, chegaraõ a Coimbra, e tomando por força de armas a Rainha, a levaraõ ao Caftello de Ourem, e dalli a Caftella fem valerem as diligencias del Rei para lhe fer reftituida, e lá efteve até o tempo que el Rei fe foi viver a Toledo, ainda que fe entende que naõ tornaraõ mais a fazer vida ambos.

Naõ fe remedeou com ifto o máo governo de Portugal, porque naõ nafcia fó da Rainha, por onde muitos Prelados do Reino fe queixaraõ ao Papa Innocencio no Concilio de Leaõ, e lhe pediraõ remedio a tantos males. Confultou-fe a materia, e de commum parecer fe ordenou, que D. Affonfo Conde de Bolonha irmaõ del Rei vieffe governar o Reino, e adminiftrar juftiça aos povos, porque naõ acabaffe de perecer a gente, ou fuccedeffe algum cafo adverfo.

Expedidas as Bullas fe veio o Conde a Portugal, onde com alguma (ainda que pouca) refiftencia tomou o governo, e el Rei depois de com o favor de Caftella intentar fua perma-

manencia ſe partio para Toledo onde acabou ſantamente, querendo antes morrer deſterrado em Reino eſtranho que ſer governado por outrem no ſeu proprio. Gaſtou grandes theſouros, que levou de Portugal em eſmolas, e obras pias, e nas obras da Sé de Toledo, e Capella antiga dos Reis.

Fazia mui aſpera penitencia, e nunca o viaõ apartado da oraçaõ, nem ſe ouvia em ſua converſaçaõ, e palavras couſa que ſoubeſſe a impaciencia, e queixume de aggravo, poſto que os tiveſſe de algumas peſſoas, que ouſaraõ tratar ſeu nome com menos decencia do que ſe lhe devia.

Foi devotiſſimo de S. Lazaro, e por ſeu amor fazia grandes eſtremos de caridade, o que o Santo lhe pagou apparecendo-lhe duas vezes na vida, e annunciando-lhe o tempo de ſua morte, na agonia da qual o achou ſempre preſente.

Houve neſte tempo grandes finezas de lealdade em ſenhores Portuguezes ſobre mantetem fé a ſeu Rei natural, em particular nos Alcaides de Coimbra, e Celorico da Beira, que em quanto durou a vida a el Rei D. Sancho permanecêraõ conſtantes em ſeu ſerviço ſem promeſſas, nem combates lhe abaterem a lealdade do animo.

Foi el Rei D. Sancho muito gentil homem do roſto, porque teve a teſta grande, os

olhos formofos, e verdes, o nariz comprido, e bem tirado, ainda que algum tanto groffo, a bocca bem feita, o cabello, e barba tirante a loura, e bem pofta, a côr do rofto alva, mas algum tanto fobre amarela. Foi de animo piedofo, e fem malicia, fàcil de crer, quanto lhe perfuadiaõ, e alheio de toda a coufa que parecesse rigorofa, da qual brandura ufaraõ feus privados taõ mal que tyrannizavaõ o povo, porque na verdade naõ faltou a D. Sancho para fer bom Rei, mais que bons confelheiros, e a falta delles fez que ficaffe no mundo conhecido por bom homem, e máo Principe, porque vejamos a differença que ha entre eftas duas coufas.

Teve alguns recontros no principio de feu Reino com os Mouros do Algarve, que vieraõ com huma grande Frota fobre a Villa de Alcacere do Sal, e lhe puzeraõ cerco por mar, e terra, e como a tomaraõ defapercebida, efteve em termos de fe perder: mas foi foccorrida por Gil Soverofa grande privado del Rei; e os Mouros rebatidos com muito damno.

Fez depois tregoas com elles por onde naõ perdeo nos treze annos que reinou coufa alguma de feu Eftado. Falleceo no anno de Chrifto mil e duzentos e quarenta e feis, em idade de trinta e nove annos, de que reinou os treze.

Jaz

Jaz ſepultado na Sé de Toledo na Capella dos Reis que elle mandou fazer á ſua cuſta, e como foi a ſepultura feita no chaõ, conforme a humildade daquelle tempo, naõ temos hoje noticia particular della, e o retrato ſe retirou da verdadeira relaçaõ da Chronica antiga, onde eſtaõ ſuas feições particularizadas, e de hum que teve o Infante D. Fernando pai del Rei D. Manoel, que condiz muito com ſua hiſtoria, ainda que o vi já mui danificado.

Outro me moſtráraõ dizendo, que fora del Rei D. Affonſo o quarto, mas nem no modo da pintura, nem nas outras qualidades do retrato, me pareceo digno da authoridade com que mo offereceraõ, porque era mais pintado por opiniaõ que por ſe conformar com a relaçaõ de ſua Hiſtoria.

ELOGIO

Del Rei D. Affonſo terceiro do nome, e quinto de Portugal.

NASCEO el Rei D. Affonſo em Coimbra no anno de mil e duzentos e dez, a cinco de Maio, onde ſe criou com grande diligencia por imaginarem todos que o Infante D. Sancho, naõ chegaſſe a reinar por ſuas indiſpoſições, mas como pelo tempo adiante ſuccedeſſe o contrario, D. Branca Rainha de França irmã de ſua mãi o caſou com Mathilde, Condeça de Bolonha, que havia pouco que viuvára de Filippe o Creſpo, filho de Filippe Auguſto Rei de França.

Celebrou-ſe o caſamento no anno de mil e duzentos e trinta e cinco, ſendo o Infante de vinte e cinco annos. E como foſſe homem de animo altivo, e amigo de emprehender couſas grandes, quiz paſſar a Jeruſalem, e pedir Cruzada ao Papa para eſta empreza, quando os Portuguezes o pediraõ para governar o Reino pela inſuficiencia del Rei D. Sancho, ſeu irmaõ.

Vindo a Portugal, e cobrando as fortale-

zas,

zas, e Cidades todas, e jurado por morte de ſeu irmaõ em Cortes, quando houvera de moſtrar á Condeça Mathilde a ſatisfaçaõ devida a o enriquecer ſendo pobre, fez huma couſa indigna de taõ bom Principe como em tudo o mais foi, porque levado de particulares intereſſes ſe caſou com D. Britis filha baſtarda del Rei D. Affonſo o noveno de Caſtella, havida em D. Maria Guilhem de Guſmaõ, ou por ſe aparentar com taõ poderoſo viſinho, ou por intereſſe do dote, que ſegundo alguns foi o Reino do Algarve, ainda que outros com boas conjecturas o duvidem.

Deſta ſem razaõ ſe queixou a Condeça ao Papa Alexandre IV., que admoeſtou a el Rei por hum Breve a fazer vida com ſua legitima mulher, e naõ ſe podendo acabar com elle poz interdicto de ambulatorio em todos os lugares aonde el Rei ſe achaſſe, que durou até a morte da Condeça Mathilde, depois da qual pediraõ os Prelados do Reino ao Papa, que levantaſſe as cenſuras, e diſpenſaſſe com el Rei para revalidar o caſamento, e ſerem havidos por legitimos os filhos que tinha da Rainha D. Britis, o que ſe concedeo por evitar outros inconvenientes maiores, com que ficou o Reino em paz, e el Rei livre das cenſuras do Papa.

Neſte meio tempo ſuccedeo que D. Payo Correa, Meſtre de Sant-Iago de Caſtella, de

na-

naçaõ Portuguez, começou a conquiſtar o Reino do Algarve aos Mouros, e houve delles algumas victorias notaveis, do que envejoſo el Rei D. Affonſo, e deſejando accreſcentar ſeu Reino, mandou a Rainha ſua mulher a Caſtella com inſtrucçaõ de pedir a conquiſta daquelle Reino ao pai, como pedio, e alcançou com certas condições, que ao diante remetteo ao Infante D. Diniz ſeu neto.

Havidas as terras do Algarve emprehendeo el Rei a conquiſta das que ainda eraõ de inimigos, e ganhou Fáro, Loulé, Algezur, Albufeira, com outros muitos Lugares de menos conta, ficando o Reino todo livre do trabalhoſo jugo dos Mouros.

Teve el Rei da Rainha D. Britis ſua mulher o Infante D. Diniz, que lhe ſuccedeo no Reino: O Infante D. Affonſo ſenhor de Portalegre, e outras Villas: O Infante D. Fernando que jaz em Alcobaça, e morreo moço: A Infante D. Branca, Abbadeça que foi de Lorvaõ, e depois das Elgas de Burgos: A Infante D. Conſtança que morreo em Caſtella, indo viſitar ſeu avô, e jaz em Alcobaça.

Baſtardos teve a D. Gil Affonſo, D. Fernando Affonſo, Cavalleiro Templario, D. Affonſo Diniz, que caſou com D. Maria Ribeira. De huma Mouriſca houve a D. Martim Affonſo, de que procedem os Souſas Chicorros; teve mais a D. Leonor de Portugal mulher

lher de D. Garcia de Sousa, Rico Homem, e principal no Reino.

Foi el Rei D. Affonso homem de grande corpo, de alegre, e senhoril presença, teve os olhos mui formosos, e mais vivos que grandes, a barba, e cabello negro, e mui comprido, como se usava entaõ, e se usou muito depois; foi alvo, e bem córado, a falla algum tanto entremettida de gaga, mas cousa muito pouco; seu retrato o mesmo do que el Rei D. Sebastiaõ mandou tirar do corpo embalsamado, quando lhe abrio a sepultura, e conforma muito com outro que veio de França a este Reino quando a Rainha mãi mandou seu procurador para pertender direito nelle por morte do Cardeal D. Henrique allegando ser descendente deste Rei por via de hum filho seu, que houvera na Condeça Mathilde, cousa de fundamento taõ leve como se mostrou no successo.

Falleceo em Lisboa em vinte de Março do anno de mil e duzentos e setenta e nove, em idade de setenta e nove annos, de que reinou trinta e dous como Rei proprietario, e hum, e alguns mezes sendo vivo el Rei D. Sancho seu irmaõ.

Está sepultado em Alcobaça junto a el Rei seu pai na Capella que chamaõ de S. Vicente em huma sepultura grande de pedra tosca, que foi trazida da Capella dos Reis para este lu-

lugar defronte do qual em outra nave da Igreja eſtá ſepultada a Rainha D. Britis ſua mulher, o corpo da qual ſe vio embalſamado com todos os cabellos na cabeça taõ louros, e formoſos como ſe eſtivera viva, e o caraõ do roſto tal, que naõ parecia defunta.

ELOGIO

Del Rei D. Diniz, primeiro do nome, e ſexto de Portugal.

EL Rei D. Diniz naſceo na Cidade de Lisboa no anno de mil e duzentos e ſeſſenta e hum em nove de Outubro dia de S. Dioniſio Martir, a quem el Rei ſeu pai mandou criar em todas as boas artes neceſſarias a hum Principe, e como naturalmente tinha grande engenho, ſahio em todas taõ deſtro, que avantajou quaſi todos os Reis de ſeu tempo.

Teve muito conhecimento de linguas, e lia com muita conſideraçaõ os Poetas Latinos como aquelle que tinha inclinaçaõ á Poeſia, em que fez grandes obras pelo tempo adiante, e quando ſeu pai falleceo, poſto que ficaſſe de deſoito para deſanove annos, e por ſer mancebo quizeſſe a Rainha ſua mãi acompa-

panhallo no governo do Reino, nunca o consentio dizendo, que em onze annos era affronta de hum homem governar-se por ninguem; e por maiores diligencias, que a mãi, e avô fizeraõ nesta materia nunca o puderaõ persuadir ao contrario.

No decurso de seu Reinado teve grandes discordias com seu irmaõ o Infante D. Affonso por lhe naõ consentir, que désse em dote a senhores Castelhanos com quem casava suas filhas, as terras que possuia em Portugal, e ao fim paráraõ as discordias depois de largos debates em o Infante dar as Villas da Fronteira a el Rei por outras mettidas no intimo do Reino, com que cessaraõ as discordias.

Com el Rei D. Sancho de Castella teve el Rei alguns desgostos sobre contratos que fizeraõ de casamento entre seus filhos, que el Rei de Castella lhe guardou taõ mal, que constrangeo a el Rei a mandar com maõ armada assolar-lhe alguns lugares de Castella, e romper guerra entre ambos os Reinos, e querendo el Rei D. Sancho entrar em Portugal falleceo na Cidade de Toledo, deixando em seu testamento que se cumprissem a el Rei de Portugal todas as condições, que elle lhe naõ guardára, com que cessaraõ as discordias por alguns dias, que el Rei aguardeu se lhe cumprissem as cousas por onde a guer-

guerra começára, e vendo que o novo Rei D. Fernando, nem ſeus tutores, e conſelheiros determinavaõ couſa nenhuma, juſtificando primeiro ſua cauſa, entrou com hum poderoſo exercito por Caſtella, com medo do qual ſe vieraõ os Caſtelhanos a comedir, e fazer o que antes naõ queriaõ, do que ainda tornaraõ a faltar, e el Rei à tomar as armas, e fazer taõ cruel guerra, que nem Templos Sagrados, e Altares ficavaõ iſentos da furia dos Soldados, nem ſerviaõ de amparo aos que ſe recolhiaõ a elles.

Fez a guerra perfeiçoar a paz de maneira que el Rei D. Fernando de Caſtella caſou com a Infante D. Conſtança filha del Rei D. Diniz, e o Infante D. Affonſo de Portugal com D. Britis irmã del Rei de Caſtella, a quem recebeo na Cidade de Coimbra com feſtas extraordinarias, que el Rei D. Diniz ſeu pai lhe mandou fazer, celebrando de volta com as bodas do filho a paz univerſal do Reino.

Era el Rei D. Diniz taõ reputado por ſabio, e juſtiçoſo, que el Rei de Caſtella, e o Infante D. Affonſo de Lacerda, que pertendia ter direito no Reino, por ſer filho de D. Fernando de Lacerda primogenito del Rei D. Affonſo, que morrêra vivendo o pai, ſe louvaraõ na determinaçaõ, que elle, e el Rei de Aragaõ tomaſſem jurando de eſtar pela ſentença que deſſem, e deſiſtir do nome real

qual-

qualquer delles que ſe julgaſſe ter pouca juſtiça: para o que foi el Rei a Taraçona em Aragaõ, e os compoz em ſuas pretenções, compondo de volta outras diſcordias que havia entre o Caſtelhano, e Aragonez, deixando hum, e outro obrigados com dadivas, e empreſtimos de dinheiro, e todos os fidalgos de ambos os Reinos admirados de ſua liberalidade. Foi el Rei caſado com a ſenhora Rainha D. Iſabel, filha del Rei D. Pedro o terceiro de Aragaõ, e de D. Conſtança filha de Manfredo Rei de Napoles, e Sicilia, da qual houve o Infante D. Affonſo que lhe ſuccedeo no Reino; D. Conſtança que foi Rainha de Caſtella mulher del Rei D. Fernando o quarto.

Baſtardos teve a D. Affonſo Sanches havido em huma dama nobre chamada D. Aldonça Rodrigues, o qual foi Mordomo mór del Rei ſeu pai, e o mais amado que teve, e por ſer tanto ſeu valido, ſe levantaraõ as diſcordias entre el Rei, e o Infante D. Affonſo, que tanto eſcandallo cauſaraõ no Reino, ſem haver mais cauſa para ellas que o entranhavel odio que o Infante tinha a D. Affonſo Sanches, o qual caſou com D. Thereſa Martins, ou de Menezes, filha de D. Joaõ Affonſo de Albuquerque.

Houve mais de D. Garcia o Infante D. Pedro Conde de Barcellos, e Alferes mór del Rei ſeu pai, que caſou com D. Branca filha de

de Pedreanes de Portel , e ſegunda vez com D. Maria Ximenes Coronel , filha de hum ſenhor de Alfajarim em Aragaõ. Eſte Infante eſcreveo o Livro das gerações do Reino , e jaz ſepultado no Moſteiro de S. Joaõ de Tarouca da Ordem de Ciſter , duas leguas de Lamego , onde ha doações ſuas. De outra amiga teve el Rei a D. Joaõ Affonſo , e de outras a D. Fernaõ Sanches , D. Maria que foi mulher de D. Joaõ de Lacerda , e outra D. D. Maria Freira no Moſteiro de Odivelas : e fóra deſtes lhe daõ outro filho chamado D. Pedro de que naõ ha noticia , nem certeza , a que alguns attribuiraõ o Livro das gerações.

Teve ſendo já velho alguns deſgoſtos com ſeu filho o Infante D. Affonſo , naſcidas da dura condiçaõ do filho , e de enveja que tinha dos favores que el Rei fazia a ſeu meio irmaõ Affonſo Sanches.

Em ſeu tempo ſe extinguio a Ordem dos Templarios , que militou debaixo da obediencia da Ordem de Ciſter , e da Regra que lhe compoz noſſo Padre S. Bernardo , e ſe fundou a de Chriſto , debaixo da obediencia dos Abbades de Alcobaça.

Enriqueceo el Rei com doações muitas Igrejas , e Moſteiros do Reino , e ennobreceo as Cidades , e Villas com muros , e Fortalezas notaveis. Fundou Univerſidade em Coimbra em que ſe leſſem todas as ſciencias. Li-

ber-

bertou a Ordem de San-Tiago de Portugal da obediencia dos Meſtres de Caſtella, e fez por indulto do Papa Nicoláo IV. eleger Meſtre Portuguez, que foi D. Lourencianes.

Tiveraõ ſeu Convento em a Villa de Alcacere do Sal, donde depois ſe paſſou a Palmela. E com ſer liberaliſſimo, e gaſtar tanto em obras, deixou ao tempo de ſua morte hum theſouro grandiſſimo.

Foi homem de boa eſtatura de corpo, tirado o cabello, e barba caſtanha tirante mais a loura que preta, os olhos negros, o roſto cheio, e bem córado, cheio mais de Mageſtade que de formoſura.

Seu retrato ao natural ſe tirou em tempo del Rei D. Joaõ o ſegundo, de que nos ficou o tranſumpto mui conforme em tudo com o que deſcreve a Chronica antiga, e com o vulto que eſtá em cima de ſua ſepultura. Falleceo em Santarem aos ſete de Janeiro do anno de mil e trezentos e vinte e cinco, em idade de ſeſſenta e quatro annos, de que reinou quarenta e ſeis.

Jaz ſepultado no inſigne Moſteiro de Odivelas que elle fundou junto de Lisboa para Freiras da Ordem de S. Bernardo. Ficou a Rainha Santa Iſabel ſua mulher viuva por eſpaço de alguns onze annos, que gaſtou em acabar o Moſteiro de Santa Clara de Coimbra em que viveo recolhida com eſtranhas moſ-

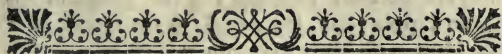
tras

132

tras de ſantidade, fazendo o Senhor por ella grandes milagres aſſim em vida como depois de morta, pelo que foi beatificada em noſſos tempos, e ſe reza della como Santa.

Eſte tempo que reinou el Rei D. Diniz foi o melhor, de mais quietaçaõ, de maior fartura, e proſperidade, que houve em Portugal muitos annos antes, e muitos depois.

Eſte o Rei que mais reſpeitado foi, e mais theſouros poſſuio, e deſpendeo que outro algum daquella idade, e foi ſua felicidade tal, que ficou em proverbio, el Rei D. Diniz fez tudo o que quiz, porque tinha potencia, e riqueza para executar quanto lhe pedia o deſejo.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Affonſo o Bravo, quarto do nome, e ſetimo de Portugal.

El Rei D. Affonſo a que por ſua condiçaõ, e vigor de animo, chamáraõ o Bravo, naſceo em Coimbra quarta feira oito de Fevereiro do anno de mil e duzentos e noventa. Caſou ſendo Infante com D. Britis filha del Rei D. Sancho o quarto de Caſtella: e com el Rei D. Diniz ſeu pai lhe dar grande caſa, e o tratar com favores extraordinarios, naõ pode domar ſua condiçaõ, e a má vontade que tinha a ſeu irmaõ D. Affonſo Sanches, de maneira, que deixaſſe de haver entre pai, e filhos grandes quebras, e chegarem algumas vezes a tomar as armas com grande eſcandalo do mundo, e pouco louvor do Infante, a quem a paixaõ natural, e máos conſelhos, naõ deixavaõ ver o erro que comettia.

Começando a reinar perſeguio ao irmaõ, e houve cruel guerra entre ambos algum tempo, que ao fim ſe veio a compôr. Era el Rei algum tanto mais affeiçoado á caça do que cum-

cumpria ao bem do Povo, e ao governo do Reino, pelo que lhe deraõ os de ſeu Conſelho hum aviſo mais livre do que ſua condiçaõ permittia, e poſto que no principio ſe reſintiſſe ao fim cahio na lealdade com que ſe lhe dizia, e tratou da emenda.

Houve el Rei da Rainha D. Britis o Infante D. Affonſo, que morreo menino em Penella, e jaz em Santarem no Moſteiro de S. Domingos; o Infante D. Diniz, que morreo menino, jaz em Alcobaça; o Infante D. Joaõ, que morreo moço, jaz em Odivelas junto de ſeu avô; a Infante D. Maria, que caſou com el Rei de Caſtella; o Infante D. Pedro, que lhe ſuccedeo no Reino; a Infante D. Leonor mulher del Rei D. Pedro o quarto de Aragaõ.

El Rei D. Affonſo onzeno de Caſtella, tendo alguns aggravos de D. Joaõ Manoel, filho do Infante D. Manoel, e neto del Rei D. Fernando o ſanto, com cuja filha, chamada D. Conſtança, eſtava caſado por palavras de futuro, por ſer ella ainda menina, a deixou ſem outra cauſa, e caſou com a Infante D. Maria, filha del Rei D. Affonſo, deixando concertado que o Infante D. Pedro caſaſſe com D. Branca, filha do Infante D. Pedro, que morreo na Veyga de Granada, o que naõ houve effeito por ſer D. Branca mui enferma, e doente de gota coral, e vendo el Rei D. Affonſo que com ninguem podia ſeu filho ca-

ſar

ſar melhor, que com D. Conſtança, filha de Joaõ Manoel, que já eſtava em eſtado de poder caſar, e tratou com el Rei ſeu genro, e depois com o proprio D. Joaõ, de ambos os quaes teve boa repoſta, mas del Rei com fingimento, e do pai com animo de ſe effeituar, como ſe moſtrou no decurſo do negocio, em que el Rei com magoa de ver a Rainha a quem elle ſem razaõ engeitára, fez couſas indignas de ſua peſſoa, até chegar a romper guerra aberta, porque D. Conſtança naõ ſahiſſe de Caſtella, de que reſultáraõ grandes damnos, e mortes em ambos os Reinos, e reſultáriaõ maiores ſe o Papa Benedicto XII. naõ interpuzera a ſua authoridade, por meio de Bernardo Biſpo de Rodes, que veio a Heſpanha, e compôz as diſcordias que havia, com que ſe effeituou o caſamento de D. Conſtança, ficando no animo del Rei de Caſtella huma magoa de ciumes, e hum odio taõ entranhavel aos Portuguezes, que nem a ſua mulher podia ver por ſer filha del Rei de Portugal, ainda que o aborrecimento naſcia mais de ſua manceba D. Leonor Nunes de Guſmaõ a quem amava com grande exceſſo, que de outra couſa: e por reſpeito deſta amiga eſtiveraõ os Reis, ſogro, e genro para romperem em novas guerras algumas vezes, ſe a propria Rainha D. Maria os naõ atalhára.

E ſuccedendo pelos annos de Chriſto de mil e trezentos e quarenta a vinda de Hali Boacem, Rei de Marrocos contra Heſpanha, para com o de Granada, a tornarem a conquiſtar. El Rei de Caſtella mandou a Rainha ſua mulher a pedir ſoccorro ao pai, que impetrou taõ bom, e com tanta preſſa, como ſe vio na hida peſſoal del Rei, e na victoria que alcançou dos inimigos junto ao rio Salado, deixando com elle quieta Heſpanha, e ſeu nome eternizado para ſempre.

Tornando ao Reino foi induzido por máos conſelheiros a matar D. Ignez de Caſtro, de quem o Infante D. Pedro, ſeu filho, tinha alguns filhos, e ſe dizia ſer caſado com ella por eſtar já viuvo da Infante D. Conſtança. Deſta morte reſultáraõ grandes diſcordias entre pai, e filho, querendo Deos pagar a el Rei as que tivera com el Rei D. Diniz ſeu pai.

Foi el Rei D. Affonſo homem de grande coraçaõ, e reſoluto nas materias que emprehendia. Teve a teſta grande, e muito quebrada, o roſto largo, o nariz grande, e algum tanto levantado no meio, a bocca grande, e o beiço de cima mais groſſo que o debaixo, o cabello teve caſtanho, e algum tanto creſpo, a barba partida pelo meio, e baſta; foi de corpo refeito, e bem fornido.

Seu retrato ſe formou da relaçaõ de ſua Chronica, por ſer o mais verdadeiro traſumpto,

pto, e os que ha de pincel desconformarem muito da verdade, e de hum que em seu tempo se tirou em o retabulo antigo do Mosteiro de Odivelas, que se pintou em seus dias, e no painel dos Reis Magos estavaő ao vivo elle, e seu filho D. Pedro adorando ao menino Jesu, donde se aproveitou o escultor para formar o rosto exprimido muito ao vivo.

Falleceo em Lisboa no mez de Maio de mil e trezentos e cincoenta e sete, em idade de sessenta e sete annos, dos quaes reinou trinta e hum, cinco mezes, e vinte dias. Jaz sepultado na Sé de Lisboa com sua mulher a Rainha D. Britis.

13

ELOGIO

Del Rei D. Pedro o Juſticeiro, primeiro do nome, e oitavo de Portugal.

NASCEO el Rei D. Pedro na Cidade de Coimbra no anno de Chriſto mil e trezentos e vinte, ſabbado deſanove de Abril, e começou a reinar em idade de trinta e ſete, no de Chriſto de mil, e trezentos e cincoenta e ſete, ſendo já viuvo da Infante D. Conſtança filha de D. Joaõ Manoel, de quem houve o Infante D. Luiz que falleceo poucos dias depois de naſcer, D. Fernando que lhe ſuccedeo no Reino, D. Maria, que caſou com o Infante D. Fernando de Aragaõ, filho del Rei D. Affonſo o quarto, e do parto deſta filha falleceo a Infante, ſendo ainda moça, e deixando de ſi grande ſaudade em todo o Reino.

Andava no Paço huma dama chamada D. Ignez de Caſtro, filha de D. Pedro Fernandes de Caſtro, grande ſenhor em Galliza, e muito parente dos Reis de Portugal, e Caſtella, a quem por ſua grande formoſura era o Infante mui affeiçoado já em vida de D. Conſ-

Conſtança, e depois della morta a recebeo por mulher ſecretamente, conforme elle affirmou por ſeu juramento, aguardando a morte del Rei D. Affonſo ſeu pai a receber em publico: mas certos fidalgos, ou levados de algum zelo indiſcreto, ou de inveja do accreſcentamento, e grandeza que os parentes de D. Ignez teriaõ no Reino por ſua cauſa, ou de outras a que naõ ſabemos mais, que o máo ſucceſſo; trataraõ com el Rei D. Affonſo, que para evitar inconvenientes em ſeus eſtados ſeria bom matar a D. Ignez de Caſtro, e taes cores deraõ á ſua pretenſaõ que ao fim ſahiraõ com ella, levando el Rei á execuçaõ para alliviarem ſua culpa, e partindo de Montemór o Velho para a Cidade de Coimbra onde D. Ignez eſtava, a mataraõ Pero Coelho, Diogo Lopes pacheco, e Alvaro Gonſalves Meirinho mór, mas já por ſuas vontades, que pela del Rei D. Affonſo, a quem ſua innocencia tinha movido a piedade.

Sintio o Infante eſta morte, como ſe com ella lhe tiraraõ a vida, e moveo guerra ao pai ſobre tomar vingança dos homicidas, que naõ pode ſer em ſua vida, mas morto elle houve ás mãos Pero Coelho, e Alvaro Gonſalves em quem fez eſtranhas crueldades. Ficaraõ a el Rei D. Pedro de D. Ignez de Caſtro os filhos ſeguintes; D. Affonſo que mor-

reo

reo moço, D. Joaõ que caſou com D. Maria Telles de Meneſes, de que houve a D. Fernando Deça, e matando eſta ſenhora bem injuſtamente caſou ſegunda vez em Caſtella com D. Conſtança filha baſtarda del Rei D. Henrique; D. Diniz que ſe foi para Caſtella por certo aggravo, e lá caſou com outra filha baſtarda del Rei D. Henrique, D. Britis, que caſou com D. Sancho ſenhor de Albuquerque filho baſtardo del Rei D. Affonſo onzeno de Caſtella, da qual veio grande geraçaõ. Por morte de D. Ignez de Caſtro teve el Rei amores com huma Thereſa Lourenço mulher nobre, e de grande formoſura, de que ouve o Infante D. Joaõ, que foi Meſtre de Avís, e depois Rei de Portugal.

Foi el Rei D. Pedro de ſua propria, e natural inclinaçaõ rigoroſo, e mui amigo de executar a pena das leis ſem miſericordia, e neſte particular taõ nimio, que ſe traziaõ algum delinquente preſo á ſua preſença, naõ ſe podia conter ſem lhe pôr as mãos, e alguns caſtigos fez, que eſcandalizavaõ mais o povo do que o edeficavaõ.

Era amiciſſimo de danças, e folias Portuguezas feitas com tambor, e pandeiros. Deleitava-ſe com muſica de trombetas, e as tinha de prata, que mandava tanger de noite com grande goſto ſeu.

Era

Era liberal, e amigo de fazer mercês aos ſeus. Zelador da defenſaõ dos pobres, grande deſpachador de negocios, e inimigo de julgar por reſpeitos.

Mandou fazer no Moſteiro de Alcobaça duas ſepulturas de pedra branca de lavor admiravel, para huma das quaes, fez trasladar o corpo de D. Ignez de Caſtro, que até entaõ eſtivera no Moſteiro de Santa Clara de Coimbra, e em cima fez eſculpir ao natural ſua imagem com coroa de Rainha na cabeça, tirada muito ao vivo.

Em eſta trasladaçaõ fez extremos dignos de lembrança, porque além da riqueza das andas em que o corpo vinha, e do acompanhamento de ſenhores, e ſenhoras illuſtres do Reino, em todas as dezaſete legoas que ha de Coimbra a Alcobaça havia de huma, e outra parte homens com brandões de cera ardendo, pelo meio dos quaes hiaõ as andas, e acompanhamento.

Na outra ſepultura ſe depoſitou depois o proprio Rei. Com os Reis ſeus viſinhos ſe governou taõ bem no tempo de ſeu Reinado que naõ rompeo guerra com nenhum delles, havendo tantas occaſiões em Caſtella, como foraõ as guerras de D. Henrique com ſeu irmaõ D. Pedro o cruel, entre os quaes ſe conſervou natural, naõ ſem alguma nota de aſpero para com el Rei D. Pedro, a que naõ

quiz

quiz recolher em Portugal vindo desbaratado; nem conceder-lhe mais que hum paſſo menos que livre para ir a Inglaterra.

Foi el Rei homem grande de corpo, e de formoſa preſença, teve a teſta grande, os olhos formoſos, e pretos, que na commum converſaçaõ moſtravaõ grande alegria, a barba, e cabello teve muito comprido, e o compunha curioſamente, a côr era caſtanha mais tirante a loura, que preta, a bocca teve grande, e engraçada, e o roſto algum tanto largo, mas bem córado. Era muito gago na falla, e bem atentado em ſuas reſpoſtas.

Deixou grandes theſouros em ouro amoedado, e prata de barras, ſem o adquirir com opreſſaõ de ſeus vaſſallos, nem com termos avarentos porque naõ teve nada deſte vicio, antes quando o veſtiaõ coſtumava dizer que lhe naõ apertaſſem muito a petrina porque queria os braços livres para eſtender as mãos com dadivas, e affirmava que naõ ſe podia chamar hum homem Rei, ſenaõ o dia que fazia mercês.

Reinou dez annos, ſete mezes e vinte dias, viveo quarenta e ſete annos, nove mezes, e oito dias, e falleceo no de Chriſto mil e trezentos e ſeſſenta e ſete.

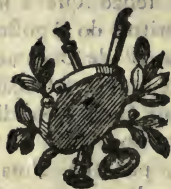
Em huma memoria antiga dos Reis de Portugal lî, que fora taõ recto, e amigo de guar-

guardar inteira juſtiça a cada hum, que por iſſo lhe fez Deos particulares mercês em ſua morte conſolando-o nella o Apoſtolo S. Bartholomeu, cujo particular devoto foi, e por cujo amor fazia grandes eſmolas, ſecretas, e publicas; e foi tradiçaõ mui recebida entre os Religioſos antigos do Moſteiro de Alcobaça onde eſtá ſepultado, que depois de morto, eſtando já frio, e preparado para o embalſamarem tornára outra vez a reſuſcitar com admiraçaõ dos circunſtantes, e chamando ſeu confeſſor, lhe confeſſára hum peccado, que por inadvertencia, ou eſquecimento deixára de confeſſar vivendo, a qual confiſſaõ acabada, e recebida abſolviçaõ, ſe tornou a compor, e dar ſeu eſpirito ao Senhor, ſem dizer mais ſenaõ que a inteireza de ſua juſtiça, e os meritos do Apoſtolo S. Bartholomeu lhe alcançaraõ de Deos aquelle eſtranho favor para remedio, e ſalvaçaõ de ſua alma.

Deixou huma Miſſa quotidiana no Moſteiro de Alcobaça no Altar de S. Pedro, que he privilegiado, por ſua alma, e da Rainha D. Ignez ſua mulher, (que aſſim diz o compromiſſo), e para iſto fez doaçaõ ao Moſteiro de huma Villa chamada Paredes, que antigamente foi porto de mar, e povoada, agora ſe cobrio de arêa, e naõ tem moradores, mas com tudo ſe dizem, e continuaõ as Miſſas.

Seu

Seu retrato se tirou da formosa figura que elle em vida mandou fazer pelo natural, em cima de sua sepultura, e da relaçaõ da sua Chronica, e memorias antigas, que saõ as que mais sem suspeita descobrem a verdade, porque huns retratos que commummente se tem por seus ornados com camisa de abanos, e guarniçaõ (cousa que naquelles antigos tempos senaõ usava, nem usou muito depois), e com a vista, e olhos atravessados, bem se deixa ver, ser cousa de fantesia, e pintada de imaginaçaõ, ao gosto de quem a mandou fazer, e naõ imitado do natural.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Fernando, primeiro do nome, e nono de Portugal.

Nasceo el Rei D. Fernando em Coimbra no anno de Chriſto mil e trezentos, e quarenta, e começou a reinar em vinte oito de Janeiro do anno de mil e trezentos e ſeſſenta e ſete, em idade de vinte e ſete annos, com a maior proſperidade de theſouros, e quietaçaõ, que tiveraõ ſeus Anteceſſores.

E como em hum animo altivo iſento de ſugeiçaõ, e deſacompanhado de Conſelheiros livres; imprimíraõ as occaſiões do tempo alguns deſacertos no del Rei D. Fernando, o primeiro dos quaes foi intentar a conquiſta dos Reinos de Caſtella com acçaõ da morte del Rei D. Pedro, arguindo a el Rei D. Henrique de injuſto poſſuidor, pois além de baſtardo, matára a ſeu irmaõ, e ſenhor natural, e pretendendo a herança como biſneto del Rei D. Sancho, e vingador da morte de D. Pedro, para o que fez liga com el Rei de Granada, e concertou de ſe caſar com D. Leonor, filha del Rei de Aragaõ, a quem mandou

dou grandes thesouros assim para trazer a Infante, como de emprestimo, todos os quaes se consumíraõ, sem haver effeito o casamonto, nem se lhe pagar a divida; nas quaes desordens, e novidades lhe tiveraõ culpa muitos Senhores de Castella, que aggravados, ou temerosos del Rei D. Henrique se passáraõ a Portugal, e foraõ herdados em grandes senhorios de terras, que el Rei D. Fernando lhe dava das suas proprias, a troco de esperanças, que naõ vieraõ a effeito.

Durou a guerra algum tempo, e com mortes, e damnos de ambas as partes, veio a cessar por meio do Papa Gregorio XI., que os compoz, e com o proprio conselho que el Rei D. Fernando começou a guerra, fez as pazes, sem ter comprimento com os da liga, nem dar razaõ a el Rei de Aragaõ, porque deixava sua amizade, e o casamento de sua filha por casar com D. Leonor, filha del Rei D. Henrique de Castella, o qual tambem comprio taõ mal como o primeiro, por se namorar de D. Leonor Telles, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, a quem com lastima do marido (de quem já tinha filhos), e magoa universal do Reino, recebeo por mulher no Mosteiro de Leça junto ao Porto, dizendo que por ser parenta do marido com que estava casada, e naõ ter dispensaçaõ, era o matrimonio invalido.

Com

Com eſte caſamento ſe inquietaraõ alguns ſenhores do Reino, e ſe foraõ para Caſtella os Infantes D. Diniz, e D. Joaõ, hum por lhe naõ querer beijar a maõ, e reconhecella por ſenhora, de que ella ſe deo por mui agravada. E outro por hum triſte caſo de que a propria Rainha foi cauſa, porque ſendo o Infante D. Joaõ caſado emcobertamente com D. Maria Telles de Meneſes irmã da Rainha, e tendo ella inveja de ſua felicidade por ſer o Infante Principe dotado de rara gentileza, e partes, e a quem por morte del Rei, competia a herança de Portugal, ou deſejando deſterrallo com eſte ardil, o chamou em ſecreto, e lhe diſſe, que melhor eſtava nelle o caſamento da Princeza D. Britis ſua filha, que em outro ſenhor eſtranho, mas que lhe peſava por ouvir que era caſado, com quem lhe commettia traiçaõ, e tinha amores com outrem, em deſpeito de ſua honra.

O Infante que naõ cahio na maldade, nem creo, que a Rainha deſejaria tanto mal a ſua propria irmã, naõ ſendo aquillo verdade, ſe foi a Coimbra, e ſem ouvir deſculpa á innocente ſenhora, a matou cruelmente, abrindo com iſto porta á perſeguiçaõ da Rainha, e ſeu deſterro, magoado de cahir taõ tarde no engano. Naõ foraõ as inquietações ſó dos Infantes, porque outros muitos ſe inquietaraõ vendo os poucos atentados amo-

res,

res, que a Rainha pelo tempo adiante veio a ter com o Conde Joaõ Fernandes Andeiro, a quem ſeu favor levantou de fidalgo particular, e eſtrangeiro a Conde de Ourem, e grande ſenhor no Reino, naõ faltando quem deſtes, e outros favores quizeſſe arguir que a Rainha D. Britis, que o veio a ſer de Caſtella, fora adulterina, e filha do proprio Conde, e da Rainha, couſa muito falſa, porque quando o Conde veio a Portugal, e começou a entrar na privança, havia oito para nove annos, que D. Britis era naſcida.

O genio del Rei que naõ ſabia ter quietaçaõ, o moveo a quebrar pazes com Caſtella, e fazer liga com Joaõ Duque de Lancaſtre, filho de Duarte terceiro Rei de Inglaterra, que por ſer caſado com D. Conſtança, filha mais velha del Rei D. Pedro o cruel, pretendia direito nos Reinos do ſogro, e ſe intitulava Rei de Caſtella, e Leaõ.

Soube el Rei D. Henrique deſtas ligas, e prevenindo ſeu aggravo, entrou em Portugal com maõ armada, até pôr cerco a Lisboa, e queimar a rua nova, e fazer no Reino muitos damnos por ſi, e ſeus Capitães, a que acodio o Cardeal de Bolonha mandado pelo Summo pontifice, e fez paz entre os Reis ambos, que em Santarem ſe viraõ, e fallaraõ no Tejo, cada hum em ſeu barco, e tendo feito algumas couſas para bem da paz,

ſe

ſe partio D. Henrique para Caſtella, donde andando o tempo mandou commetter a el Rei D. Fernando caſamento de D. Fadrique ſeu filho baſtardo com a Infante D. Britis herdeira de Portugal, o que ſe fez entaõ por procurações, e naõ teve effeito quando ſe quiz apertar, porque morrendo el Rei de Caſtella, e ſuccedendo ſeu filho D. Joaõ, commetteo que caſaſſem a Infante D. Britis com ſeu filho primogenito D. Fernando para maior quietaçaõ dos Reinos, o que ſe aſſentou com grandes firmezas, anullando o primeiro contrato, como ſe veio anullar eſte ſegundo, porque tornou a renovar a liga com Inglaterra, e vindo o Conde de Cabrix com Armada em ſoccorro de Portugal, el Rei caſou a Infante D. Britis com hum filho ſeu, chamado Duarte, que era de ſeis annos, e os fez jurar em Lisboa com grande aparato.

Continuou-ſe a guerra com Caſtella, padecendo Portugal tanto damno dos Inglezes como dos proprios inimigos, e chegando-ſe os campos na eſtremadura dos Reinos a ponto de dar batalha, ſe trataraõ alguns concertos de paz, e ſe concluiraõ ſem el Rei D. Fernando dar conta ao Conde de Cabrix, de que elle, e ſua gente ficaraõ mui queixoſos, e ſe tornaraõ a Inglaterra mal ſatisfeitos.

E como neſta conjunçaõ falleceſſe a Rainha de Caſtella D. Leonor, e a Infante D. Bri-

Britis foſſe já de idade para caſar, el Rei D. Fernando aſſentou de commetter eſte caſamento, que ſe veio a concluir depois de tantos matrimonios fantaſticos, no anno de 1383 no mez de Março por meio de Embaixadores, e depois ſe conſumou em Elvas com contratos convenientes á paz, e quietaçaõ de ambos os Reinos, que ſe firmaraõ com refens, e juramentos ſolemnes. Teve el Rei D. Fernando, ſendo ainda ſolteiro, outra filha chamada D. Iſabel, que caſou com o Infante D. Affonſo, Conde de Gijon, e ſenhor de Noronha, filho del Rei D. Henrique, de que procede a nobiliſſima geraçaõ dos Noronhas de Portugal, aſſim os da Caſa de Villa Real, como os mais, ainda que de diverſos filhos deſte Infante.

Foi el Rei liberal em demaſia por lhe naõ dar outro nome: de condiçaõ inconſtante, mas affabel, e nada vingativo.

Do corpo, e roſto foi mui gentil homem, e de Real preſença, o roſto teve comprido, mui bem tirado, a bocca mui córada, o cabello quaſi louro, alvo do roſto, os olhos formoſos caſtanhos claros, conforme diz a Chronica antiga, donde ſe formou ſua figura, e de alguns retratos mais conformes com a verdade della, ainda que nenhum achei mais antigo que hum do anno de 1473.

Fez

Fez Leis mui proveitosas ao bem commum. Cercou a Cidade de Lisboa, e Evora. Falleceo em Lisboa nos Paços do Castello em 22 de Outubro do anno de 1383 em idade de quarenta e tres annos, dez mezes, e dezoito dias, dos quaes reinou dezaseis annos e nove mezes.

Jaz sepultado no Mosteiro de S. Francisco de Santarem, junto da Infante D. Constança sua mãi. Morreo vestido no habito de S. Francisco com mostras de grande arrependimento de suas culpas.

ELOGIO

Del Rei D. Joaõ de boa memoria, primeiro do nome, e décimo de Portugal.

A EL REI D. Fernando ſuccedeo no Reino ſeu meio irmaõ D. Joaõ Meſtre de Aviz, que el Rei D. Pedro houve em Thereſa Lourenço, mulher nobre, e de formoſura pouco vulgar. Naſceo em Lisboa a onze de Abril, no anno de mil e trezentos cincoenta e ſete, foi dado a criar a hum Cidadaõ honrado, por nome Lourenço Martins da Praça, que o teve em quanto tomou o peito, e ſe naõ entendeo, mas tanto que chegou a ſete annos foi entregue a D. Nuno Freire de Andrade, Meſtre da Ordem de Chriſto, e lhe deo el Rei ſeu pai o Meſtrado de Aviz.

Aprendeo ſendo moço tudo o que convinha a filho de taõ grande Rei, e nas guerras, que em tempo del Rei D. Fernando ſeu irmaõ houve com Caſtella, deo moſtras de ſingular esforço, e ſe governou em todas as occaſiões com animo verdadeiramente Real, de que naſcia ſer geralmente amado, e ſavorecido do Povo, com tanto pezar da Rainha D. Leo-

Leonor, porque o Meſtre naõ admittia bem ſua amizade com o Conde Joaõ Fernandes Andeiro, que fingindo crimes em ſua lealdade o fez prender na Cidade de Evora, junto com Gonſalo Vaſques de Azevedo, que neſtas materias tinha fallado largamente: e ſe naõ fora a prudencia de Vaſco Martins de Melo, que tinha o Meſtre em ſua guarda, ſem dúvida fora degolado na propria noite de ſua priſaõ, por dous alvarás falſos, que a Rainha mandou.

Por morte del Rei D. Fernando ſe divulgou mais a ruim fama da Rainha com o Conde, e a gente principal da Corte inſiſtia na vingança da honra del Rei, culpando o Meſtre do pouco zelo com que tratava a fama del Rei ſeu irmaõ, lembrando-lhe o riſco em que eſtivera por cauſa da Rainha, e tantas importunações teve na materia, que entrando no Paço matou o Conde ás punhalladas, e com grande applauſo do Povo, que acodio em ſeu favor, foi acclamado público defenſor da liberdade, e ſem outra ordem mais, que aquelle furor popular, ſe fizeraõ muitos inſultos, e mortes na Cidade de Lisboa, e em outras do Reino, e foi o Meſtre eleito Capitaõ, e defenſor do Reino de Portugal contra el Rei D. Joaõ de Caſtella, que por marido da Rainha D Britis, Princeza, e unica herdeira deſte Reino, pertendia metter-ſe de poſſe delle

le contra a fórma de certas Capitulações feitas ao tempo de ſeu caſamento.

A eſta nova rebelliaõ, e a chamado da Rainha D. Leonor, entrou el Rei D. Joaõ em Portugal com grande exercito, e poz cerco a Lisboa onde acodiraõ a lhe dar a obediencia muitos fidalgos, e ſenhores do Reino, e por mal contagioſo que lhe deo no arraial ſe tornou para Caſtella ſem ganhar Lisboa deixando grande parte do Reino á ſua obediencia.

Com eſta retirada teve o Meſtre lugar de convocar Cortes em Coimbra, aonde acodiraõ as peſſoas de ſua facçaõ, e reduzindo o eſtado das couſas a termos accommodados ao tempo em que ſe achavaõ, approvando-o alguns, conſentindo os mais, foi o Meſtre acclamado Rei com a voz do povo, e ſilencio dos nobres, a quem conveio ſeguir o parecer dos que approvaraõ o levantamento del Rei, e dar moſtras de alegria, ainda que a muitos pareceo a reſoluçaõ temeraria, crendo, que naõ lhe baſtariaõ as forças para ſuſtentar o novo titulo de Rei, que tomava contra taõ poderoſo inimigo como tinha.

Incitou eſta nova a el Rei de Caſtella a dar volta com hum poderoſo campo para acabar de huma vez a contrariedade de ſua pretenſaõ, e como tinha já ſua frota ſobre Lisboa determinou tornalla a ſitiar por terra, mas o novo Rei de Portugal lhe ſahio ao en-

con-

contro com numero bem desigual de gente; e fortificando-se entre Leiria, e Aljubarrota em hum campo chaõ, que fazia huma grande quebrada para hum valle, por onde el Rei de Castella o havia de commetter, o qual vendo a fortaleza do sitio, e conhecendo a prudencia com que fora tomado, naõ quiz envestir pela vanguarda, mas marchando ao largo, veio a tomar posto no campo raso da parte do Sul, por onde conveio a el Rei de Portugal mudar a vanguarda para onde tinha antes a retaguarda, e tendo antes o rosto para o Norte, mudallo ao Sul.

Peleijaraõ em sitio igual, e sem vantajem, salvo quanto o exercito de Castella a tinha em lhe dar o Sol nas costas ao tempo da batalha, e no excessivo numero de gente, a qual toda foi em menos de meia hora, e a flor de Hespanha posta a fio de espada: el Rei D. Joaõ de Castella vendo a ruina de seu campo, e o pouco remedio que tinha para reparar tamanha perda, ainda que estava com maleitas, e mui debilitado, se poz em hum cavallo á gineta, e aquella noite correo nove legoas, que ha do lugar da batalha até a Villa de Santarem, donde se foi por mar a Sevilha, onde se vestio de luto, e fez outras demonstracções de sentimento, dizendo a quem lho estranhava, que o naõ fazia por perder huma batalha, sendo cousa

taõ

taõ ordinaria entre os Reis, mas por ſer vencido de taõ pouca gente taõ mal armada, e de quem elle naõ fazia conta.

Eſta victoria, e muitas outras, que el Rei houve por induſtria, e valor de D. Nuno Alvares Pereira ſeu Condeſtavel, seguraraõ a el Rei D. Joaõ na poſſe do Reino de Portugal, e ſobre tudo a liga que fez com D. Joaõ Duque de Lancaſtre, que por ſua mulher pertendia o Reino de Caſtella, e vindo a eſte Reino para de maõ commum fazerem guerra, caſou el Rei com huma filha ſua chamada D. Filippa, de quem houve os filhos ſeguintes: A Infante D. Branca, que morreo menina: o Infante D. Affonſo, que morreo de dez annos, e jaz ſepultado na Sé de Braga; D. Duarte que lhe ſuccedeo no Reino: D. Pedro Duque de Coimbra, Principe de grandes partes, que por induzimento de invejoſos ſe lhe azou a morte na Batalha de Alfarroubeira; D. Henrique Duque de Viſeu, e Meſtre de Chriſto, a quem devemos o deſcobrimento das Conquiſtas de Portugal, D. Joaõ Meſtre de Sant-Iago Condeſtavel de Portugal: O ſanto Infante D. Fernando, que morreo cativo em Berberia: A Infante D. Iſabel mulher de Filippe terceiro Conde de Flandes. Teve hum filho natural chamado D. Affonſo, que caſou com D. Britis filha do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira.

Te-

Teve mais da propria mãi a D. Britis mulher do Conde Arondel. Pacificou el Rei seu Reino com capitulações de paz, que fez depois da morte del Rei D. Joaõ de Castella com D. Henrique seu filho, e seu neto D. Joaõ o segundo do nome, e por ensanguentar suas armas em infieis, como fizera até entaõ, nos Catholicos desejando augmentar a Fé Catholica, e estender a Coroa de seus Reinos além do mar, fez massa de melhor, e mais escolhida gente, que tinha no Reino de Portugal com a qual passou a Africa, onde ganhou por força de armas a Cidade de Ceuta, em vinte e hum de Agosto do anno de mil e quatro centos e quinze.

E para o bom governo do Reino fez leis mui proveitosas, e ordenou a traducçaõ em lingua vulgar do Codigo de Justiniano. Fez Metropolitana a Sé de Lisboa por concessaõ do Papa Bonifacio IX., e ornou com edificios Reaes os lugares do Reino.

Fez o insigne Mosteiro da Batalha, os Paços de Sintra, Santarem, Lisboa, e Almeirim. Foi affabel, magnanimo, favorecedor dos pobres, e grande venerador do culto Divino. De corpo meaõ enxuto, e mui bem acomplesionado.

Teve o rosto comprido, mais magro, que gordo, a testa pequena, o cabello preto, e naõ muito basto, trouxe-o sempre compri-

14

prido, e mui concertado, os olhos teve pretos pequenos, e de muita viveza.

Viveo el Rei ſetenta e ſeis annos, quatro mezes, e nove dias, dos quaes Reinou quarenta e oito, e falleceó no anno de Chriſto mil e quatro centos e trinta e quatro. Jaz ſepultado no Moſteiro da Batalha que elle fundou.

ELOGIO

Del Rei D. Duarte, primeiro do nome, e undecimo de Portugal.

NASCEO el Rei D. Duarte na Cidade de Viſeu no anno de mil e quatrocentos e hum, e com elle huma eſperança de gozar Portugal o melhor Rei que até entaó tivera, porque os dous naturaes, e adquiridos deſte Principe foraó taó raros como mal logrados.

Herdou o Reino ſendo de trinta e dous annos, em que achou boa cópia de theſouro aſſim em dinheiro amoedado, como em barras, e achára muito mais, ſenaó foraó as guerras, que el Rei D. Joaó ſeu pai teve com Caſtella, e as conquiſtas que fez em Africa, e ſobre tudo os gaſtos com que el Rei D. Fernan-

nando desbaratou os thesouros do Reino, e deixou seus vassallos perdidos.

Achou (além disto) Capitães mui exercitados na guerra, e a maior parte da gente costumada a manear as armas, e a naõ perderem reputaçaõ, com que sua nova intrancia no Reino se fazia mais florecente, e mais temerosa a seus inimigos. Quiz ser coroado com solemnidade a modo dos Reis antigos contra o parecer de alguns Astrologos, que da hora de sua coroaçaõ lhe pronosticáraõ trabalhoso, e breve tempo de Reino, e o aconselhavaõ que dilatasse aquella solemnidade para outro dia, ou ao menos para aquelle proprio á tarde; mas como o principal destes Astrologos era Judeo de naçaõ, e crença, e el Rei de animo mui Catholico, naõ defirio a suas admoestações, por lhe mostrar que tinha mais confiança em Deos que medo de seus pronosticos, e dos infortunios que depois teve por occultos juizos de Deos, que quiz castigar as culpas do povo, mostrando-lhe hum Rei tanto para ser amado, e deixando-lhe gozar taõ pouco, e com taõ pouca quietaçaõ, porque em todos os cinco annos que reinou foi o Reino atribulado com peste, sem haver lugar seguro para a Corte, e da guerra, que os Infantes D. Henrique, e D. Fernando emprendêraõ contra Tangere, resultou outra nova desgraça, porque sendo

cer-

cerçados de huma copia excessiva de Barbaros, e desesperados do soccorro, que naõ era possivel ir-lhe de Portugal, se rendêraõ, salvas as vidas, e fazendas com promessa de se lhe entregar a Cidade de Ceuta, ficando o Infante D. Fernando em refens até a entrega, que nunca se concluio, nem o Infante cobrou liberdade, e assim ficou o Reino com Ceuta, elle com a gloria, que alcançou na paciencia do captiveiro, onde assim em vida, como em morte fez o Senhor por elle muitos milagres, approvando com elles a santidade de sua vida, e premiando-lhe os trabalhos que padeceo pela Fé Catholica.

Casou el Rei D. Duarte com D. Leonor, filha del Rei D. Fernando o primeiro de Aragaõ, e Sicilia, de quem houve a D. Affonso, que lhe succedeo no Reino, e o primeiro, que em Portugal se chamou Principe em vida do pai. O Infante D. Fernando Duque de Viseu, Mestre das Ordens de Christo, e Sant-Iago, que casou com D. Britis, filha do Infante D. Joaõ, de que nascêraõ a Rainha D. Leonor, e el Rei D. Manoel.

Teve mais a Infante D. Filippa, que morreo em Lisboa, em idade de doze annos. A Infante D. Leonor, que casou com Federico terceiro, Imperador de Alemanha, de que nasceo o Imperador Maximiliano primeiro.

A Infanta D. Catharina, que esteve esposada com D. Carlos Principe de Navarra, e depois com Duarte quarto do nome, Rei de Inglaterra, e sem se effeituar nenhum dos casamentos, faleceo na Cidade de Lisboa.

A Infante D. Joanna, que casou com el Rei Henrique o quarto de Castella, e foi mäi da excellente senhora. Teve mais de huma senhora nobre da geraçaõ dos Manoeis a D. Joaõ, que foi frade do Carmo, e Bispo de Ceuta, depois da Guarda, e Capellaõ mór del Rei D. Affonso o quinto, e mui seu valido.

Foi el Rei D. Duarte dotado de hum animo sublime, e amigo de alcançar os segredos de cada sciencia, que podia caber em hum Rei curioso, particularmente da Filosofia moral, em que teve muita liçaõ, e nella escreveo alguns tratados por muito bom estylo, em particular do fiel conselheiro, do bom governo da justiça, de que eu vi huns grandes fragmentos em hum Livro pequeno, e mui antigo, e da misericordia, que naquelle tempo foraõ tidos em grande estima.

Foi homem singularissimo de cavallo, e taõ destro em ambas as selas, que a todos os de seu tempo fez aventagem notavel, porque fazia neste exercicio particular gentilezas extraordinarias, como eraõ fazer parar hum cavallo, e continuar as voltas de huma es-

eſcaramuça ſem freio, nem cilhas, jogar as cannas ſem perder ponto, nem parar, tomando-as todas do chaõ, e outras couſas deſte modo, e deixou compoſto hum Livro da arte de cavalgar, e domar bem hum cavallo.

Nas forças corporaes era avantajado a quaſi todos os de ſeu tempo, e folgava ſendo Principe de lutar com os fidalgos, e jogar a barra, ſem nunca perder o preço em nenhum exercicio deſtes.

Fallava elegantiſſimamente, e com tanta brandura, que adquiria as vontades dos ouvintes, e attrahia aſſim os corações de todos. As feições do corpo, e roſtro foraõ taõ proporcionadas, e bem feitas, que poucas ſe achavaõ ſemelhantes.

Foi de corpo meaõ mais ſobre grande que pequeno, os olhos caſtanhos, e alegres, a barba quaſi loura partida pelo meio, a bocca meã, e mui córada, e o beiço debaixo com huma diviſaõ que lhe dava graça, o cabello da cabeça comprido, conforme ao coſtume daquelle tempo: folgava de andar ſempre mui compoſto, e bem tratado, e nas feſtas principaes, quando ſahia em público, era ſempre em traje Real, e mui acompanhado.

Seu retrato nos ficou de ſeu tempo, e delle vi dous conformes: hum, que ficou em huma taboa pequena no Moſteiro da Batalha, don-

donde o tirou o Cardeal D. Henrique ; e outro , que tenho em meu poder.

Finalmente foraõ taes as partes defte Principe , que fenaõ foi ventura profpera , tudo o mais teve como fe pudera defejar , pois para efmalte das que brevemente contei , teve o zelo , e veneraçóes do Culto Divino em gráo fublime ; e foi taõ amigo das ceremonias , e tradiçóes da Igreja , que naõ foffria aos Sacerdotes cometterem huma negligencia por pequena , que foffe em feu officio , e venerava de tal modo o final da Cruz , que fe o via efculpido no chaõ , ou em alguma parede onde naõ foffe venerado com a decencia devida , o mandava logo apagar , dizendo , que naõ era jufto eftar aquella infignia de noffa redempçaõ em lugar , donde naõ pudeffe fer venerada de Reis , e Imperadores.

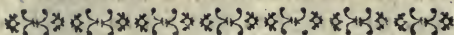
Adoeceo na Villa de Thomar , naõ fem fufpeita de pefte , por lhe nafcer o mal de huma carta , que abrio , e fem lhe valerem remedios humanos , nem lagrimas , e oraçóes de feus Vaffallos ; veio a fallecer no mez de Setembro do anno de Chrifto mil e quatrocentos e trinta e oito , em tempo que houve hum grande eclypfe do Sol ; e como lhe ficava de mui pouca idade o Principe D. Affonfo feu filho primogenito , ordenou em feu teftamento que governaffe o Reino a Rainha D. Leonor fua mulher , ou levado do

amor

1438

amor que lhe tinha, ou da confiança de seu Conselho, ou de temor (como alguns cuidáraõ) de metter o Governo nas mãos de algum dos Infantes seus irmãos, e lhe succeder com elles o que succedêra a el Rei de Castella com seu pai el Rei D. Joaõ, que de Governador, e defensor do Reino, veio a ficar Rei proprietario; e posto que em todas as mais cousas foi el Rei mui attentado, e de bom conselho, neste particular o naõ teve, porque como havia tantos Infantes no Reino soffreo o Povo mal o Governo de huma mulher Estrangeira, posto que fosse dotada de muitas, e mui excellentes virtudes.

Sepultáraõ o corpo del Rei D. Duarte no Mosteiro da Batalha, que fundára el Rei seu pai.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Affonso, quinto do nome, e duodecimo de Portugal.

Nasceo el Rei D. Affonso o quinto do nome, na Villa de Sintra no mez de Janeiro do anno de Christo mil e quatrocentos e trinta e dous, e logo de seu nascimento lhe chamáraõ Principe de Portugal, por differença dos outros irmãos a que chamavaõ Infantes como se usa em nosso tempo: sendo (como vimos atrás) costume mui antigo naõ haver no appellido de Infante differença alguma entre o primogenito, e os mais filhos dos Reis.

Ficou el Rei D. Affonso em idade de seis annos debaixo da protecçaõ da Rainha D. Leonor sua mãi com pouca satisfaçaõ da maior parte do Reino, que tendo tantos Infantes irmãos del Rei defunto, e tios do menino soffriaõ mal serem governados pelo arbitrio de huma mulher, que além da pouca experiencia, e de huma natural inconstancia, que tinha na resoluçaõ dos negocios, era mandada pelo Conde de Barcellos, e outros, que desfavoreciaõ muito ao Infante D. Pedro, a quem o Povo ama-

amava por ſua prudencia, e affabilidade, de modo, que em junta que fez na Cidade de Lisboa, o elegêraõ por Governador do Reino, deixando á Rainha o cuidado da fazenda Real, e criaçaõ de ſeus filhos, e admittindo ao governo da juſtiça a D. Fernando Marquez de Villa Viçoſa, filho do Conde de Barcellos; e ao melhor tempo que cuidavaõ ter tudo quieto, ſe tornou a Rainha a deſcompôr com o Infante Governador de maneira, que pretendendo excluillo, lhe veio a pôr tudo nas mãos, e ella como aggravada ſe foi para Caſtella, onde acabou a vida menos proſpera que arrependida do conſelho que tomára em ſua partida do Reino.

Governou o Infante eſtes Reinos com grande ſatisfaçaõ, e chegando el Rei a idade de dezaſeis annos, o caſou com ſua filha D. Iſabel, e lhe entregou a adminiſtraçaõ, e ſenhorio de Portugal mui melhorado do que o recebera dez annos antes; e vendo que ſeus emulos tomavaõ a maõ com el Rei para o tirarem da grandeza, e privança devida a tio, e ſogro, quiz fazer voluntariamente o que receava ſe vieſſe a fazer por neceſſidade, e auſentando-ſe da Corte eſteve em ſuas terras retirado da viſta del Rei, com o qual o acabaraõ ſeus inimigos de odiar em fórma, que o Infante entendeo convir á ſua honra, moſtrar-ſe ao mundo ſem culpa; e tomando

o

o caminho para Lisboa, onde el Rei eſtava, foi aviſado que levaſſe comſigo gente de guerra porque ſeus contrarios tratavaõ de lhe tirar a vida.

Prevenio-ſe o Infante, e ſeus inimigos com el Rei fazendo-lhe crer, que o vinha excluir do Reino, por onde lhe ſahio ao encontro levando toda a gente de guerra, que tumultuariamente ſe pode ajuntar, e a que concorreo á fama do perigo, em que os inimigos do Infante diziaõ que eſtava el Rei.

Com o Infante vinhaõ alguns vaſſallos ſeus, e amigos, e o Conde de Abranches com quem ſe tinha confederado, e feito em Coimbra ſolemniſſimo juramento de morrerem hum pelo outro, o qual fizeraõ em huma Hoſtia conſagrada, que acabado o juramento commungaraõ ambos de dous.

E vindo-ſe a encontrar ambos os exercitos em ſitio mui deſacommodado, ſe revolveo a gente del Rei, e do Infante, e ſem ſe entender a tençaõ dos Capitães, nem ſe ouvirem recados de parte a parte, ſe começou huma batalha confuſa, e ſem concerto, nem ordem alguma, onde foi morto o Infante, andando quietando a gente, e trabalhando impedir a peleija.

Morreo tambem o Conde de Abranches, mais vencido de ſi proprio, e do muito que fizera aquelle dia, que das armas contrarias,

porque em quanto lhe duraraõ as forças nunca pode ſer ferido.

O corpo do Infante eſteve ſem ſepultura trez dias, e depois a teve ordinaria, e ſem pompa muitos annos.

Vendo el Rei ſeus vaſſallos quietos, e deſejando engrandecer ſeu Reino paſſou em Africa algumas vezes, em que ganhou Alcacere Ceger, Tangere, e Arzila, e fez obras maravilhoſas na conquiſta deſtes lugares.

Teve da Rainha D. Iſabel o Principe D. Joaõ, que morreo ſendo menino de pouca idade: A Infante D. Joanna, que foi Religioſa no Moſteiro de Jeſus de Aveiro, e acabou ſeus dias com opiniaõ de Santa: O Principe D. Joaõ, que lhe ſuccedeo no Reino. E viuvando eſta primeira vez, ſe eſpoſou com a Princeza D. Joanna, ſua ſobrinha filha del Rei D. Henrique o quarto de Caſtella, e da Rainha D. Joanna, filha del Rei D. Duarte de Portugal, de quem alguns hiſtoriadores Caſtelhanos dizem algumas couſas improvaveis, que quando foraõ muito verdadeiras ſe houveraõ de callar, ou ao menos tratar-ſe com mais moderaçaõ do que elles o fazem em ſeus eſcritos.

Com eſta Princeza (que por excellencia chamaraõ a excellente ſenhora) houve em dote os Reinos de Caſtella, e Leaõ, e o direito, e pretenſaõ delles com muitas inquieta-

tações, e desaventuras para os de Portugal, que se vieraõ a concluir naquella memoravel batalha de Touro, donde el Rei se retirou meio desbaratado, ficando o Principe D. Joaõ no campo victorioso, e recolhendo as reliquias do esquadraõ del Rei seu pai que affrontado desta quebra, e de se ver vencido, sendo até entaõ victorioso, se foi na volta de França com intento de pedir soccorro a el Rei Luis XI. e renovar a guerra com Castella: mas o Francez o entreteve com promessas que nunca tiveraõ effeito, e lhe frustrou as esperanças com termos pouco decentes a pessoa Real, das quaes lastimado el Rei D. Affonso se partio para Jerusalem, e sendo achado dos seus, e de alguns senhores Francezes, que lhe foraõ no alcance, e compellido a tornar, se veio a Portugal mui quebrantado de trabalhos, onde viveo lastimado tanto da perda propria, como da magoa de ver a excellente senhora sua Esposa em taõ differente fortuna, sem lhe ser possivel restituilla a seus Reinos, nem concluir seu casamento.

Quizera viver depois desta vinda recolhido em algum Mosteiro, deixando o Reino ao Principe seu filho, que já tinha nome de Rei, no que elle naõ quiz consentir, antes lhe renunciou livremente o estado, e nome; e tornando-lhe a fazer instancia que ao menos quizesse ficar com o nome de Rei de Por-

tugal, e que elle ficaria com o do Algarve, porque naõ tornaſſe a eſtado de Principe, quem já o tivera de Rei, ſe eſcuſou com a meſma inteireza, dizendo que naõ era abater em ſua grandeza ficar vaſſallo, e ſugeito ao pai que o gerára, e que em mais tinha vello reſtituido a ſeus Reinos, que alcançar o Imperio do mundo todo.

Veio em fim a falecer nos Paços de Sintra na propria camera em que naſceo, em oito dias do mez de Agoſto, do anno de mil e quatrocentos e oitenta e hum. Viveo quarenta e nove annos, e ſete mezes, dos quaes reinou os quarenta e trez.

Eſtá ſepultado no inſigne Moſteiro da Batalha. Foi el Rei D. Affonſo grande, e robuſto do corpo; de preſença verdadeiramente Real, e agradavel: o cabello da cabeça, e barba comprido, e caſtanho, e ordinariamente o trazia mui compoſto.

Fallou a lingua Portugueza com natural eloquencia, e tanta compoſiçaõ que ſempre ſua pratica parecia eſtudada. Foi continentiſſimo, mui pouco comedor, amigo de letras, e homens doutos, e nas materias de guerra mui animoſo, e determinado, nas de paz, e juſtiça algum tanto remiſſo, e nas mercês mais liberal, do que permittia a eſtreiteza do Reino, e particularmente ſe vio nelle eſta liberalidade quando pelo caſamen-

to

to da excellente ſenhora cuidou que ficaſſe reinando em Caſtella.

Foi taõ favorecedor dos ſenhores, e fidalgos do Reino, que em ſeus dias cobráraõ elles o brio, que depois houvera de cuſtar a vida a ſeu filho el Rei D. Joaõ, e a cuſtou ao Duque de Bragança, e a muitos outros, por onde podemos dizer que foi bom Rei no commum de paz, e guerra, mais que nos negocios particulares.

ELOGIO

Del Rei D. Joaõ, ſegundo do nome, e décimo terceiro de Portugal.

El Rei D. Joaõ, ſegundo no nome, naſceo na Cidade de Lisboa, em quatro de Maio do anno de mil e quatrocentos e cinco, e foi deſde pequena idade criado em todas as boas artes que convinhaõ a taõ grande Principe; e como naõ havia em Portugal outro Succeſſor varaõ, o caſou el Rei ſeu pai com D. Leonor ſua prima, filha do Infante D. Fernando, Duque de Viſeu, e Meſtre das Ordens de Chriſto, e Sant-Iago, e de D. Britis, filha do In-

Infante D. Ioaõ, da qual houve o Principe D. Affonſo, que morreo da quéda de hum cavallo

Achou-ſe el Rei ſendo Principe na conquiſta de Arzila, onde fez por ſeu braço obras maravilhoſas, e foi armado Cavaleiro por el-Rei ſeu pai, dentro na Meſquita da propria Cidade, tendo junto de ſi o corpo de D. Joaõ Coutinho, Conde de Marialva traſpaſſado de muitas feridas, que recebêra no combate da Cidade, por honra das quaes diſſe el Rei ao Principe cingindo-lhe a eſpada, que o fizeſſe Deos taõ bom cavalleiro como o Conde.

Na batalha de Touro rompeo parte do exercito del Rei de Caſtella, e ſalvou as reliquias do eſquadraõ em que ſeu pai peleijava quando foi vencido, e tendo aſſim por ordem ſua como das Cidades, e Villas de Portugal, tomado o titulo de Rei quando tornou de França para o Reino, lho renunciou, com hum exemplo de modeſtia pouco imitado no mundo.

Teve no Reino grandes inquietações naſcidas da inſolencia dos nobres, que ſahindo da brandura del Rei D. Affonſo, e dando na inteireza do filho, ſabiaõ mal viver em taõ diſconformes eſtremos. Accreſcentava-ſe a iſſo o parenteſco que muitos dos Grandes tinhaõ com el Rei, e a Rainha, a cuja conta lhes parecia obrigaçaõ devida ſerem tratados del

Rei

Rei, como pessoas, que na grandeza lhe deviaõ pouco, e no sangue, e nobreza nada.

E quanto el Rei mais lhe entendia esta opiniaõ, e se lhe mostrava severo, tanto se lhe alienavaõ os animos de maneira, que sobre a fórma das menagens que mandou em Cortes se lhes fizessem, e sobre mandar Corregedores ás terras dos Senhoros, a conhecer com alçada do procedimenro dos Ouvidores e outras justiças, se começáraõ algumas dis, cordias entre a casa de Bragança, e seus parentes, e o proprio Rei, que vieraõ a resultar em grandes damnos, porque dando el Rei ouvidos a gente mal intencionada, e a criados do Duque, que com papeis furtados de seu escritorio, e interpretados a seu gosto, lhe affirmavaõ ter intelligencias com os Reis de Castella (depois de huma vez o ter advertido dentro na sua cortina acabando de ouvir Missa) vendo que cresciaõ os avisos, e seguindo sua condiçaõ, que era aspera, e mui ciosa em materias de querer ser venerado, veio a prender o Duque na Cidade de Evora, naõ com animo de chegar ao que depois foi, porque falando-lhe alguns Fidalgos na liberdade do Duque com certas condições, el Rei sahio bem a ellas, e determinou de as acceitar, se houvera quem se mostrára aggravado desta prisaõ, ou resistir á entrega das fortalezas.

Mas

Mas como os Reis de Caſtella eſtavaõ alheios de trato ſecreto com o Duque, e elle como homem, que naõ ſoſpeitava tanto mal tiveſſe ſuas fortalezas deſprovidas, e os Alcaides ſem contra ſenhas, nem em Caſtella houve movimento por ſua priſaõ, nem no Reino ſe fez reſiſtencia ao entregar dos lugares fortes: por onde el Rei vendo, que ſe o Duque foſſe poſto em liberdade lhe ficava já inimigo deſcoberto, cerrando as portas a todo concerto, mandou pôr ſeu caſo em juſtiça, no fim do qual lhe foi cortada a cabeça na praça de Evora, e ſeus bens confiſcados para a Coroa.

Foi verdadeiramente, eſpantoſo, e terrivel eſpetaculo para todo o Reino, verem hum parente taõ chegado del Rei, caſado com huma irmã da Rainha, e taõ grande ſenhor de vaſſallos, juſtiçado por ſentença publica, naõ tendo claramente feito obra igual a tamanho eſtremo. Mas como os ſegredos Reaes ſaõ grandes, e ſeus intentos governados por vias pouco vulgares naõ ſe póde claramente condemnar ſua tençaõ, poſto que lhe naõ approvemos a obra.

Fugiraõ deſte Reino para o de Caſtella muitos ſenhores, e fidalgos amigos, e parentes da caſa de Bragança, em particular o Marquez de Montemôr ſeu irmaõ, cuja demaſiada liberdade em fallar contra a condi-

çaõ,

çaõ, e governo del Rei, deo causa a esta, e outras muitas desgraças, e ao desgosto com que se lhe acabou a vida, por saber que el Rei o mandara justiçar em estatua, e desauthorallo das insignias de Marquez.

Alguns annos depois se descobrio huma conjuraçaõ cruel contra a pessoa, e vida del Rei, de que era cabeça D. Diogo Duque de Viseu, cunhado do Duque morto, e irmaõ da Rainha, a quem el Rei (depois de justificar sufficientissimamente a verdade) matou por sua propria maõ ás punhaladas na Villa de Setuval, com mais razaõ, e mais notoria causa do que houve na morte do Duque de Bragança, pois a primeira naõ teve mais que palavras, e designios de animo agravado, e desfavorecido do rigor del Rei, e a segunda envolveo conspiraçaõ contra sua vida, e estado.

Estas inquietaçóes, e mortes de fidalgos fizeraõ viver a el Rei, mui triste, e melancolico o restante de sua vida, atribuindo tudo a seus peccados, e quando cuidou que o casamento do Principe D. Affonso seu filho (que celebrou com D. Isabel filha dos Reis Catholicos em que se fizeraõ festas custosissimas, e as mais célebres da Europa) lhe désse algum descanço, e alivio a seus trabalhos, lho atalhou Deos por seus occultos juizos, levando-lho para si de taõ desestrada morte,

te, como foi a quéda de hum cavallo, em idade de dezaseis annos, havendo poucos mezes que se casára, naõ sem juizos, e pareceres de muitos, que atribuiaõ este lastimoso caso a varias causas, sendo só verdadeira a que Deos guardou para si, e os homens naõ alcançaõ.

Ficou por herdeiro, e successor do Reino de Portugal o senhor D. Manoel, irmaõ do Duque de Viseu, e cunhado do de Bragança, que para o animo del Rei naõ devia ser pequena lastima, vêr que lhe succedesse no Reino pessoa da propria geraçaõ, em que elle executára tantas justiças.

Teve el Rei de huma senhora nobilissima, chamada D. Anna de Mendoça hum filho bastardo, que foi o senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Marquez de Torres Novas, senhor de Aveiro, e Montemór o Velho, Mestre das Ordens de Aviz, e Sant-Iago, donde procede a nobilissima casa dos Duques de Aveiro, e a geraçaõ de Lancastre.

Foi el Rei de grande animo, amigo de senaõ deixar senhorear de privados, inclinado a fazer mercês, e remunerar serviços Tinha boa eleiçaõ nas pessoas que escolhia para officios, naõ admittia malsins, nem admittia mexeriqueiros, e oxalá o fizera assim nas materias do Duque.

Des-

Defcobrio com fuas frotas o Reino de Congo, e fez nelle Igrejas em que fe bautizáraõ muitos gentios, em que entrou o proprio Rei, e feus filhos. Mandou fundar o Caftello, e Cidade de S. Jorge na Mina. Deixou com fuas armadas defcoberto o famofo Promontorio, que hoje chamamos Cabo de Boa-Efperança, e com ifto abertas as pórtas á navegaçaõ da India, para defcobrimento da qual tinha mandado alguns homens por terra, que chegáraõ á India, e ao grande Imperio de Ethiopia.

Ajuntou ao titulo antigo dos Reis de Portugal, fenhor de Guiné. Em Africa continuou fuas conquiftas, com profpera ventura. Fortaleceo Tangere, e outros lugares da fronteira. Principiou a grande, e piedofa obra do Hofpital de todos os Santos da Cidade de Lisboa, e fez outras obras cheias de piedade, e Real magnificencia; e finalmente foi Principe, que a lhe naõ faltar brandura, e diffimulaçaõ, naõ tinha que fe lhe notar vicio algum.

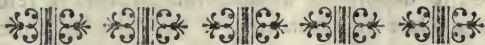
Veio a fallecer no Reino do Algarve na Villa de Alvor (naõ fem fofpeita de veneno, de que por vezes foi advertido) em 25 de Outubro do anno de 1495, em idade de quarenta annos e feis mezes, de que reinou os quatorze, e dous mezes.

Al-

Alguns annos depois foi ſeu corpo traslādado para o Moſteiro da Batalha por el Rei D. Manoel, e o acháraõ inteiro, livre de corrupçaõ, e com cheiro mui ſuave, como ſe conſerva até noſſos tempos com reputaçaõ de bemaventurado.

Foi homem de meia eſtatura, bem proporcionado, como moſtra o ſeu retrato que ſe acha no Moſteiro de S. Domingos de Lisboa, onde eſtá pintado no Altar de Noſſa Senhora com a Rainha ſua mulher.

O eſcudo ſe lhe accreſcentou porque elle o reduzio ao modo em que hoje eſtá, com cinco dinheiros em cada eſcudo, e ſete caſtellos no eſcudo vermelho, que chamamos Orla, ſendo antes ſemeado de quantos cabiaõ, e tendo cada hum dos eſcudos pequenos trinta dinheiros.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Manoel, primeiro do nome, e decimo quarto de Portugal.

Succedeo a el Rei D. Joaõ o ſegundo, ſeu primo, e cunhado D. Manoel, filho do Infante D. Fernando a quem competia a ſucceſſaõ do Reino como parente mais chegado, e neto del Rei D. Duarte.

Ao tempo que entrou na herança, e foi levantado por Rei da Villa de Alcacere do Sal, era de vinte e ſeis annos dotado de muita prudencia, e manſidaõ, e taõ mimoſo da ventura deſde ſeu naſcimento, que para o levantar ao mais alto lugar de proſperidades, parece que foi derrubando com precipitada violencia, muitos que o precediaõ neſta herança,

Tanto que foi obedecido no Reino tratou de ſe caſar, conforme á grandeza de ſeu Eſtado, e naõ contente de ſucceder na herança ao Principe D. Affonſo, quiz tambem ſucceder-lhe na felicidade do caſamento com a Princeza D. Iſabel, que ficára viuva por ſua morte:

te: e depois de algumas difficuldades ſe veio a concluir o caſamento, e por elle ſe abrio porta a huma das maiores heranças de Europa.

Porque fallecendo o Principe D. Joaõ de Caſtella, e vindo a ſucceſſaõ á Rainha D. Iſabel, como filha mais velha dos Reis Catholicos ſe partio el Rei para a Cidade de Toledo, onde pelos Grandes de Caſtella, e Liaõ foraõ jurados elle, e a Rainha ſua mulher, por legitimos Succeſſores daquelles Reinos, como o foraõ ſem nenhuma dúvida, ſe Deos por ſeus occultos juizos naõ ordenára outra couſa, levando para ſi a Rainha Princeza na Cidade de Saragoça de Aragaõ, de parto de hum filho chamado D. Miguel, que falleceo ſendo menino, e foi ſepultado em Granada: e aſſim tornou a herança á Infante D. Joanna, filha ſegunda dos Reis Catholicos, que eſtava caſada com Filippe Duque de Borgonha, dos quaes naſceo o famoſo Imperador Carlos V.

Vendo el Rei quaõ bem lhe eſtava o parenteſco com os Reis de Caſtella, tratou caſar ſegunda vez com a Infante D. Maria ſua filha. Celebrou-ſe o caſamento no anno do Jubileo centeſimo de mil e quinhentos, e delle houve el Rei ampliſſima geraçaõ de que hoje por juiſos ſecretos de Deos ha mui pouca.

Houve o Principe D. Joaõ, que lhe ſuccedeo no Reino; a Infante D. Iſabel Imperatriz de Alemanha, e Rainha de Heſpanha,

mu-

mulher do invictiſſimo Imperador Carlos quinto, e mãi do Catholico Rei D. Filippe ſegundo do nome, e da Imperatriz D. Maria mulher do Imperador Maximiliano, e de D. Joanna, mulher de D. Joaõ, Principe de Portugal, dos quaes naſceo el Rei D. Sebaſtiaõ de laſtimoſa memoria. Teve mais a Infante D. Britis, que caſou com Carlos Duque de Saboia Principe de Piamonte, de que naſceo Manoel Filisberto, que caſou com Madama Margarita filha del Rei Franciſco de França, e delles o Duque Emmanuel, que hoje poſſue o eſtado.

Houve mais el Rei D. Manoel o Infante D. Luiz, Duque de Beja, Condeſtavel de Portugal, Principe ornado de virtudes ſingulariſſimas, cujo filho foi o ſenhor D. Antonio Prior do Crato: O Infante D. Fernando, que caſou com D. Guiomar, filha de D. Franciſco Coutinho Conde de Marialva, e de ſua mulher D. Britis Condeça de Loulé, e ſem ficarem filhos dentre ambos, faleceo em Abrantes em idade de vinte e ſete annos: O Infante D. Affonſo que foi Cardeal, Arcebiſpo de Lisboa, Biſpo de Evora, e Abbade do Moſteiro de Alcobaça, que ſendo moço teve huma filha chamada D. Bernarda, que foi Abbadeſſa do inſigne Moſteiro de Lorvaõ: O Infante D. Henrique, que foi Cardeal, Arcebiſpo de Lisboa, de Braga, e de Evora,

e Abbade de Alcobaça ; e finalmente Rei de Portugal : O Infante D. Duarte , que caſou com D. Iſabel filha de D. Jaimes Duque de Bragança , de que naſceo o ſenhor D. Duarte , que morreo ſem ſucceſſaõ ; a ſenhora D. Maria , que caſou com Alexandre Farnéſio Principe de Parma , e Placencia ; a ſenhora D. Catharina , que caſou com D. Joaõ Duque de Bragança. Houve mais a Infante D. Maria , que morreo menina ; o Infante D. Antonio , que viveo poucos dias , e de ſeu parto ficou a Rainha taõ enferma , que morreo dahi a pouco tempo em idade de trinta e cinco annos.

Sentio el Rei ſua morte em todo extremo , porque foi eſta a mulher , que mais amou , mas vendo-ſe em idade de quarenta e nove annos , e em diſpoſiçaõ de haver filhos , caſou terceira vez com D. Lianor filha de Filippe o primeiro Rei de Caſtella , irmã do Imperador Carlos quinto , de que houve o Infante D. Carlos , que morreo de pouca idade : a Infante D. Maria , que ſem caſar morreo na Cidade de Lisboa , com ſingular exemplo de pureza.

Em tempo deſte feliciſſimo Rei ſe acabou de deſcobrir a India Oriental , por D. Vaſco da Gama , a quem el Rei por eſta viagem , e por outra que tornou a fazer aquellas partes , ambas com proſpero ſucceſſo , fez

Anno Historico 221

fez Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India, para elle, e ſeus deſcendentes.

Alcançou naquellas partes do Oriente maravilhoſas vitorias por meio de ſeus Capitães, aſſim do Samori, Rei de Calicut, Imperador do Malabar, e de outros potentiſſimos Reis da India, como do Soldaõ do Cairo, que vendo diminuir ſuas rendas, e o comercio do mar roxo pela entrada dos Portuguezes na India, trabalhou pelos lançar della.

E porque a grande diſtancia da navegaçaõ lhe naõ dava lugar a fazer conquiſtas pelo Sertaõ dentro, mandou edificar muitas fortalezas nas coſtas maritimas de Arabia, Perſia, e Ethiopia, onde punha preſidios, que ſerviaõ, e ſervem agora de freio áquelles barbaros.

Enriqueceo com o comercio, e navegaçaõ de Levante de maneira, que chegou a ſer em Portugal de menos eſtima a moeda d'ouro, que a de prata, naõ por ſe lhe abater o preço, mas porque com difficuldade ſe achava prata, em que ſe trocaſſe para gaſtos ordinarios.

Deſcobrio-ſe tambem a terra de Santa Cruz, que vulgarmente chamaõ Braſil, por huma Armada que hia para a India, de que era Capitaõ Pedralves Cabral: houve-ſe viſta de terra em vinte e ſete de Abril do anno de mil e quinhentos.

Conquiſtou-ſe a riquiſſima Cidade de Malaca na Aurea Cherſoneſo pelo grande Affonſo de Albuquerque, e deſcobrio-ſe o grande Imperio do Abexim na Ethiopia, com outras terras, e conquiſtas nunca antes ſabidas, que alguns hiſtoriadores Italianos chamáraõ temerarias por naõ ſerem dentro de caſa, e com deſtruiçaõ da patria como as ſuas.

Em Africa naõ foi menor ſua felicidade, porque ganhou as Cidades de Azamor, Safim, e outras muitas, e fez tributarias as Provincias de Xarquia, Garabia, e Dabida donde recolhia mui groſſas rendas.

Fez converter á Fé os Judeos, que vieraõ de Caſtella, lançou fóra do Reino os Mouros, que havia nelle de tempo antigo: enriqueceo, e ornou os Templos, e Moſteiros do Reino, e alguns fóra delle com largas eſmolas.

Aliviou algumas impoſições, e tributos, que tinhaõ os povos do Reino: adminiſtrou juſtiça com grande inteireza, para o que fez muitas Leis novas, e reformou as antigas do modo que andaõ impreſſas.

Nunca bebeo vinho, nem provou azeite, foi mui abſtinente no comer, e quando ſe conhecia nelle alguma ventagem do ordinario, era quando hia á caça de monte, a que foi mui inclinado.

Finalmente foi tal el Rei D. Manoel no decurſo de ſua vida, que houve quem lhe chamaſ-

maſſe filho da ventura pelas muitas boas, que teve no tempo, que reinou, e pela proſperidade, em que manteve ſeus vaſſallos.

E como foi aquelle, em que o Reino chegou a ponto ſublime, que todos tem antes de ſua declinaçaõ, nada intentou, que deixaſſe de levar ao fim com proſpero ſucceſſo.

Houve em ſeu tempo huma grande mortandade de Judeos na Cidade de Lisboa, que ſe levantou por huma leve cauſa, e cuſtou muitas vidas, porque levantando-ſe o povo matou á eſpada grande numero delles, e de volta alguns, que o naõ eraõ.

Falleceo el Rei em Lisboa em treze de Dezembro de mil e quinhentos e vinte hum, em idáde de cincoenta e dous annos, ſeis mezes, e treze dias, havendo vinte e ſeis, hum mez e dezanove dias, que reinava.

Foi ſepultado no Moſteiro de Belem da Ordem de S. Jeronymo, que elle fundou com ſingular magnificencia. Foi el Rei de corpo meaõ, mais ſobre pequeno, que grande, a barba teve caſtanha eſcura, o nariz curto, rombo, e groſſo, a bocca grande, e groſſa, mas mui córada: ſendo velho trazia a barba rapada, como eſtá eſculpido no vulto de pedra ſobre a porta principal da Igreja de Belem, que ſe fez proprio natural, com tanto artificio, que diziaõ alguns antigos, que ſó lhe faltava fallar.

ELOGIO

Del Rei D. Joaõ, terceiro do nome, e decimo quinto de Porturgal.

NASCEO el Rei D. Joaõ, terceiro do nome na Cidade de Lisboa, em ſeis dias do mez de Junho do anno de mil e quinhentos e dous, e logo em ſua criaçaõ, e primeira idade foi dando moſtras do grave, e pacifico governo, que depois de homem veio a ter, e quando entrou na adminiſtraçaõ do Reino, que achou rico, e mui florente, tratou de ſua conſervaçaõ, e augmento, e nelle teve ſempre os olhos, mais que em accreſcentar novos ſenhorios, dado que na India adquiriſſe alguns por meio de ſeus Capitães, como foraõ Diu, Baçaim, e outras muitas Cidades, e Fortalezas, que ſe fundáraõ, e conquiſtáraõ: mas em ſatisfaçaõ deſtes, que adquirio, largou alguns na fronteira de Africa, como foraõ, Safim, Alcacere, Arzila, e Azamor, e deixáraõ os Mouros de pagar o tributo, que davaõ em tempo del Rei ſeu Pai, o que fez com parecer dos de ſeu Conſelho, que eſtimando

masi

mais os gaſtos, que a reputaçaõ, achavaõ deſneceſſarias as deſpezas feitas naquellas Praças, que largáraõ, de que adiante reſultou engrandecer-ſe o poder dos Mouros, e diminuir-ſe muito o dos Portuguezes.

Foi eſta perda entaõ mui chorada no Reino, e as dependencias della ſentidas com maior dor em noſſos tempos. Caſou-ſe el Rei D. Joaõ com a Infante D. Catharina, filha del Rei D. Filippe o primeiro de Caſtella, e da Rainha D. Joanna, de quem houve os filhos ſeguintes

O Principe D. Affonſo, que morreo ſendo minino, D. Maria, que naſceo em Coimbra, e caſou com D. Filippe Principe de Heſpanha filho do Imperador Carlos quinto, e falleceo em Valhadolid, no anno do Senhor mil e quatrocentos e quarenta e cinco, em idade de dezaſete annos de parto do Principe D. Carlos.

Teve mais a Infante D. Iſabel, D. Britis, os Principes D. Manoel, D. Filippe, D. Diniz, e D. Antonio, todos os quaes morreraõ de pouca idade. O Principe D. Joaõ, que caſou com a Infante D. Joanna, filha do Imperador Carlos quinto, e morreo de dezaſeis annos, deixando a Princeza prenhe de D. Sebaſtiaõ, que ſuccedeo no Reino a ſeu avô.

Baſtardos teve el Rei o ſenhor D. Duarte, que foi Arcebiſpo de Braga, e Principe verdadeiramente de animo Real, e cheio de pieda-

de,

de, e zelo do bem das almas, mui grande humanifta, e douto em Theologia, e Filofofia: começou a efcrever em lingua Latina a hiftoria dos Reis Portuguezes, e tendo já compofta a vida del Rei D. Affonfo Henriques, foi o Senhor fervido levallo para fi, deixando no Reino grande magoa, e a el Rei feu Pai huma entranhavel faudade, que o acompanhou muito tempo.

A muitos Religiofos antigos de Alcobaça, e dignos de fé ouvi dizer, que tivera outro filho chamado D. Miguel, que fe criou encoberto perto daquella Villa, e morreo fendo inda de peito, jaz fepultado no proprio Mofteiro na Capella de S. Braz defronte do Altar no chaõ fem fignal nenhum.

Foi el Rei D. Joaõ naturalmente benigno, inclinado a brandura, e mifericordia, tanto que nas fentenças de morte naõ queria que fuas juftiças foffem precipitadas, nem privavaõ com elle os julgadores por rigorofos, e na Relaçaõ (onde hia cada femana huma vez) nunca favorecia a parte, que fe inclinava a condenar os culpados, havendo algum meio de os falvar.

E fendo lei mui ufada em Portugal porem aos ladrões hum cauterio de fogo no rofto, elle a derrogou dizendo, que era cerrar a porta á boa opiniaõ daquelle homem, vindo tempo, em que fe emendaffe.

Te-

Teve boa eleiçaõ de pessoas para officios. Foi amigo, e favorecedor das letras, e restituio a Coimbra a Universidade, que el Rei D. Diniz alli fundára, e depois se mudára para Lisboa, vendo que o trafego da Corte, e grande commercio de mercadores naturaes, e forasteiros condiziaõ mal com o repouso, e quietaçaõ das letras, e que em Coimbra ficava mais accommodada, tanto pelo sitio, que he quasi no meio do Reino, como pela temperança, e fartura da terra.

Buscou Mestres excellentissimos, assim de humanidade, como de todas as Sciencias, a que deo grandes salarios, e fez extraordinarios favores, e para escolas emprestou seus proprios paços, que el Rei D. Filippe o primeiro de Portugal depois vendeo á Universidade.

Estimou sempre a paz, e a conservou com os Reis seus visinhos com tal prudencia, que andando o Imperador seu cunhado em continuas guerras com França, e outros Reinos, elle se houve de maneira, que sem agravar nenhuma das partes, foi sempre amigo de todos, e com tanta authoridade, que cada qual estimava muito tello por confederado, ou ao menos por neutral.

Nas cousas da Religiaõ foi zelosissimo, e fez reformar quasi todas as do Reino, e reduzilas a seu primeiro rigor, e observancia, e se na materia das rendas de alguns Mosteiros me-

metteo mais a maõ, do que convinha, ſem duvida foi a culpa mais dos Miniſtros, e Conſelheiros Reaes por quem os negocios corriaõ, que do meſmo Rei.

Introduzio-ſe em Portugal em ſeu tempo o Officio da Santa Inquiſiçaõ, a quem deo grande favor, e augmentou por todas as vias poſſiveis. Trouxe a Portugal os Padres da Companhia, que entaõ começavaõ em Roma debaixo da inſtituiçaõ do Padre Ignacio de Loiola, movido da fama, que corria de ſua doutrina, e bom exemplo de vida, e deſprezo do mundo, e couſas delle.

Fundou-lhe as primeiras caſas, que tiveraõ no Reino, e favoreceo tanto ſeu inſtituto (vendo quaõ proveitoſa era para as almas) que em ſeu tempo, e del Rei D. Sebaſtiaõ ſeu neto, chegáraõ á grandeza de muitas caſas, e Collegios que vemos no Reino, e nas conquiſtas delle fizeraõ ſempre, e fazem hoje grande fruto na converſaõ dos infieis.

Accreſcentou alguns Biſpados, vendo que a grandeza das Dioceſes era cauſa de naõ ſeren bem providas, e viſitadas as Igrejas, e aſſim impetrou do Papa ſerem criados Biſpos em Portalegre, Leiria, e Miranda, e fez levantar á Cidade de Evora a dignidade de Arcebiſpo.

Inſtituio huma Confraria que chamaõ da Corte á honra da Conceiçaõ da Virgem Senhora Noſſa, e dos Martyres S. Roque, e S. Sebaſ-

baſtiaõ, a cuja honra fundou na Villa de Almeirim huma Igreja, e Hoſpital.

O intento deſta Confraria foi ſoccorrer com eſmólas aos Cortesãos pobres, e ás viuvas nobres, e neceſſitadas, cujos maridos morrêraõ ſervindo a el Rei, a mulheres Africanas que vem a ſeus requerimentos, e aos doentes acodem com todo o ſoccorro eſpiritual, Medico, e botica, e tudo o mais neceſſario.

Foi ſua inſtituiçaõ na Villa de Almeirim, no anno de mil e quinhentos e vinte e ſete. Entráraõ el Rei, e a Rainha por Confrades neſta Confraria, os Infantes D. Luiz, D. Affonſo, D. Henrique, D. Duarte, e a Infante D. Maria, o Duque de Bragança, e quaſi todos os Senhores, e Fidalgos do Reino, que entaõ ſe acháraõ na Corte.

Faço taõ particular mençaõ deſta ſanta obra, por ſer o meio com que ſe remedea muita gente nobre, e neceſſitada com perpetuo ſerviço de Deos, e bem da República.

Teve hum animo mui conforme com a vontade de Deos, e nunca nos deſgoſtos da morte de tantos filhos moſtrou mais dor, que accuſar com lagrimas ſeus peccados, pelos quaes dizia, que o Senhor lhe mandava aquelle ſevero caſtigo.

Foi homem de meia eſtatura, dobrado, e groſſo, formoſo do roſto, e bem córado,

152

a barba preta, e bem povoada, os olhos azuis, formoſos, e cheios de Mageſtade.

Era de preſença Real, cheia de Mageſtade; tanto que algumas peſſoas hindo-lhe fallar ſe perturbavaõ.

Seu retrato ſe conſerva em diverſas partes muito ao vivo, em particular no Moſteiro de Belem em huma taboa que eſtá no Coro poſta no pé de hum devoto Crucifixo, na qual eſtá tambem o Principe ſeu filho, e muitos irmãos ſeus retratados excellentiſſimamente.

Veio a fallecer el Rei D. Joaõ em tempo, que ſua vida era mais neceſſaria ao Reino tanto por a falta de ſeu pacifico governo, como pela idade do Principe D. Sebaſtiaõ ſeu neto, que ficava ſó de tres annos, e ſeu eſtado ſugeito ao governo de tutorias, que ſaõ ordinariamente cauſa de grandes inconvenientes.

Foi ſua enfermidade de apoplexia, e falleceo na Cidade de Liſboa na meſma caſa em que naſceo, ſendo de cincoenta annos, de Chriſto de mil e quinhentos e cincoenta e ſete, de que reinou os trinta e cinco. Eſtá ſepultado no Moſteiro de Belem.

ELOGIO

Del Rei D. Sebaſtiaõ, primeiro do nome, e decimoſexto de Portugal.

NASCEO el Rei D. Sebaſtiaõ em Lisboa, Sabbado dia de S. Sebaſtiaõ vinte de Janeiro, do anno de mil e quinhentos e cincoenta e quatro, entre as lagrimas da morte do Principe ſeu pai, e o contentamento univerſal de verem naſcido Succeſſor ao Reino.

Foi criado com a vigilancia devida ás eſperanças que pendiaõ de ſua vida, e chegando a morte del Rei D. Joaõ ſeu avô ficou em idade de trez annos, debaixo da tutoria da Rainha D. Catharina, como el Rei deixára ordenado em ſeu teſtamento, no qual Governo deo moſtras de hum animo varonil, e verdadeiramente Real, e muito mais na renunciaçaõ, que fez deſte cargo em Cortes, que ſe celebráraõ em Lisboa no anno de mil e quinhentos e ſetenta e hum (depois de ter ſoccorrido vigilantiſſimamente a Villa de Mazagaõ a que os Mouros puzeraõ duriſſimo cerco) retirando-ſe a viver quietamente com goſto ſecreto de muitos, público de alguns,

e pezar da maior parte do Reino , que no tempo de ſeu Governo naõ ſentíraõ nunca falta do Rei que perdêraõ.

Deo-ſe o Governo ao Cardeal D. Henrique tio do menino , que o teve com muita fidelidade , e inteireza até ſer de idade para governar , ſem haver no povo as inquietações , e trabalhos , que coſtumaõ ſucceder em tempo de tutorias : ainda que nos Grandes , e Privados , que ſeguiaõ a Corte , houve alguns , que acceitaraõ ſeu modo de proceder com menos applauſo do que merecia ſua boa tençaõ , a que dava cauſa ſeu zelo demaſiado em algumas couſas , e huma natural ſequidaõ , com que tratava as peſſoas , que o fazia pouco agradavel , ainda aos mais intimos Privados ſeus , ſendo em tudo o mais Principe ornado de virtudes dignas de animo Real , e Catholico.

Depois da tutoria do Cardeal , e correndo os annos de Chriſto mil e quinhentos e ſetenta e dous , houve na India huma perigoſa conjuraçaõ de todos os Principes de Oriente , para lançarem os Portuguezes fóra daquelle Eſtado , e a hum meſmo tempo ſe vio Goa cercada do Idalcaõ , Chaul do Nizá Maluco , Chale do Cámorim , e Malaca do Dachem , inda que eſte por ſer desbaratado no mar dilatou o cerco para o anno ſeguinte : mas acháraõ em Goa o Vice-Rei D. Luis de Ataide , em Chaul D. Franciſco Maſcarenhas filho do Capitaõ dos Gi-

Ginetes, que depois foi Conde de Santa Cruz, em Malaca Triſtaõ Vaz da Veiga, que com valor extraordinario rebateraõ eſtes inimigos, e os fizeraõ retirar taõ desbaratados, que muitos annos depois naõ tiveraõ forças para tornarem a renovar guerra contra os noſſos.

Eſtas grandes victorias, que ſe alcançaraõ na India, e outras ſemelhantes que cada dia ſe ouviaõ de Africa, e o animo, e inclinaçaõ natural del Rei D. Sebaſtiaõ, lhe envolviaõ o penſamento em grandes emprezas, crendo que pois a ſeus Capitães eraõ poſſiveis de alcançar as que o mundo celebrava por eſtranhas, lhe ficava a elle obrigaçaõ de emprender outras taõ differentes daquellas, como elle o era, de quem as alcançava.

Para eſte fim mandou aliſtar gente de guerra por todo o Reino, repartir armas, eleger Capitães, e officiaes de milicia, que exercitaſſem a gente, e fazer todas as mais couſas convenientes a ſeus intentos.

A eſta inclinaçaõ del Rei ſe ajuntou a ordinaria invençaõ dos Privados, que buſcando modo de o contentar conformando-ſe com ella, e vendo nelle a de armas, e guerra, lhe engrandeciaõ ſua potencia, e fingiaõ em diſcurſos militares abatidas a ſeus pés as bandeiras Africanas, e poſta ſobre ſua cabeça a coroa de Marrocos.

Le-

Levado das quaes perſuasões fez huma jornada aos lugares de Africa taõ deſacompanhado de Soldados, e mais couſas neceſſarias para fazer couſa de importancia, que com nome de viſitar aquellas fronteiras ſe tornou ao Reino naõ arrependido de ſeu intento, mas com dobrada vontade de o executar.

Ao que lhe abrio caminho Mulei Mahameth Rei de Marrocos, que havia pouco fora lançado de ſeu Eſtado por Mulei Abdelmelech, e ſe veio valer de ſeu ſoccorro, promettendo-lhe vaſſalagem.

Ordenou-ſe a partida com grande repugnancia dos Fidalgos antigos, que tinhaõ experiencia das couſas da guerra, e muito applauſo dos que viaõ agradar-ſe el Rei de ſuas confianças, e abonações, mas já ſe faziaõ de modo, que ſe deixava vêr nelles huma triſteza manifeſta, porque nunca ſe perſuadiraõ, que a jornada vieſſe a effeito; nem ſe executaſſem ſeus conſelhos, mas quando já viraõ o fructo delles diſſimulavaõ com ſua magoa naõ ſe atrevendo a reprovar, o que elles proprios tinhaõ ordenado.

Concluio-ſe em fim a jornada com taõ pouca ordem, e taõ grandes deſpezas, que as peſſoas experimentadas na guerra adevinhavaõ deſtes principios o ſucceſſo que veio a ter.

Levou quaſi onze mil Portuguezes, e os mais delles pouco exercitados na guerra, e alguns

guns Alemães, e Flamengos, e outras nações eſtrangeiras, que por todos ſeriaõ ſeis mil, e com eſte pequeno exercito paſſou em Africa, onde em poucos dias cahio el Rei no engano, com que alguns Privados ſeus lhe engrandeciaõ as forças, e riquezas de ſeu Reino, porque começaraõ a faltar pagas para os Soldados.

Mas como era de animo grande, e ſe via entre dous extremos taes, como eraõ aventurar-ſe a huma batalha dada com vantagem notoria do inimigo, ou tornar-ſe a ſeu Reino neceſſitado da falta de dinheiro, e mantimentos, ſem outro effeito de taõ grande aparato, eſcolheo o mais arriſcado, e menos affrontoſo, e foi demandar o inimigo pelo Sertaõ dentro peleijando com as calmas de Africa, com a terrivel ſede, e falta de refreſco, e depois com hum dos copioſos exercitos, que ſe viraõ naquellas partes, em que haveria bem dez Mouros para hum Chriſtaõ.

Deo-ſe a batalha de modo que vinhaõ marchando, ſem ſe entrincheirar o campo, nem fazer as fortificações coſtumadas. E como a mais da gente era biſonha (depois de mortos os Soldados velhos, que tiveraõ a victoria em duvida por muito eſpaço, e a vanguarda inimiga desbaratada) ſe deixaraõ romper da furia dos Barbaros, em quatro dias do mez de Agoſto do anno do Senhor de mil e quinhentos e ſetenta e oito.

15

Na

Na qual ſe perdeo a nobreza , e reputaçaõ dos Portuguezes conſervada por tanto numero de annos , e o que foi mais lamentavel , hum Rei de vinte e quatro annos , que fóra de neſte caſo acceitar poucos conſelhos , era em tudo o mais ornado de virtudes , e dons naturaes convenientes a hum juſto , e virtuoſo Principe.

Accreſcentou a magoa deſta perda ficar o Reino ſem ſucceſſor , e ſerem os que alcançaraõ tamanha gloria os proprios que ſempre foraõ tributarios aos Reis Portuguezes.

Foi memoravel eſte recontro por morrerem nelle tantos Reis em menos de trez horas , que fora Mulei Abdelmelech , de ſua doença , inda que outros me affirmaraõ , que de huma bala de moſquete , Mulei Mahameth affogado em hum rio hindo-ſe retirando , e D. Sebaſtiaõ , dizem que de feridas mortaes , com que acharaõ o corpo atraveſſado , depois da batalha , e houve quem o reconheceſſe , e veneraſſe por tal.

Neſte fim vieraõ a parar aquellas grandes eſperanças , que os Portuguezes tinhaõ em ſeu Rei , e aquelles bons intentos que o movêraõ a emprehender eſta jornada contra os inimigos da Fé Catholica , tudo por ſeguir conſelhos de quem os dava encaminhados mais a ſeus proprios intereſſes , que ao bem commum. Foi ſua perda no dia , e anno que já dif-

disse, aos vinte e quatro de sua idade, de que reinou vinte e hum.

O corpo assim como se achou na batalha foi depositado em Alcacere, e dahi levado a Ceuta, e ultimamente ao Mosteiro de Belem, onde ao presente está. Era el Rei D. Sebastiaõ de meia estatura, dobrado de membros, o rostro alvo, e córado com algumas sardas, o cabello ruivo, os olhos azues, e pequenos, e testa estreita, a bocca grossa, e mui córada, e tomado junto tinha Magestade, e representava bem naquelles poucos annos o ser de Rei.

Era colerico, e sem nenhum temor, e de coraçaõ taõ ousado, que nenhuma empreza lhe parecia difficil de acabar.

Seu retrato depois de muitas diligencias me veio á maõ por via de huma pessoa nobre, e mui curiosa, e amiga de conservar a memoria de sua patria.

ELOGIO

Del Rei D. Henrique, primeiro do nome, e decimo ſetimo de Portugal.

TANTO que em Portugal ſe ſoube a derrota del Rei D. Sebaſtiaõ, ſe partio o Cardeal D. Henrique do Moſteiro de Alcobaça, onde entaõ eſtava, e de que era Abbade para a Cidade de Lisboa, onde foi levantado, e jurado por Rei de Portugal com tantas lagrimas ſuas, e do povo, que mais parecia o acompanhamento pompa funeral, que feſta de coraçaõ: porque quando viaõ hum Rei em idade taõ antigo, em forças taõ fraco, e ſem Succeſſor para o Reino, e lhe lembrava, quaõ poucos dias antes perdêraõ outro, moço, robuſto, e de taõ grandes eſperanças, naõ podiaõ acabar comſigo, deixar de o moſtrar em público ao proprio Cardeal, que neſta parte os acompanhava de modo, que nunca mais ſe vio em ſeu roſto ſinal de contentamento, e mui menos, quando ſe começáraõ a tratar as pretençóes do Reino entre el Rei D. Filippe de Heſpanha, o ſegundo do nome, a Senhora

D.

D. Catharina Duqueza de Bragança, os Duques de Saboya, e Parma, e o Senhor D. Antonio Prior do Crato, e filho natural do Infante D. Luiz.

Todos os quaes o novo Rei mandou avisar, para que por si, ou seus Procuradores viessem allegar o direito, que tinhaõ na herança do Reino, e mandando todos os outros, só el Rei Catholico o naõ quiz fazer em fórma juridica, dizendo que naõ tinha para que pôr em dúvida a justiça, que tinha clara, nem podia reconhecer superior, quem nascéra Rei Supremo: mas com tudo mandou seus Embaixadores, que foraõ D. Christovaõ de Moura, que hoje he Marquez de Castel-Rodrigo, a dar a el Rei D. Henrique o pezame da perda del Rei D. Sebastiaõ, e os parabens da nova intrancia do Reino, e depois veio D. Pedro Giron Duque de Offuna para o informar da justiça, e direito, com que pertendia o Reino.

Vendo-se el Rei cercado de tantos requerimentos (entre os quaes entravaõ tambem os da Rainha de França Catharina de Medicis, que por via da casa de Bolonha, e da Condessa Matilde, com huma successaõ imaginada dizia convir-lhe o Reino) mandou convocar a Cortes os tres Estados do Reino, e na Villa de Almeirim se começou a tratar a materia da successaõ com tanta altercaçaõ, e variedade

del Rei D. Henrique ficavaõ já sendo seus vassallos: a senhora D. Catharina apartou-se da Corte, vendo que o Povo se levantava sem admittirem o juiso ordenado por el Rei. O Senhor D. Antonio aproveitou-se da occasiaõ, que o tempo lhe offereceo no favor do Povo, e de muitos nobres, que seguiaõ sua parcialidade, consentio em Santarem ser acclamado Rei de Portugal, com que ficou tudo mettido em huma confusaõ terrivel.

Foi seu corpo depositado em Almeirim, e depois no anno de mil e quinhentos e oitenta e dous trasladado ao Mosteiro de Belem por ordem del Rei D. Filippe seu sobrinho, e successor, posto que em Evora tinha feito sua sepultura no Collegio da Companhia, que elle fundou, e dotou com singular magnificencia.

Fez reformar muitas Religiões, e reduzillas a seu primeiro rigor, em particular a de S. Bernardo, que reduzio a hum corpo, e Congregaçaõ, debaixo da obediencia do Abbade de Alcobaça, que fez immediato ao Papa.

Seu retrato se conserva em diversas partes, tirado em differentes idades, e no habito ordinario de Cardeal, que sempre trouxe, em idade de quarenta e oito annos.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Filippe, primeiro do nome, e decimo oitavo de Portugal.

AO tempo que falleceo el Rei D. Henrique, veio el Rei Catholico a Badajóz a dar calor aos negocios de Portugal, crendo com ſua preſença ſe refreaſſem os inſultos, e inquietações que já ſe começavaõ a levantar no Reino, e quizeſſem os Governadores, e mais Senhores Portuguezes tomar algum aſſento em ſeus negocios, por onde ſe evitaſſem os damnos, que a occaſiaõ do tempo hia já deſcobrindo, e pelo tempo adiante ſe vieraõ a moſtrar mais notoriamente: mas como as couſas da República andavaõ perturbadiſſimas, e inquietas com reſpeitos particulares, conhecendo el Rei Catholico quaõ pouco valeriaõ remedios de amor, e brandura, e vendo as inquietações do Povo, e o Proceſſo do Senhor D. Antonio, que vindo-ſe a Lisboa, e mettendo-ſe nos Paços Reaes, uſava do nome, e officio de Rei, batendo moeda, fazendo mercês, e executando os mais poderes, como ſe lhe conviera por direito.

Man-

Mandou abalar ſeu exercito, de que era General D. Fernaõ Dalvres de Toledo, Duque de Alva. E depois de proteſtar que os danos, e mortes, que ſuccedeſſem, naõ ſe lhe imputariaõ a elle, pois lhe convinha uſar de força para adquirir ſua herança, mandou que entraſſem no Reino pela Cidade de Elvas, que logo ſe rendeo, e todas as mais Villas, e forças de Alem-Tejo, ſalvo a de Eſtremoz que fez huma ſombra de reſiſtencia, e o forte de Setubal, donde ſe julgou algum tempo com peças de artelharia, mas tudo com taõ pouco vigor, e tanta deſordem, que naõ ſerviaõ eſtas reſiſtencias de mais, que de abreviar a vida a quem as fazia, e cerrar-lhe as portas á miſericordia.

Em quanto eſtas couſas paſſavaõ, na parte de Alem-Tejo, eſtava o ſenhor D. Antonio em Lisboa ajuntando gente, pedindo dinheiro, deſpedindo Embaixadores para França, e Inglaterra, a pedir ſoccorro. Mas como os mais dos ſenhores ſeguiaõ a parte del Rei Catholico, e outros eſtavaõ neutraes, e queriaõ ſeguir a corrente das couſas, era mui pouca a gente que lhe acodia, e menos o ſoccorro de dinheiro, que achava, e aſſim eſtava entre eſperança, e temor aguardando o ſucceſſo de ſuas couſas, que ſe começáraõ a moſtrar pouco favoraveis, quando o Duque de Alva apartou em Caſcaes, ſem D. Diogo de Menezes lhe fazer

zer mais que huma moſtra de querer reſiſtir, ou por naõ ſentir animo em ſua gente, ou por outras cauſas, de que naõ alcançamos mais, que o infelice ſucceſſo de ſua morte.

Rendida a força de Caſcaes, e de S. Giaõ, foi o Duque chegando-ſe a Lisboa, junto da qual eſtava o ſenhor D. Antonio em hum ſitio fortiſſimo por natureza, mas pouco repairado por arte em hum ſó lugar, por onde tinha facil a entrada.

Eſtavaõ em ſeu campo pouco mais de tres mil e oito centos homens, dos quaes os quatrocentos eraõ eſcravos pretos, que fugindo a ſeus ſenhores, ſe vieraõ ao exercito com eſperança de liberdade, e com ſer o numero de gente taõ pouco, era o mais della trazida de ſuas caſas por força ſem armas, nem diſciplina militar; em que ſe póde ver a pouca conſtancia do favor do povo, que ſendo taõ poucos dias antes levantado por Rei com tanto concurſo de gente, quando quiz ſuſtentar o eſtado em que ella o poz, ſe achou ſó no perigo com alguns fidalgos, e com a gente, que pode ſuſtentar ſua authoridade.

Foi commettido depois de alguns dias pelo exercito do Duque, e ainda que houve alguma reſiſtencia, como o numero era taõ deſigual, e a gente Portugueza taõ pouco exercitada na guerra, foi o ſenhor D. Antonio poſto em fugida com huma ferida na cabeça, e ſeu campo

ro-

roto, e ſaqueados os arrabaldes de Lisboa, em que ſe alcançou hum deſpojo riquiſſimo. Retirou-ſe com aquelles que o puderaõ ſeguir para a Cidade do Porto, onde fez nova maſſa de gente, que lhe acodio de diverſas partes do Reino, mas como era a mais della de pouca experiencia, em chegando Sancho de Avila com humas bandas de cavalaria a poz toda em fugida.

E depois de andar por muitas partes do Reino eſcondido por Moſteiros, e caſas de ſeus amigos, ſe embarcou para França no Porto de Setubal, e dahi a algum tempo foi roto em huma armada de mar, em que elle proprio vinha junto á Ilha terceira, que ſuſtentava ſua voz, e muitos ſenhores de França, onde morreo peleijando com grande esforço D. Franciſco Portugal Conde do Vimioſo, digno por ſua nobreza, e partes de melhor ventura, e outros Fidalgos Francezes, em que depois da batalha ſe fez juſtiça.

Perdida eſta jornada, e no anno ſeguinte a propria Ilha, inſiſtio o ſenhor D. Antonio em ſua pretençaõ, e com favor da Rainha de Inglaterra veio ſobre Lisboa, donde ſe retirou ſem fazer couſa digna de notar, e cercado de trabalhos, e deſgoſtos naſcidos de ſe ver em terras eſtranhas, e muita gente perdida por ſua cauſa, falleceo em Pariz, e foi ſepultado no Moſteiro de S. Franciſco da propria Cidade, naõ ſem grandes moſtras de chriſtandade, e arre-

rependimento de ſuas culpas, e depois de morto lhe acharaõ hum livrinho pequeno eſcrito de maõ com humas devoções, a modo de Pſalmos, mui devotos, que alguns chamaõ *Pſalmi confeſſionales*, que foi compoſiçaõ ſua, em que accuſa a Deos ſuas culpas, e implora perdaõ dellas.

Depois que o ſenhor D. Antonio foi desbaratado em Lisboa, fez el Rei Catholico ſua entrada em Portugal pela Cidade de Elvas no mez de Dezembro do anno de mil e quinhentos e oitenta, donde mandou convocar Cortes para a Villa de Thomar, e nella foi jurado pelos Eſtados do Reino com grande ſolemnidade, e confirmou as leis, e privilegios antigos de Portugal, e fez outras muitas couſas proveitoſas á Republica.

No mez de Junho do ſeguinte anno, dia dos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo entrou em Lisboa, onde ſe lhe fez hum cuſtoſiſſimo recebimento, e compoz as couſas com geral ſatisfaçaõ do povo.

Foi el Rei D. Filippe de meã eſtatura, mais ſobre pequeno, que grande, de preſença grave, e reſpeitada, teve a teſta grande, os olhos formoſos, e azues, o nariz bem tirado, a boca groſſa, e córada, com o beiço debaixo derrubado, a barba bem compoſta, e loura: ſeu retrato ſe tirou em idade de ſeſſenta e oito annos.

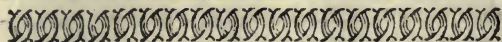
Ca-

Casou quatro vezes, a primeira com a Infante D. Maria filha del Rei D. Joaõ o terceiro de Portugal de que houve o Principe D. Carlos, que morreo em vida do Pai. Segunda vez casou com D. Maria Rainha de Inglaterra, de que naõ houve filhos. A terceira com D. Isabel filha de Henrique segundo Rei de França, da qual houve a Infante D. Isabel Clara Eugenia, que he Condeça de Flandes, mulher do Archiduque Alberto, e D. Catharina, que casou com Carlos Manoel, Duque de Saboia. A quarta vez casou com D. Anna, filha do Imperador Maximiliano, de que houve o Principe D. Fernando, que falleceo de seis annos, dez mezes e quatro dias. O Infante D. Carlos Lourenço, que morreo menino. O Principe D. Diogo, que morreo de sete annos e quatro mezes. O Principe D. Filippe, que lhe succedeo na herança de seus estados. A Infante D. Maria, que falleceo de tres annos, e cinco mezes.

Faleceo el Rei D. Filipe no anno de mil e quinhentos e noventa e oito, aos dezasete dias do mez de Setembro, em idade de setenta e hum anno, dos quaes reinou quarenta e tres em toda Hespanha, e dezoito em Portugal.

1598

Está sepultado no Mosteiro do Escurial da Ordem de S. Jeronimo, que elle fundou de seu principio com estranha grandeza, e para onde fez trasladar os ossos do Imperador Carlos V.

V. ſeu Pai, e onde eſtaõ ſuas mulheres e filhos.

ELOGIO

Del Rei D. Filippe, ſegundo do nome, e décimo nono de Portugal.

El Rei D. Filippe, terceiro do nome entre os Reis de Heſpanha, e ſegundo de Portugal, naſceo na Villa de Madrid aos quatorze dias de Abril terça feira dia dos Martyres Tiburcio, e Valeriano no anno da noſſa Redempçaõ de mil e quinhentos e ſetenta e oito; e ainda que no principio de ſua idade ſe temeo, que viveſſe pouco por ſer mais enfermo, foi o Senhor ſervido guardallo para a ſucceſſaõ deſta Coroa de Heſpanha. Por morte do Principe D. Diogo ſeu irmaõ foi jurado por legitimo Succeſſor do Reino de Portugal na Cidade de Lisboa nos Paços da Ribeira em trinta de Janeiro do anno de Chriſto mil e quinhentos e oitenta e tres, e algum tempo depois o juráraõ os outros Reis de Heſpanha, ſendo o primeiro que depois da perda del Rei D. Rodrigo foi acceito, e jurado univerſalmente por Senhor de Heſpanha, e Portu-

tugal, Reino onde primeiro ſe fez o juramento.

Por morte del Rei ſeu pai ficou em idade de vinte annos accomodado, e florente para tomar o governo, que ſe lhe entregou com applauſo commum do povo, guardando-ſe neſte Reino as ceremonias ordinarias, que de tempo antigo ſe coſtumavaõ uſar no levantamento dos Reis.

Alcançaraõ-ſe na India Oriental algumas victorias ſinaladas depois que tomou o governo, como foi o do Cunhal, e famoſo tyranno, que tinha feito grandes damnos aos Portuguezes, e mortos muitos fidalgos, e Soldados de importancia, ao qual rendeo, e captivou André Furtado de Mendoça, reſuſcitando neſta, e outras victorias, que alcançou, o antigo credito dos Portuguezes.

Veo-lhe Embaixada do Graõ Sophi da Perſia ſobre confederaçaõ contra o Graõ Turco inimigo commum, e ſobre outras couſas de importancia, e honra da Chriſtandade. Deo ſoccorro aos Catholicos de Irlanda com grande zelo de vêr aquella Ilha reduzida ao gremio da Igreja, e livre das hereſias, que ſe prégaõ nella por ſer ſugeita ao Reino de Inglaterra.

No mar (poſto, que os Coſſarios Olandezes, e Inglezes tomaſſem duas Náos da India Oriental; huma na Ilha de Santa Elena, e outra á viſta do Reino, que por arribar vinha mui

mui destroçada, e com a gente toda, ou morta, ou mui enferma) alcançou por seus Capitães victoria de muitos baxeis inimigos, em alguns dos quaes se ganhou huma preza mui rica, e enfreou sua ouzadia de maneira, que se pode navegar no Occeano com mais quietaçaõ, e menos perigo.

Desprezou com animo Christianissimo huma grande soma de dinheiro que lhe offereciaõ os homens da Naçaõ por lhe impetrar de sua Santidade hum perdaõ geral de suas culpas, e fazer concerto sobre a fazenda, que perdiaõ para o Fisco.

Renovou as leis antigas de Portugal, e accrescentou-lhe outras muitas, e as que andavaõ em extravagantes, e livros particulares reduzio em hum só volume com proveito universal do Reino.

Intentou ganhar a Cidade de Argel com huma poderosa Armada que se ajuntou nos Portos de Italia, que naõ houve o effeito desejado por occultos juizos de Deos; mas vendo que naõ podia fazer este damno á Cidade de Argel, entrou no pensamento de lançar fóra de todos os dominios de Hespanha os Apostatas Mouriscos, que nella se haviaõ conservado por tantos seculos.

Aos grandes animos de seu avô Carlos V., e de seu pai Filippe o Prudente pareceo esta acçaõ digna do seu valor, mas nunca lhes foi pos-

poſſivel o reduzir-ſe a practica, porque ſe repreſentavaõ maiores os inconvenientes, do que as utilidades. Porém eſte feliz Monarca confiando em Deos, e naõ fazendo caſo dos temores politicos, veio finalmente a livrar Heſpanha de huma peſte, que occultamente a podia arruinar.

Sahiraõ perto de quatrocentas mil peſſoas, mas taõ obrigadas ao meſmo Principe, que podendo executar nas ſuas vidas a ſeveridade das leis, ſatisfez a grandeza do ſeu animo com purificar os ſeus Reinos ſem manchar a eſpada com ſangue taõ ingrato, e rebelde.

Paſſou a Portugal trazendo em ſua companhia o Principe D. Filippe ſucceſſor, e as Infantes D. Iſabel, e D. Maria.

Entrou em Lisboa em dia de S. Pedro do anno de mil e ſeiſcentos e deſanove aonde foi recebido com demonſtrações devidas a tal Rei, e proprias de tal Naçaõ.

Fabricaraõ-ſe arcos ſumptuoſiſſimos para a ſua entrada, e chegou a grandeza a tanto exceſſo, que diſſe o meſmo Principe, que ſó naquelle dia ſe tivera por grande Rei.

Celebrou no real Palacio de Lisboa as Cortes, em que foi jurado o Principe ſeu filho ſucceſſor deſta Coroa, e gaſtando neſta jornada ſete mezes morreo em Madrid a trinta e hum de Março de mil ſeiſcentos e vinte e hum annos, tendo quarenta e tres de idade, e vinte e dous e meio de Reinado. Deſ-

Descança no Real Mosteiro de S. Lourenço do Escurial. No seu tempo teve Embaixadas de Imperadores, e Reis, que sempre recebeo com summa grandeza.

Soccorreo ao Pontifice Paulo V. com tres milhões, e trinta mil homens, e ao Imperador Fernando com grossas quantias de dinheiro, trinta e dous mil Infantes, e quatro mil Cavallos.

Dominou na India Oriental novos Reinos, como foraõ o de Pegu, e o de Candea, e alcançou victorias importantes para conservaçaõ daquelle Estado.

Casou com D. Margarida de Austria, filha dos Archiduques Carlos, e Maria, de quem teve D. Anna Mauricia, mulher que foi de Luiz XIII. de França; D. Filippe, que lhe succedeo na Coroa; D. Maria Rainha de Hungria; D. Carlos, que morreo; D. Fernando, que foi Cardeal, e Governador dos Estados de Flandes; D. Margarida, que morreo moça; e D. Affonso Mauricio, que morreo de hum anno.

Foi el Rei D. Filippe de amavel presença, teve o cabello louro, os olhos azues, a bocca grossa, e mui córada com o beiço debaixo derrubado, e corpo bem feito, e de boa grossura mais sobre pequeno, que grande. Foi de condiçaõ affavel, mais inclinado á brandura, e misericordia, que á rigor, e aspereza, e so-

bre tudo amigo de remunerar ſerviços com largas mercês.

ELOGIO

Del Rei D. Filippe, terceiro do nome, e vigeſſimo de Portugal.

NA Cidade de Valhadolid, aonde entaõ ſe achava a Corte de Heſpanha, naſceo eſte Principe em Seſta feira Santa, oito de Abril de mil ſeiſcentos e cinco annos.

Foi celebrado o ſeu naſcimento com todas aquellas demonſtrações de pompa, que merecia o maior Principe de todo o mundo. Por morte de ſeu Pai Filippe ſegundo deſte Reino, na idade de dezaſeis annos tomou poſſe do Governo, e da mais dilatada Monarquia, que viraõ os homens.

Começou a governar com applauſo commum, porque reformou os Conſelhos, promulgou novas Leis para melhor adminiſtraçaõ da República, caſtigou com exemplo poucas vezes viſto alguns Miniſtros culpados, e mandou, que todos geralmente fizeſſem inventarios das fazendas, que poſſuiaõ ao tempo que entravaõ a ſervillo.

nos

Nos primeiros annos do ſeu reinado entrou incognito na Corte de Madrid, Carlos Principe de Gales, que depois foi Rei de Eſcocia, e de Inglaterra. Deſcuberto o ſegredo da ſua vinda lhe fez el Rei D. Filippe hum taõ apparatoſo, e ſolemne recebimento, que naõ podia ſer maior o dos Principes naturaes: porque o levou debaixo do palio á ſua maõ direita, e em ſeu obſequio ſahio peſſoalmente a jogar canas, em que mereceo univerſaes aclamações, porque foi deſtriſſimo neſtes, e ſemelhantes exercicios.

O odio antigo de Olanda para com Caſtella lhe perſuadio huma expediçaõ, que intentou, e conſeguio com grande ſegredo. Preparou huma Armada de trinta e cinco navios, de que era General Joaõ Vandort, em que havia tres mil homens quaſi todos de valor muitas vezes experimentado, muita artelharia, munições, e petrechos. Sobre a Cidade da Bahia, que era o fim deſtinado deſta occulta empreza appareceo aquella poderoſa Armada enchendo aos ſeus moradores de tal medo, que na noite do meſmo dia, em que foi viſta, a deſampararaõ.

Fizeraõ-ſe ſenhores della os inimigos, e prenderaõ ao Governador, que lembrado da ſua obrigaçaõ, antes quiz ir priſioneiro a Olanda, que retirar-ſe da Praça.

Soou em Madrid eſta triſte noticia, e mandando-ſe o avizo a Portugal ſe começaraõ a diſpor os meios para a reſtauraçaõ daquella Cidade.

Concorreo generoſamente a Nobreza parte com o dinheiro, e parte com as peſſoas, mas com tal brevidade, que no mez de Novembro ſahio da barra de Lisboa huma Armada de vinte e duas embarcações, de que era General D. Manoel de Menezes, com quatro mil homens. Na Ilha de Sant-Iago cabeça de todas as do Cabo Verde eſperou pela Armada Caſtelhana, em que ſe embarcaraõ oito mil homens com o ſeu General D. Fradique de Toledo Oſorio, Marquez de Valdueza.

Unidas, e incorporadas eſtas grandes forças entraraõ em ſeſta feira Maior pela Bahia de todos os Santos.

Deſembarcaraõ quatro mil homens, que começaraõ o ſitio da Cidade á ordem do General D. Fradique, e ficou D. Manoel de Menezes no mar formando huma meia lua para impedir a fugida dos inimigos.

Hum, e outro General ſatisfez valeroſamente ás obrigações do ſangue, e dos lugares, porque D. Manoel de huma plataforma lhe metia a pique as embarcacões, e lhe matava os Soldados, que para as defenderem aſſiſtiaõ na marinha; e D. Fradique obrigou os ſitiados a lhe entregarem a Cidade ao primeiro de Maio de mil ſeiſcentos e vinte e cinco annos.

Nel-

Nella ſe acharaõ em fazendas mais de tres milhões, em dinheiro mais de trezentos mil cruzados, dous mil quintaes de polvora, e tudo o mais a proporçaõ.

Impacientes os Olandezes com eſta perda idearaõ outra conquiſta na meſma America, que foi a de Pernambuco, que mais lhe deo o noſſo deſcuido, do que o ſeu valor. Com varia fortuna durou a guerra neſta Capitania conſumindo Armadas, e Soldados, até que gloriosamente ſe concluio em outro Reinado mais feliz.

Para divertirem as forças da Monarquia inveſtiraõ muitas Praças da Coroa Portugueza na America, e na Africa, em que os Governadores fizeraõ milagres de valor, e fidelidade.

Mandaraõ gente á India Oriental para que naõ houveſſe conquiſta noſſa, em que a ſugeiçaõ a Caſtella naõ levaſſe a ella os Olandezes como inimigos. Puzeraõ ſitio á Cidade de Malaca no anno de mil ſeiſcentos e quarenta, e por falta de ſoccorros veio finalmente a capitular, e a fazella Olandeza o odio da Monarquia de Heſpanha.

Todos os portos da India ſe viraõ infeſtados deſtes inimigos ſendo mais contumazes na empreza de Ceilaõ, pois lhe cuſtou o trabalho de muitos annos. Como quaſi todas as nações ſe tinhaõ conjurado contra Ceſtella pediraõ os Arabios o ſoccorro dos Inglezes (que com inju-

juria, e mortandade haviaõ intentado a interpreza de Cadiz) para nos tomarem Ormuz, em que ſe perdeo a pedra precioſa, que ſe devia engaſtar no mundo, ſe elle foſſe hum annel.

Era el Rei D. Filippe dotado naturalmente de partes, que mereciaõ a Coroa, porque era generoſo, excellente Cavalleiro, amantiſſimo das letras, como o moſtra o número de homens eminentes, que florecêraõ no ſeu tempo, diſcreto, e affavel, mas de todas eſtas virtudes era huma ſombra o deſcuido em ordem ao bem público da Monarquia, que o fez entregar todos os negocios della á adminiſtraçaõ de alguns validos, de quem era mais conhecida a ambiçaõ, do que a prudencia.

A tyrannia com que mandavaõ, e a violencia com que queriaõ executadas as ſuas ordens, deraõ occaſiaõ ao Principado de Catalunha a que ſe rebellaſſe á Caſtella, e pediſſe o amparo de França, que por alguns annos ſuſtentou com as ſuas armas a rebelliaõ, e fez duvidoſa a conquiſta.

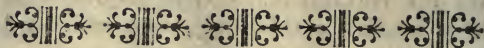
Seguindo o exemplo de Catalunha com mais razaõ, e com melhor fortuna ſe levantou no meſmo anno de quarenta o Reino de Portugal, dando a obediencia a ſeu legitimo Senhor o Duque de Bragança D. Joaõ o ſegundo deſte nome, e oitavo dos Principes daquella Sereniſſima Caſa. Tambem Napoles pretendeo com hum grande tumulto imitar Catalu-

nha,

nha, e Portugal, mas como os meios naõ correſpondiaõ á reſoluçaõ, veio ultimamente a ſujeitar-ſe ao dominio antigo.

Entre eſtas fatalidades politicas naõ faltáraõ no ſeu Reinado ſucceſſos glorioſos, e memoraveis batalhas, que alcançáraõ os ſeus Generaes, o Cardeal Infante D. Fernando ſeu irmaõ, D. Joaõ de Auſtria ſeu filho, e o famoſo Ambroſio Spinola, que na conquiſta de Bredá accreſcentou os merecimentos da ſua peſſoa.

Caſou primeira vez com Dona Iſabel de Borbon, filha de Henrique quarto, Rei de França, de quem teve a Infante D. Margarida Maria, que viveo quarenta horas: a Infante D. Maria Margarida, que morreo de treze mezes; a Infante D. Maria, que falleceo de vinte mezes, o Principe D. Balthazar Carlos; a Infante D. Iſabel Thereſa, que durou pouco; a Infante D. Maria Anna Antonia, que naõ chegou a onze mezes: a Infante D. Maria Thereſa, que foi mulher de Luiz decimo quarto Rei de França. No ſegundo caſamento naõ fallamos, porque ſe celebrou eſtando já Portugal na ſua prometida, e deſejada liberdade.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Joaõ, quarto do nome, e vigessimo primeiro de Portugal.

PELA morte do Cardeal Rei D. Henrique, cujo odio para com a Casa de Bragança lhe fez mais obstinada a sua natural irresoluçaõ, ficou a grande Monarquia de Portugal sem Successor declarado.

O poder de Filippe Prudente foi o que fez mais justificada a sua pretençaõ, e a fortuna do Duque de Alva na ponte de Alcantara junto a Lisboa, foi a que lhe segurou a Coroa acabando de destruir o pequeno, e mal armado exercito, com que se lhe oppoz o Prior do Crato, o Senhor D. Antonio.

Com esta violencia a que fazia irreparavel a extrema miseria, em que se achava este Reino sem armas, sem gente, e sem nobreza, pois toda a que o pudera salvar da escravidaõ estava ou morta, ou captiva em Africa, ficou a Serenissima Casa de Bragança conservando o direito da successaõ, até vir tempo em que a verdade triunfasse da injustiça.

Era

Era a legitima, e verdadeira Succeſſora do Reino a Senhora D. Catherina filha do Infante D. Duarte filho del Rei D. Manoel, que achando-ſe cazada com o Duque D. Joaõ o primeiro deſte nome repreſentava na peſſoa de ſeu pai o unico herdeiro da Coroa de Portugal. Mas como a força venceo a razaõ continuáraõ os Senhores daquella grande caſa no ſeu infortunio até que ſatisfeito o caſtigo de ſeſſenta annos ſe lhes reſtituio o que era ſeu.

Os valídos dos Reis de Caſtella foraõ os primeiros inſtrumentos da liberdade deſte Reino, porque mais parece, que attendiaõ a deſtruir, do que a conſervar. Eraõ exceſſivos os tributos, naõ ſe dava ſatisfaçaõ ao que juraraõ nas Cortes de Thomar, e em outras, pois ſe viaõ os lugares, que deviaõ ſer dos Portuguezes na maõ dos Caſtelhanos, e parecendo-lhes ainda pouca eſta repetida infracçaõ das Leis entraraõ na pretençaõ de reduzirem eſte Reino ao eſtado de Provincia.

Exaſperou eſta reſoluçaõ aos verdadeiros Portuguezes, e para cortarem de huma vez a cadêa da ſua eſcravidaõ no primeiro de Dezembro de mil ſeiſcentos e quarenta acclamaraõ por ſeu Rei ao Duque de Bragança D. Joaõ, que foi o quarto deſte nome.

Naſceo em Villa Viçoſa corte de ſeus pais Sereniſſimos em deſanove de Março de mil ſeiſcentos, e quatro. Foraõ ſeus pais o Duque D.

1604 Theo-

Theodozio ſegundo do nome, e a Duqueze D. Anna de Velaſco, neto do Duque D. Joaõ o primeiro, e da ſenhora D. Catherina herdeira legitima deſta Coroa.

Começou-ſe a diſpor a liberdade deſte Reino pelos tumultos de Evora, que parecendo eſtarem de todo ſocegados vieraõ a ter a deſejada concluſaõ em hum ſabbado primeiro de Dezembro do anno feliz de mil ſeiſcentos e quarenta, porque nelle foi aclamado Rei o Duque de Bragança pela generoſa reſoluçaõ de quarenta Cavalheiros que no breviſſimo eſpaço de trez horas tiraraõ em huma ſó Lisboa aos Monarcas de Caſtella hum Reino, que haviaõ poſſuido ſeſſenta annos.

Entrou el Rei D. Joaõ o IV. na Cidade de Lisboa huma quinta feira ſeis do dito mez, e a quinze foi coroado com a ſolemnidade coſtumada, hindo depois a cavallo acompanhado de toda a Nobreza a pê, render as graças na Sé ao Author dos Imperios.

Preparou-ſe para huma guerra a que fazia infallivel a perda de taõ dilatados dominios, e a que fazia perigoſa o poder do Principe excluido, e a falta de todos os meios neceſſarios para a defenſa.

Tudo ſuprio a lealdade dos corações Portuguezes, que ſacrificando em obſequio de ſeu Principe as fazendas, e as vidas, rara foi a

oc-

occaziaõ, em que peleijaraõ com os inimigos, que naõ sahissem vencedores.

Entre todas foi mais celebre a batalha do Montijo, em que a fortuna mostrou a sua inconstancîa, e em que os Portuguezes mostraraõ o como muitas vezes excede o valor á variedade da fortuna.

Com a felicidade de muitos successos gloriosos passaraõ as suas tropas a conquistadoras entrando victoriosas pelas fronteiras de Castella, aonde ganharaõ praças, que naõ sô destruiraõ, mas conservaraõ por grande numero de annos.

Indignados os Ministros de Hespanha de verem no throno a el Rei D. Joaõ o quarto ordenaraõ tirar-lhe a vida para o que se offereceo hum Portuguez indigno de nome taõ fiel para executor deste atroz delicto.

Intentou dar-lhe a morte quando em vinte de Junho de mil seiscentos e quarenta e sete acompanhava a Prociſsaõ do Corpo de Deos, mas naõ podendo conseguir o seu intento, ou natural, ou sobrenaturalmente, voltou a Madrid, aonde aceitas as desculpas de que Deos naõ queria se executasse, veio segunda vez ao mesmo fim, e sendo prezo pagou com a vida a sua infidelidade, que para ser mais execranda foi hum dos primeiros homens a quem el Rei D. Joaõ tinha feito mercê de Escrivaõ da Correiçaõ do Civel da Corte.

Em

Em agradecimento defte ineftimavel beneficio no mefmo lugar em que fe pretendeo commetter taõ barbara morte mandou edificar a Rainha hum Convento dedicado ao Santiffimo Sacramento, em que poz os Religiofos de Santa Therefa, como querendo, que huma Santa Caftelhana foffe a Protectora de Portugal.

Pelo efpaço de quatorze annos fuftentou a guerra em Pernambuco contra a Potencia de Olanda, que continuava nella, como fe ainda efte Reino eftiveffe fujeito a Caftella, mas quebrando-lhe as forças em muitos recontros, e particularmente nas duas batalhas dos Gararapes, veio a ficar pacifico Senhor de toda aquella Capitania em vinte e fete de Janeiro de mil feifcentos e cincoenta e quatro.

Naõ feguio o mefmo exemplo, nem a mefma fortuna a Ilha de Ceilaõ, porque ainda na fua defenfa fe obraraõ acções, que parecem incriveis; a diftancia, e a falta de foccorros a reduziraõ a eftado, que ficou no dominio de Olanda.

Finalmente fobrevindo-lhe huma fupreffaõ, vendo que as medicinas mais lhe ferviaõ de tormento, que de remedio entre actos, e difpofições de animo Chriftaõ, e real, falleceo em Lisboa fegunda feira feis de Novembro de mil feifcentos e cincoenta e feis annos; tendo de idade cincoenta e dous, fete mezes, e dezoito dias, dos quaes foi vinte e feis annos Duque

de

de Barcellos, dez Duque de Bragança, e dezaſeis menos vinte e quatro dias Rei de Portugal.

Jaz no Real Convento de S. Vicente de fóra em huma excellente ſepultura debaixo do Sacrario do Altar mór.

Foi el Rei D. Joaõ de meã eſtatura, mui gentil homem antes das bexigas, que alguma couſa lhe diminuiraõ eſte dote; teve o cabello louro, olhos azues, alegres, e agradaveis, a barba mais clara, que o cabello, o corpo groſſo, e taõ rebuſto, que ſó lhe veio a prejudicar a deſordem do alimento: naõ fez caſo da pompa de veſtir, porque naõ queria, como coſtumava dizer, que as outras Nações ſe fizeſſem ſenhores dos ſeus Vaſſallos pelos trajes.

Foi diſcreto na converſaçaõ, agudo, e prompto nas repoſtas, e ainda nos deſpachos, como ſe vê em muitas da ſua maõ; foi amigo da juſtiça ſem declinar a ſevero.

Profeſſou a Muſica, e eſtimou a caça, e foi excellente em huma, e outra: naõ teve valido, mas ſoube eleger Miniſtros para o ajudarem no governo.

Com a induſtria, e com a deſpeza reſgatou a vida de ſeus Vaſſallos, e neſte politico ſegredo deſpendeo theſouros com publica utilidade.

Creou

Creou o titulo de Principe do Brasil para o Principe D. Theodosio, a quem tambem deo o de Duque de Bráganҫa ; ao Infante D. Pedro fez Duque de Béja ; a D. Nuno Alvares Pereira de Mello filho do Marquez de Ferreira Duque do Cadavel ; ao Conde de Monsanto Marquez de Cascaes ; ao Conde de Vimioso Marquez de Aguiar ; ao Conde da Vidigueira Marquez de Niza ; ao primogenito do Marquez de Montalvaõ Conde de Serem ; a Mathias de Albuquerque Conde de Alegrete ; a D. Joaõ da Costa Conde de Soure ; ao Baraõ de Alvito Conde de Oriola ; a D. Antonio de Noronha Conde de Villa Verde ; a Antonio Telles da Silva Conde de Villa pouca : a D. Francisco de Sousa confirmou a mercê de Conde do Prado ; a D. Fernando de Menezes a de Conde da Ericeira ; e a D. Fernando Mascarenhas restituio a de Conde da Torre.

Fez doaҫaõ á Rainha D. Luiza de muitas terras, que nas subsequentes ficáraõ hereditarias.

Restituio aos Religiosos de S. Bernardo as grandes rendas, que com o titulo de Commenda se lhes haviaõ tomado ; e movido de huma notavel devoҫaõ para com o Mysterio Purissimo da Conceiҫaõ da Virgem Maria, a jurou Padroeira de todo o Reino, ordenando por Lei, que na Universidade de Coimbra ninguem podesse tomar gráo sem primei-

ro

ro jurar a Pureza da Senhora naquelle Myſterio.

Caſou com a Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, filha dos Duques de Medina, e Sidonia: della teve ſendo Duque o Principe D. Theodoſio, que falleceo no anno de mil ſeiſcentos e cincoenta e tres; a Senhora D. Anna, que naſceo, e morreo no meſmo dia; a Infante D. Joanna que morreo no anno de mil ſeiſcentos e cincoenta e tres; a Infante D. Catharina, que foi mulher de Carlos ſegundo Rei de Inglaterra, e depois de viuva voltou para Lisboa, aonde falleceo: a Senhora D. Maria que naſceo, e morreo no meſmo dia: depois de Rei teve o Infante D. Affonſo, que lhe ſuccedeo na Coroa; outro filho, que naſceo morto, e o Infante D. Pedro, que ſuccedeo a ſeu irmaõ el Rei D. Affonſo.

Fóra do Matrimonio teve a Senhora D. Maria, que acabou recolhida no Convento das Carmelitas Deſcalças de Carnide junto a Lisboa.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Affonſo, ſexto do nome, e vigeſſimo ſegundo de Portugal.

A EL REI D. Joaõ o quarto de glorioſa memoria, ſuccedeo no Throno ſeu filho o Principe D. Affonſo. Tinha naſcido na Cidade de Lisboa em vinte e hum de Agoſto de mil ſeiſcentos e quarenta e tres annos. Por morte de ſeu Irmaõ o Principe D. Theodoſio, ſuccedida em quinze de Maio de mil ſeiſcentos e cincoenta e tres, foi jurado Principe, e Succeſſor da Coroa em vinte e dous de Outubro do meſmo anno.

Coroou-ſe a quinze de Novembro de mil ſeiſcentos e cincoenta e ſeis com geral acclamaçaõ dos póvos, que parece que já de longe prognoſticavaõ as felicidades do ſeu governo.

Na tutella de ſua grande Mãi a Rainha D. Luiza começou com proſperos ſucceſſos o ſeu Reinado, como ſe vio na batalha do Forte de S. Miguel em Badajóz. Depois no anno de mil e ſeiscentos e cincoenta e oito, tendo ſitiado a Cidade de Elvas D. Luiz Mendes de Haro com hum poderoſo exercito, e

tendo-a reduzido quasi á ultima miseria pela falta de defensores, passou a Alem-Téjo o Conde de Cantanheda D. Antonio Luiz de Menezes por ordem da Rainha Regente, e buscando ao inimigo dentro das suas mesmas linhas o rompeo com grande estrago de Castella, e com grande gloria de Portugal a quatorze de Janeiro de mil seiscentos e concoenta e nove.

Da mesma sórte venceo aos Castelhanos na famosa batalha do Amexial, sendo Governador das Armas D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor. Havia entrado pela Provincia do Alem-Téjo D. Joaõ de Austria, filho natural de Filippe IV. com hum exercito digno de taõ grande General.

Sitiou Evora, cabeça daquella Prnvincia, e rendeo-a; o que sabido em Lisboa se levantou hum motim, de que nascêraõ os effeitos costumados.

Para se dar o remedio conveniente passou a Aldeia-Gallega o Conde de Cantanhede já Marquez de Marialva a preparar os soccorros do Alem-Téjo.

Com os que mandou, e com os que vieraõ das outras Provincias sahio em campanha o Conde de Villa For, e buscando os inimigos os desbaratou, e venceo ganhando huma completa victoria com grande mortandade, e maior numero de prisioneiros, ficando-nos tambem

o Estendarte real de Castella, que todos os annos em certo dia se expunha ao povo no Convento de S. Francisco da Cidade, até que por descuido, ou por diligencia alheia desappareceo esta memoria digna certamente de eterna conservaçaõ.

Restaurou-se logo a Cidade de Evora devendo-se grande parte deste venturoso successo á sciencia, e ao valor do Marechal de Schomberg, que naquelle tempo era Mestre de Campo General dos exercitos Portuguezes. Em todo o Reino era igual a fortuna del Rei D. Affonso, porque na Provincia da Beira derrotou Pedro Jaques de Magalhães ao Duque de Offuna na batalha de Castello Rodrigo; mas como o poder de Castella buscava todos os modos de restaurar o perdido, entrou novamente pelo Alem-Tejo o Marquez de Carracena taõ soberbo como armado.

Poz sitio a Villa Viçosa, e quando mais furiosamente a combatia, soube que marchava o Marquez de Marialva.

Deixou guarnecidas as linhas, e encontrando-se no campo de Montes Claros se deraõ huma das mais disputadas batalhas, que até aquelle tempo se viraõ.

Peleijavaõ huns por ganharem o perdido, outros por defenderem a liberdade, até que vencedores os Portuguezes derrotaraõ inteiramente os Castelhanos.

Des-

Deſta continuaçaõ de proſperidades mereceo el Rei D. Affonſo o titulo de victorioſo, ſem que baſtaſſe a diminuir-lhe a gloria de tantas acções a perda de Cochim na India, de que injuſtamente ſe fizeraõ ſenhores os Olandezes.

Seria incomparavel a grandeza deſte Principe ſe ſe experimentaſſem na Corte as meſmas felicidades, que na campanha. Hum accidente de ar que lhe tomou metade do corpo ſendo ainda menino lhe deixou menos livres, e mais confuſas as operações do entendimento.

Era colerico ſem cauſa, e demaſiadamente com ella. Com o ſeu favor, e com a ſua protecçaõ ſe animaraõ muitos a commetter crimes graviſſimos, do que reſultavaõ outros maiores, querendo-ſe tomar delles a devida ſatisfaçaõ.

Eſtas, e outras deſordens, que ſe ſenaõ atalhaſſem, perdiaõ infallivelmente a República, foraõ a occaſiaõ de que attendendo os vaſſallos mais zeloſos á conſervaçaõ do Reino buſcaſſem o Infante D. Pedro para que quizeſſe remediar os damnos imminentes,

Aſſim ſe executou, e em vinte e tres de Novembro de mil ſeiſcentos e ſeſſenta e ſete ficou recluſo el Rei D. Affonſo em hum quarto do Paço, e tomou ſeu Irmaõ o governo com o titulo de Principe Regente.

Depois alguns movimentos politicos fizeraõ, que ſe tomaſſe a reſoluçaõ de o mandarem

rem para o Caſtello da Ilha , e Cidade de Angra , donde foi trazido para o Palacio de Sintra , em que acabou a vida de hum accidente de apoplexia a doze de Setembro de mil ſeiſcentos e oitenta e tres , tendo padecido todos eſtes trabalhos com grande reſignaçaõ , que foraõ os merecimentos da Bemaventurança Eterna , que goſa , como teſtemunháraõ peſſoas de conſummada virtude.

De Sintra foi levado o ſeu Real Cadaver ao Moſteiro de Belem , aonde ſe deſpoſitou em vinte do dito mez acompanhando-o ainda até a ſepultura a ſua antiga felicidade , pois no meſmo tempo em que caminhava a pompa funeral entraraõ pelo Téjo as Frotas da America com duas náos da India.

Era el Rei D. Affonſo de proporcionada eſtatura , de excellente preſença , alvo , olhos azues , perfeito nariz , cabello louro , e comprido , e de grande memoria , de que fez em algumas occaſiões notaveis provas.

Foi liberaliſſimo ; e ainda que lezo de meio corpo mui forte a cavallo , em que coſtumava muitas vezes ſahir fóra. Edificou em Santarem a Igreja de Noſſa Senhora da Piedade , em que lançou a primeira pedra.

A D. Antonio Luiz de Menezes , Conde de Cantanheda fez Marquez de Marialva , e a Franciſco de Sá e Menezes Conde de Penaguiaõ ſeu Camareiro Mór , fez Marquez de

Fon-

Fontes; a D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor; a Joaõ Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente; a Francisco de Mello e Torres, Marquez de Sande, e Conde da Ponte; a D. Luiz de Almeida, Conde de Avintes; a D. Pedro de Castello Branco, Conde de Pombeiro; a Lourenço de Sousa, seu Aposentador Mór, Conde de Sant-Iago; a Martim Correa de Sá, Vis-Conde de Asseca; e a Luiz de Sousa de Macedo, filho do Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, Baraõ da Ilha grande.

Casou em dous de Agosto de mil seiscentos e sessenta e seis com D. Maria Francisca Isabel de Saboia, filha dos Duques de Nemours, e de Aumale, o qual casamento se annullou por sentença de vinte e quatro de Março de mil seiscentos e sessenta e oito. Naõ deixou filhos.

ELO-

ELOGIO

Del Rei D. Pedro, ſegundo do nome, e vigeſſimo terceiro de Portugal.

O INFANTE D. Pedro, ultimo filho del Rei D. Joaõ o quarto, naſceo em Lisboa a vinte e ſeis de Abril de mil e ſeiscentos quarenta e oito, ſeu Pai lhe deo o Ducado de Béja com outras terras, que lhe compunhaõ hum decente Eſtado.

Depoſto do Throno ſeu Irmaõ el Rei D. Affonſo ſexto, foi jurado Principe, e Governador do Reino em vinte e ſete de Janeiro de mil ſeiſcentos ſeſſenta e oito.

O primeiro cuidado do ſeu Governo foi a concluſaõ da paz deſte Reino com o de Caſtella que ſe publicou em Lisboa a dous de Março do dito anno de mil ſeiscentos ſeſſenta e oito.

Com aquella Monarquia teve ſempre fiel correſpondencia, como ſe vio no ſoccorro, que lhe mandou para defender a Praça de Oraõ do poder dos Mouros, que a tinhaõ ſitiado, hindo por General daquella Armada

o

o valeroſo Pedro Jaques de Magalhães Governador que havia ſido das Armas da Provincia da Beira no partido de Almeida.

Segunda vez ſe valeo Heſpanha das ſuas Armas, quando vio ſitiada pelos Mouros a Cidade de Ceuta, para cuja defenſa partio de Lisboa com hum Regimento de Infantaria Pedro Maſcarenhas Barreto, que depois governou as Armas da Provincia de Alem-Téjo com valor, e com fortuna, e baſtou eſte ſoccorro para ſuſtentar aquella Praça a furioſa invaſaõ de taõ barbaros inimigos.

Na tranquillidade de huma profunda paz ſe achava eſte Reino ao meſmo tempo em que todos os da Europa ardiaõ no incendio de huma guerra pertinaz, ſendo eſta a cauſa por onde mereceo o noſſo Rei o titulo de Pacifico.

Mas quando Europa começava pacificamente a reſpirar das tempeſtades paſſadas ſuccedeo a morte de Carlos ſegundo, Rei de Caſtella, e a ſucceſſaõ de ſeu ſobrinho Filippe Duque de Anjou naquella Coroa.

Os intereſſes deſte Reino moſtráraõ entaõ, que era conveniente reconhecer-ſe aquelle novo Principe, como verdadeiro Rei da Monarquia de Heſpanha, e neſta conformidade paſſou o Miniſtro de Caſtella para Portugal.

Mas

Mas os Miniſtros Portuguezes conſiderando melhor as conveniencias do Reino aconſelháraõ a el Rei D. Pedro, que tomaſſe differente reſoluçaõ, a qual perſuadîraõ, e facilitáraõ os Miniſtros de Alemanha, Inglaterra, e Hollanda promettendo-lhe para eſte fim grande número de trópas, e maiores dominios pelas raias de Caſtella.

Em virtude deſte Contrato ſe fabricou na Cidade de Lisboa huma ponte magnificamente adornada para entrar por ella no Palacio, que lhe eſtava preparado, Carlos terceiro, filho do Imperador Leopoldo primeiro, que já ſe tinha coroado Rei de Heſpanha na Corte de Viena.

Na de Lisboa entrou a ſete de Março de mil e ſetecentos e quatro acómpanhado de huma poderoſiſſima Armada, que em muitos navios de tranſporte trouxe o ſoccorro das trópas, que vinhaõ para Portugal.

No tempo, que eſte Principe aſſiſtio em Lisboa, foi tratado com inexplicavel grandeza, até que reſólutos a executarem o ſeu projecto, marcharaõ ambos os Principes para a Beira, onde determinando paſſar o rio Agueda, que corre junto a Ciudad Rodrigo, o naõ poderaõ fazer, porque lhes eſtava defendendo o paſſo o Duque de Berwick General das trópas Caſtelhanas com maior poder, do que ſempre ſe imaginou.

Vol-

Voltaraõ para a Corte , e nella ſobreveio a el Rei D. Pedro huma enfermidade taõ perigoſa , que quaſi deſconfiáraõ de todo as noſſas eſperanças , mas reſtituido apparentemente á ſua antiga ſaude mandou eutrar por Caſtella aquelle incomparavel Heroe D. Antonio Luiz de Souſa Marquez das Minas , e Governador das Armas da Provincia do Alem-Téjo , que taõ feliz , e valeroſamente executou as ordens do ſeu Principe , que rompendo os Caſtelhanos nos choques de Monſanto , e de Broças , foi ganhando Alcantara , Ciudad Rodrigo , Salamanca , Coria , e Placencia , e todas as mais povoações até a grande Corte de Madrid , que pelos ſeus Deputados lhe mandou dar obediencia , e na qual entrou em vinte e cinco de Junho de mil ſetecentos e ſeis tendo-a deſamparado poucos dias antes el Rei Cathlico Filippe V.

Nella eſteve o Marquez das Minas dando providencia a grande numero de negocios , que neceſſariamente occorriaõ , e deſpachando com os Tribunaes as dependencias preſentes.

No anno de mil ſetecentos e cinco tinha ſahido de Lisboa Carlos Terceiro , e ganhada a Cidade de Barcelona eſtava ſenhor de quaſi todo o Condado de Catalunha , por onde ſe communicava com os Reinos de Aragaõ , e de Valença.

Eſ-

Esperava o Marquez das Minas, que viesse aquelle Principe com todo o seu poder a unir-se com elle para o estabelecer na Corte de Madrid, que era a conclusaõ de tantas ruinas, e de tantas mortes. Nunca se póde executar esta uniaõ, e como os animos Castelhanos obedeciaõ mais por violencia, que por amor, vendo o General Portuguez, que as praças conquistadas se lhe hiaõ rebellando, sahio de Madrid, aonde já fóra de tempo, e de occasiaõ se uniraõ humas, e outras forças.

Neste tempo se renovou a el Rei D. Pedro a queixa antiga, e aggravando-se-lhe cada dia mais veio a fallecer com inexplicavel sentimento dos seus Vassallos em nove de Dezembro de mil setecentos e seis na quinta de Alcantara junto a Lisboa na mesma Casa em que morrêra seu Irmaõ o Principe D. Theodosio. Jaz em S. Vicente de Fóra.

Foi el Rei D. Pedro de estatura agigantada, cor trigueira, olhos grandes, nariz aquilino, bocca grossa, e cabello preto.

Teve forças extraordinarias, do que fazia provas admiraveis. Excedeo a todos os do seu tempo na sciencia de andar a cavallo, e de correr touros.

Era incançavel na frequencia com que ouvia aos seus Vassallos, para o que naõ havia hora, nem tempo reservado.

Te-

Teve huma taõ rara memoria, que de qualquer peſſoa que vio huma vez, ainda depois de paſſados muitos annos ſe lembrava com diſtinçaõ.

Foi dotado de huma grande piedade, como ſe via na devoçaõ com que venerava os Myſterios da Fé, e com que reſpeitava os Sacerdotes, e Religioſos, eſpecialmente os de S. Franciſco de cuja Terceira Ordem era Profeſſo, e com cujo habito ſe mandou ſepultar.

No Reino de Angola ſendo ſeu Governador Franciſco de Tavora alcançou huma importante vitoria do Rei do Dongo, ou das Pedras de que foi conſequencia a paz daquelle Eſtado.

Á ſua inſtancia paſſou a Metropolitano o Biſpado da Bahia, e ſe erigiraõ os Biſpados do Pernambuco, do Rio de Janeiro, do Maranhaõ, do Pará (ainda que eſte ultimo veio a ter effeito no Reinado del Rei D. Joaõ o quinto, e foi ſagrado por primeiro Biſpo D. Frei Bartholomeu de Pilar Religioſo da Ordem do Carmo) e de Peckim, e de Nanckim na China como conſta da Bulla, que começa *Romani Pontificis* paſſado o anno de mil ſeiſcentos noventa e quatro. Para a guerra contra o Turco ſoccorreo ao Papa Innocencio XI. com groſſas quantias de dinheiro, e para os Lugares Santos deo hum excellente ornamento bordado de ouro com que o Guardiaõ de Jeruſalem celebra Miſ-

ſa

ſa em Pontifical na noite de Natal na Lapinha de Belem ; deo bacia de prata para o Santo Sepulchro de taõ excellente feitio , que excedem a todas as que ardem diante delle , e para cujo azeite deixou renda na Caſa da India.

Fez Duques do Cadaval a D. Luiz Ambroſio de Mello , e a ſeu Irmaõ D. Jaime de Mello filhos ambos do Duque D. Nuno. Ao Conde do Prado D. Franciſco de Souſa fez Marquez das Minas ; ao Conde da Torre D. Joaõ Maſcarenhas Marquez da Fronteira; ao Conde de S. Joaõ Luiz Alvares de Tavora Marquez de Tavora ; ao Conde de Villar maior Manoel Telles da Silva Marquez de Alegrete ; a D. Franciſco Maſcarenhas fez Conde de Coculi ; a D. Joſeph de Menezes Conde de Viana ; a D. Manoel Coutinho Conde de Redondo ; a Franciſco de Tavora Conde de Alvor ; a Diniz de Mello de Caſtro Conde das Galveas , a Luiz de Mendoça Conde do Lavradio ; a D. Joaõ de Almeida Conde de Aſſumar ; a D. Miguel Luiz de Menezes Conde de Valladares ; a Lopo Furtado de Mendoça Conde do Rio Grande por caſar com D. Jozefa Antonia de Sá filha herdeira de Franciſco Barreto de Menezes Reſtaurador de Pernambuco ; a Joaõ Gomes da Silva Conde de Tarouca por caſar com D. Joanna Roſa de Menezes herdeira daquella Caſa , e a Pedro Jaquez de Magalhães Viſconde de Fonte-Arcada.

Ca-

Caſou el Rei D. Pedro duas vezes, a primeira com a Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboia mulher, que havia ſido de ſeu Irmaõ el Rei D. Affonſo ſexto, e cujo matrimonio ſe tinha annullado juridicamente. Celebrou-ſe eſte caſamento em dous de Abril de mil ſeiſcentos ſeſſenta e oito, e delle naſceo a Infante D. Iſabel que foi jurada Princeza deſte Reino.

A eſta Senhora como herdeira de Portugal reſolveo caſar a Rainha ſua Mãi com o Duque de Saboia ſeu ſobrinho filho de ſua Irmã Madama Real. Para eſte fim chamou o Principe D. Pedro ainda Regente a Cortes, e nellas foi diſpenſada a Lei fundamental das Cortes de Lamego, que diſpoem, que as filhas herdeiras naõ caſem fóra do Reino. E como deſta materia he pouco o que ſe ſabe daremos della huma breve, e diſtinta noticia.

Ajuſtado o caſamento mandou o Principe D. Pedro preparar huma Armada, em que foſſe conduzido a Lisboa o Duque de Saboia. Compunha-ſe de oito grandes náos, cuja Capitania era S. Franciſco de Aſſis chamada por antonomazia o Monte de ouro, digna verdadeiramente de taõ ſoberano hoſpede, porque nella competia a grandeza com o primor. Era o ſeu primeiro Governador (que eſte foi o nome, com que naquella occaſiaõ embarcaraõ os Capitães) D. Joaõ de Lancaſ-

tro,

tro , o ſegundo Manoel Jaques de Magalhães ; primeiro Tenente Pedro de Figueiredo de Alarcaõ. A Almirante era S. Benedito , e ſeu Governador Lourenço Nunes. De Santa Clara , em que hia o Fiſcal Gonçalo da Coſta de Menezes era Governador Luiz Ceſar de Menezes. Da Conceiçaõ Luiz Lobo da Silva. De Santo Antonio de Padua D. Fernando Maſcarenas Marquez de Fronteira , e Conde da Torre. De S. Franciſco de Borja Victorio Zagallo Almirante que havia ſido da Armada Real ; e de Santo Antonio de Flores D. Joaõ de Caſtro.

Era General deſta Armada o Viſconde de Fonte Arcada Pedro Jaques de Magalhães bem conhecido pelo ſeu valor , e pela famoſa batalha , que glorioſamente ganhou aos Caſtelhanos em Caſtello Rodrigo. Almirante Miguel Carlos de Tavora ſegundo Conde de S. Vicente , e depois Conſelheiro de Eſtado , e Guerra , e Provedor Franciſco Pereira da Cunha. Embarcaraõ voluntarios Franciſco de Britto Freire General que foi da Armada do Comercio , e das Frotas do Braſil. Triſtaõ da Cunha de Attaide hoje Conde de Pavolide , e D.Joaõ Diogo de Attaide Governador que agora he das Armas da Provincia do Alem-Téjo.

Para Veador do Duque de Saboia hia D. Joaõ de Almeida depois Conde de Aſſumar , Embaixador ao Imperador Carlos ſexto , quan-

do residio em Barcelona, e do Concelho de Estado: para Trinchante D. Antonio Alvares da Cunha Senhor de Taboa, e para Sumilher da Cortina D. Joaõ de Sousa, que foi Bispo do Porto, e Arcebispo de Braga, e ultimamente de Lisboa, e Conselheiro de Estado; Escrivaõ da Cozinha Balthazar Rebello; doze Moços da Camara, dezoito Reposteiros, e todos os mais Officiaes, de que se compoem huma Casa Real.

Faltava Embaixador, e Conductor de S. A. R., e ninguem duvidava, que para lugar taõ grande naõ havia outra pessoa no Reino, senaõ o Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello Mestre de Campo General junto á Pessoa de S. Alteza o Principe D. Pedro.

Assim succedeo, e foi nomeado por huma Carta taõ honrada que parecia a satisfaçaõ dos grandes serviços, que tinha feito a esta Coroa na paz, e na guerra. Damos a copia, porque della consta melhor a justa estimaçaõ, que das qualidades da sua Pessoa fazia o Principe.

HONRADO Duque, Sobrinho, Amigo. Eu o Principe vos envio muito saudar, como aquelle que muito amo, e prézo. Mandei aprestar esta Armada para ser conduzido nella a este Reino o Duque de Saboia meu bom Irmaõ, e por ser

ſer eſta a maior occaſiaõ que ſe póde offerecer, he certo a havia de entregar a huma peſſoa tal, e em que concorreſſem tantas, e taõ grandes qualidades juntas, como concorrem na voſſa pelo devido que comigo tendes, pela antiguidade da voſſa Caſa, pela muita confiança, que de vós faço, e pelo grande amor com que attendeis a meu ſerviço, e bem do Reino. Por todas eſtas razões hei por bem, e mando ao General, e Cabos da Armada, que aſſim á hida, como de volta, e em quanto eſtiverem em terra, depois de ſahirem deſte porto, executem o que lhes diſſerdes, e ordenardes em meu nome, e como voz minha, porque de aſſim o fazerem me haverei por bem ſervido. Eſcrita em Lisboa, a 23 de Maio de 1682.

PRINCIPE.

Com eſtas preeminencias embarcou o Duque levando por ſeus Tenentes Generaes Bernardo Ramires, e Alvaro Dias, e por Theſoureiro da Embaixada João Morato Roma.

Sahio eſta Armada do porto de Lisboa a 23 de Maio de 1682, e com proſpera viagem chegou a Niza. Daqui paſſou o Duque á Turim, onde foi recebido, e tratado com aquellas demonſtrações de obſequio, que ſendo devidas ao ſeu Caracter, eraõ muito mais merecidas pela grandeza da ſua peſſoa.

Achou

Achou o Duque de Saboya mal convalecido de huma febre, que com a continuaçaõ de quarenta dias ſe tinha feito mui perigoſa, e eſperando-ſe da efficacia dos remedios a brevidade da convaleſcença, naõ reſpondeo o ſucceſſo á imaginaçaõ, porque de tal ſorte ſe dilatou a reſtituiçaõ da ſaude, que naõ podendo a Armada invernar nos portos de Italia, voltou para Lisboa.

Eſte foi o fim de huma negociaçaõ, em que ſe conſideráraõ os intereſſes mais importantes para eſta Monarquia, porém Deos que tinha decretado o contrario, diſpôz, que ſó ſerviſſe de moſtrar o Duque D. Nuno a grande capacidade do ſeu talento na fingida benevolencia dos Miniſtros de Saboya, e de ſe vêr, que contra as determinaçóes Divinas naõ valem as politicas, nem as induſtrias humanas.

Para eſta occaſiaõ de Saboya fez lavrar el Rei D. Pedro huma medalha de ouro, que pezava vinte e quatro mil reis, da qual de huma parte tinha o ſeu retrato com eſta letra *Petrus D. G. Portugal. & Algarb. Princeps.* e da outra as Quinas de Portugal orladas com os Caſtellos ſobre a Cruz de Chriſto, e dizia á roda. *In hoc ſigno vinces. Reſpiciam, & videbo*, e na groſſura da moeda tinha as palavras ſeguintes. *Ut portent nomen meum in exteras gentes.*

Falleceo efta Senhora em Lisboa a 21 de Outubro de 1690, e eftá fepultada no Convento de Religiofas Capuchas Francezas, fundaçaõ da Rainha fua Mãi, que morreo em Palhavã junto a Lisboa a 27 de Dezembro de 1683, e jaz no mefmo Convento.

Cafou fegunda vez el Rei D. Pedro com a Rainha D. Maria Sofia Ifadel de Neoburg, filha de Filippe Wilhelmo, Eleitor Palatino, da qual teve o Principe D. Joaõ, que nafceo em Lisboa a 30 de Agofto de 1688, e falleceo a 17 de Setembro do mefmo anno, e jaz em S. Vicente de Fóra; o Principe D. Joaõ, que hoje reina: o Infante D. Francifco, que nafceo em Lisboa a 25 de Maio de 1691; o Infante D. Antonio, que nafceo em Lisboa a 15 de Março de 1694.; a Infante D. Therefa, que nafceo em Lisboa a 24 de Fevereiro de 1696, e morreo a 16 de Fevereiro de 1704, e jaz em S. Vicente de Fóra; o Infante D. Manoel, que nafceo em Lisboa a 3 de Agofto de 1697; a Infante D. Francifca, que nafceo em Lisboa a 30 de Janeiro de 1699. Falleceo a Rainha D. Maria Sofia em 4 de Agofto de 1699, e eftá fepultada em S. Vicente de Fóra.

Teve mais el Rei D. Pedro de differentes mulheres a Senhora D. Luiza, que cafou com o Duque D. Luiz Ambrofio de Mello, de que naõ teve filhos, e por fua morte cafou fegun-

da

da vez com ſeu Cunhado o Duque D. Jaime, Conſelheiro de Eſtado, e Guerra, Eſtribeiro Mór del Rei D. Joaõ o V., e Preſidente da Meſa da Conſciencia, e Ordens; o Senhor D. Miguel, que caſou com D. Luiza Cazimira de Naſſau, herdeira da Caſa de Arronches, e hoje Duqueza de Alafões; o Senhor D. Joſé, que ſegue a vida Eccleſiaſtica.

ELOGIO

Del Rei D. Joaõ, quinto do nome, e vigeſſimo quarto de Portugal.

NASCEO el Rei D. Joaõ V. na Cidade de Lisboa aos 22 de Outubro de 1689. Foi jurado Principe nas Cortes no primeiro de Dezembro de 1697, conforme as Leis de Lamego, que mandaõ, que o filho de Irmaõ naõ poſſa ſucceder na Coroa ſem ſer jurado pelos tres Eſtados do Reino.

Entrou a reinar a 9 de Dezembro de 1706, e no primeiro de Janeiro ſeguinte foi aclamado com geral applauſo dos ſeus vaſſallos. Continuou a guerra contra Caſtella até 7 de Novembro de 1712, em que ſe fez o Armiſticio, e depois de prorogado ſe concluio fe-

lizmente o tratado da paz na Cidade de Utrecht a 11 de Abril de 1713, ſendo neſta ſeus Embaixadores extraordinarios, e Plenipotenciarios Joaõ Gomes da Sylva, Conde de Tarouca, e D. Luiz da Cunha.

Publicada a paz neſta Cidade de Lisboa a 26 de Abril do meſmo anno começou a attender com maior cuidado ao governo da República para cuja utilidade tem feito muitas, e proveitoſas Leis, eſpecialmente a da prohibiçaõ das adagas, e das facas, cuja tranſgreſſaõ ſe tem caſtigado com ſeveriſſimas penas. No anno de 1716 mandou a favor da Santidade de Clemente XI. huma poderoſa Armada para que unida com as de outros Principes Chriſtãos refreaſſe a ſoberba do Graõ Turco, que ameaçava a toda Italia da ultima ruina.

Della foi por Almirante Lopo Furtado de Mendoça, Conde do Rio, e por Cabos ſubalternos Manoel Carlos de Tavora Conde de S. Vicente, e Sargento Mór de Batalhas, e Pedro de Souſa de Caſtello Branco, Coronel do Regimento da Armada Real.

Naõ ſe pode conſeguir o deſejado fim, porque a vigilancia dos Turcos lhes fruſtrou o intento, mas no anno ſeguinte tornando a entrar pelo Mediterraneo a meſma Armada com os meſmos Generaes, e com muita Nobreza que voluntariamente embar-

cou

cou, destruio a Armada dos Turcos com grande perda, de cujo importantissimo successo imprimio na Cidade de Messina huma relaçaõ em Portuguez hum Clerigo Regular, que havia assistido muitos annos em Lisboa.

Por indulto do mesmo Pontifice Clemente XI. erigio em Patriarcal a Collegiada de S. Thomé, que já tinha erecta na sua Capella Real, e para primeiro Patriarca a quem deo o titulo de Capellaõ mór, nomeou a D. Thomás de Almeida, Bispo que fora de Lamego, e do Porto com grandes privilegios, e prerogativas concedidas pela Sé Apostolica, e para maior decóro da Igreja novamente fundada formou hum Cabido das pessoas mais illustres pelo sangue, e pelas letras de todo o Reino, além de hum grande numero de Ministros, que servem a esta Santa Basilica. Deo o Patriarca a entrada pública em 13 de Fevereiro de 1717, em que se vio hum numerosissimo concurso de Nobreza, e povo, que concorreo para ser testemunha de pompa taõ solemne.

Instituio Sua Magestade em 8 de Dezembro de 1720 a Academia Real da Historia Portugueza estabelecida em huma das Salas do Paço do Duque, e para ella se elegeraõ cincoenta Academicos, que saõ os destinados para escreverem a Historia Ecclesiastica, e Secular deste Reino, e suas conquistas, além

de

Anno Historico 231
250

de outros muitos a que chamaõ Academicos Provinciaes, que tem a mesma honra com menos trabalho.

Tem alcançado no Estado da India importantes victorias pelos seus Vice-Reis, e Capitães Generaes Caetano de Mello de Castro, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, e outros. Mandou fazer moedas de ouro de oitocentos reis, de mil e seiscentos reis, de tres mil e duzentos, de seis mil e quatrocentos, e de doze mil e oito centos.

Todas tem de huma parte o seu retrato, e da outra o escudo das Armas Reaes.

E assim mais mandou fazer moedas de quatrocentos e outenta reis em ouro, e obrar nas Minas moedas de doze mil reis, e de vinte quatro mil reis, as quaes tem de huma parte à Cruz, com quatro MM., e da outra o mesmo Escudo Real.

Para os lugares Santos de Jerusalem mandou huma Custodia para nella se expor na gruta de Belem Sacramentado aquelle Deos, que na mesma Lapinha se dignou de nascer feito Homem; e para mostrar a sua grande piedade por varios Decretos tem dado tal providencia, que desde o anno de 1710 até o de 1722 tem hido de Portugal duzentos e vinte mil cruzados para subsidio daquelles Santos lugares. Por carta de 12 de Novembro de 1717 mandou a todas as Cathedraes, e Collegiadas deste Reino

que

que celebrassem a festa da Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria Padroeira do Reino com as maiores demonstrações de Solemnidade, e grandeza mostrando nesta piedosa recommendaçaõ a devoçaõ do seu Real animo para com aquelle purissimo Mysterio.

Na Villa de Mafra está edificando hum Templo taõ magnifico, e sumptuoso, que sem duvida será o melhor de todo o Reino.

Tem feito Duqueza de Alafoens a D. Luiza Casimira de Sousa, e Nassau mulher do Senhor D. Miguel, que morreo naufragante no Téjo a 13 de Janeiro de 1724, e a mesma mercê fez a seu filho primogenito D. Pedro; a D. Martinho Mascarenhas Conde que era de Santa Cruz, fez Marquez de Gouvea, e por sua morte deo o mesmo titulo a seu filho D. Joaõ Mascarenhas já Conde de Santa Cruz; a D. Pedro Antonio de Noronha Conde de Villa Verde fez Marquez de Angeja, e Conde de Villa Verde a seu filho primogenito D. Antonio de Noronha; a D. Diogo de Menezes filho terceiro do Marquez de Angeja fez Marquez de Marialva por casar com D. Joaquina de Menezes filha herdeira de D. Pedro Luiz de Menezes segundo Marquez de Marialva; a D. Francisco de Portugal Conde do Vimioso fez Marquez de Valença, e Conde do Vimioso a seu filho primogenito D. Joseph Miguel Joaõ de Portugal; ao Conde de Villar

Maior

Maior Fernaõ Telles da Silva, Marquez de Alegrete, e o mesmo titulo deo a seu filho Manoel Telles da Silva Conde que era de Villar Maior, e este ultimo titulo deo ao filho, e neto de ambos Fernaõ Telles da Silva; a D. Rodrigo Pedro Eannes de Sá Almeida, e Menezes seu Embaixador extraordinario a Roma mudou o titulo de Marquez de Fontes, no de Abrantes; a D. Manoel de Castro Conde de Monsanto fez Marquez de Cascaes, e a seu irmaõ D. Fernando de Noronha fez Conde de Monsanto; a Fernaõ de Sousa Coutinho fez Conde de Redondo, e por sua morte a seu filho Thomé de Sousa Coutinho, que por fallecer, lhe succedeo no mesmo titulo seu filho; a Tristaõ da Cunha de Attaide, Conde de Povolide, a D. Sancho de Faro, e a seu filho D. Diogo de Faro do Vimieiro, a André de Mello, de Castro Embaixador em Roma, das Galveas, a D. Manoel Mascarenhas, de Obidos, a D. Miguel Luiz de Menezes de Valladares, a D. Francisco Mascarenhas, de Coculi, a D. Henrique da Costa, de Soure, a Thomás Telles da Silva, de Visconde de Villa Nova de Cerveira por casar com a filha herdeira daquella casa, a D. Duarte da Camara, de Conde d'Aveiras por casar com a filha herdeira do Conde de Aveiras Luiz da Silva Tello, a D. Antonio de Almeida fez Conde do Lavradio de juro her-

herdade, a D. Eſtevaõ de Menezes de Tarouca.

Nomeou Biſpo do Porto, a D. Thomás de Almeida, que o era de Lamego, e he o primeiro Patriarca de Lisboa Occidental, e de Lamego a D. Nuno Alvares Pereira de Mello Reitor, e Reformador da Univerſidade de Coimbra; da Guarda a Joaõ de Mendoça; de Miranda a Joaõ de Souſa de Carvalho Conego Magiſtral da Sé de Evora, de Elvas a D. Fernando de Faro Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e por ſua morte a Joaõ de Souſa de Caſtello Branco Chantre da Real Collegiada de S. Thomé, de Portalegre, a D. Alvaro Pires de Noronha Conego da Sé de Lisboa, e do Algarve a Joſeph Pereira de la Cerda Prior mór que era de Palmella, e hoje Cardeal do titulo de Santa Suzana. Do Funchal ao Doutor Frei Manoel Coutinho Religioſo da Ordem de Chriſto, de Angra a D. Manoel Alvares da Coſta, que o era de Pernambuco, para cuja Cathedral nomeou ao Doutor Fr. Joſeph Fialho Monje de Ciſter, e do Rio de Janeiro a Fr. Antonio de Guadalupe Religioſo obſervante de S. Franciſco, do Maranhaõ a D. Fr. Joſeph Delgarte Religioſo da Ordem da Ss. Trindade, e do Pará novamente erecto a D. Fr. Bartholomeu do Pilar Religioſo da obſervancia do Carmo. De Goa a D. Sebaſtiaõ de Andrada Peçanha

Pro-

Promotor do Santo Officio de Evora, a quem ſuccedeo D. Ignacio de Santa Thereſa Conego Regular de Santo Agoſtinho, de Cochim ao Padre Franciſco de Vaſconcellos da Companhia de Jeſus, de Meliapor ao Padre Franciſco Laines da meſma Companhia a quem ſuccedeo D. Manoel Sanches Golaõ Clerigo do habito de S. Pedro, que naufragou hindo para a India. De Nanckim a D. Antonio Paes Godinho por cuja renuncia lhe ſuccedeo D. Fr. Manoel de Jeſus Maria da obſervancia de S. Franciſco na Recolleta do Varatojo. Do Patriarcado de Ethiopia ao Padre Manoel de Sá da Companhia, atégora eleito. Do Arcebiſpado da Serra, ou Cranganor ao Padre Manoel Pimentel da meſma Companhia. De Cabo Verde a Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Religioſo da Terceira Ordem de S. Franciſco, e por ſua morte a Fr. Joſeph de Santa Maria Religioſo da obſervancia de S. Franciſco na Recolleta do Varatojo, e de Angola a Fr. Manoel de Santa Catharina Religioſo do Carmo.

Caſou el Rei D. Joaõ V. em 27 de Outubro de 1708 com a Rainha D. Maria Anna Joſefa Antonia Regina de Auſtria, filha do Imperador Leopoldo I. Princeza digna de toda a veneraçaõ pela ſua prudencia, e grandes virtudes.

Del-

Della tem a Infante D. Maria, que naſceo em Lisboa a 4 de Dezembro de 1711; o Principe D. Pedro, que naſceo em Lisboa a 19 de Outubro de 1712, e falleceo a 29 de Outubro de 1714, e jaz em S. Vicente de Fóra; o Principe D. Joſeph, que naſceo em Lisboa a 6 de Junho de 1714; o Infante D. Carlos, que naſceo em Lisboa a 2 de Maio de 1716; o Infante D. Pedro, que naſceo em Lisboa a 5 de Julho de 1717; o Infante D. Alexandre que naſceo em Lisboa a 24 de Setembro de 1723.

Foi ſua Mageſtade de proporcionada eſtatura, de agradavel, e mageſtoſa preſença, olhos grandes, e pardos, nariz quaſi aquilino, e a bocca groſſa, foi naturalmente magnifico, dotado de agudo entendimento, de grande comprehenſaõ nos negocios, e inviolavel ſegredo, e de huma generoſidade de animo verdadeiramente incomparavel, como moſtra a continuada corrente da ſua Real grandeza, pela qual ſe tem feito reſpeitado em todo o mundo.

Morreo em Lisboa a 31 de Julho de 1750 com 60 annos 9 mezes, e 9 dias de idade, e de governo 43, ſete mezes e 23 dias. Jaz em S. Vicente de Fóra.

F I M.

IN-

INDICE
DOS ELOGIOS.

LI-

LIVROS IMPRESSOS Á CUSTA
de Francisco Rolland, *Impressor-Livreiro ao bairro alto, na esquina da rua do Norte.*

AVENTURAS de Telemaco: Nova Traducçaõ accrescentada com muitas notas, e adornada com o retrato de Fenelon, em 8. 1785.

Atlas novo com 24 Mappas, em 8.

Adagios, e Proverbios da Lingua Portugueza, em 8.

Arte de Prégar segundo o Evangelho, em 8.

Arte Poetica de Horacio por Candido Lusitano, em 8.

Avisos Religiosos, em 8. 4 Vol.

Amigo do Principe, e da Patria, em 8.

Belizario de Marmontel, Segunda Ediçaõ, em 8. 1785.

Bom Lavrador, em 8. 2 Vol.

Boa Lavradora, em 8.

Catecismo Romano, em 8.

Costumes dos Israelitas, e dos Christãos, em 8. 3 Vol.

Descripçaõ das Enfermid. dos Exercitos, em 12.

Despedidas da Marechal ** a seus filhos, em 8. 1785.

Diario do Christaõ, em 12.

Discurso sobre a Industria do Povo, em 8.

Escolha das melhores Novellas, e Contos mo-

moraes , traduzidos de MM. d'Arnaud ; Marmontel , e de Mad. Gomez , em 8. 4 Vol. 1784-86.

Brevemente se publicará o Tomo 5.

Efpirito do Chriftianifmo , em 8.

Elementos da Poetica de P. J. da Fonfeca , em 8.

Elogios Hiftoricos dos Reis de Portugal , em 8. 1786.

Fabulas de Efopo , em 8.

Homem Eícrupulofo , em 8.

Hiftoria Geral de Portugal por Damiaõ Antonio , em 8. 2 Vol. 1786. *Brevemente fahiráõ os Tomos 3. 4. e 5.*

Hiftoria de Theodofio o Grande por Flechier , Traducçaõ Pofthuma do Capitaõ Manoel de Soufa , em 8. grande 1786.

Hiftoria Ecclefiaftica do Abbade Ducreux , em 8. grande. 6. Vol. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 7. 8. e 9.*

Hiftoria Uuiverfal do Abbade Millot , em 8. grande. 5 Tomos. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 6. e 7.*

Hiftoria Geral de Portugal por La-Clede , em 8. grande. 8 Vol. *Brevemente se publicaráõ os Tomos 9. o 10.*

Hiftoria de Carlos Magno , em 8. 3. partes em 2 Vol.

Heroifmo da Amizade , Poema , em 8.

Imitaçaõ de Chrifto por Kempis , em 12. 1785. fig.

Imi-

Imitaçaõ da SS. Virgem, em 12.
Livro dos Meninos, em 8.
Miſcellanea Curioſa, e Proveitoſa, em 8. 7 Vol. *Brevemente ſe publicará o Tomo 8.*
Noites D'Young (as 24) com eſtampas, em 8. 2 Vol. 1785. *em bom papel.*
Noites Clementinas, Poema, em 8. 1785.
Naufragio de Sepulveda, Poema de Geronimo Corte Real, em 8.
Noticia da Mythologia, em 8.
Officio da Semana Santa; com as Rubricas em Portuguez, em 12. fig.
Obras eſcolhidas do Marquez de Caraccioli, em 8. 2 Vol. 1785.
Origem, e Orthografia da lingua Portugueza por Duarte Nunes do Liaõ, em 8.
Obras de Franciſco de Sá de Miranda, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Quita, em 8. 2 Vol.
Obras Poeticas de Valadares Gamboa, em 8.
Panegyricos, e Diſcurſos Evangelicos, em 8. 4 Vol. *Brevemente ſe publicaráõ os Tomos 5. e 6.*
Perfeito Pedagogo, em 12.
Peregrinaçaõ de hum Chriſtaõ, em 8.
Retrato da Morte por Caraccioli, em 8. 1785.
Reflexões Sobre a Vaidade dos Homens, em 8. 1786.
Regras da Verſificaçaõ Portugueza, em 8.
Syntaxe Latina explicada Segundo o moderno Syſtema filoſofico, em 8. 1785.

Se-

Secretario Portuguez, em 8.
Tratado das Obrigações da Vida Chriſta, em 8. 2 Vol.
Tratado das Aguas das Caldas, em 8.
Vida de Jeſus Chriſto na Eucariſtia, em 8.

O meſmo brevemente publicará os ſeguintes.

Satyras de Perſio em Latim, e em Portuguez, illuſtradas por ***, em 8.
Diccionario Abbreviado da Biblia, em 8.
A Graça, Poema de M. Racine, traduzido em verſo por Franciſco Manoel de Oliveira.
Laura de Anfriſo por Manoel da Veiga, em 8.
Anno Chriſtaõ de Croiſet, ou Exercicios de Piedade para todos os dias do anno, onde ſe contem a explicaçaõ do Myſterio, ou a vida do Santo de cada dia; com Reflexões ſobre a Epiſtola, e huma Meditaçaõ ſobre o Evangelho da miſſa, e algumas Práticas de Piedade proprias a toda a qualidade de Peſſoas: Traducçaõ Portugueza.
O engenhoſo D. Quixote de la Mancha por Miguel de Cervantes Saavedra, traduzido em Portuguez.
Enſaios de Moral, conteudos em diverſos Tratados ſobre muitas Obrigações importantes por M. Nicole, traduzidos em Portuguez.